SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

LUCIANA AMARAL GARCIA

AS REDES INTERPESSOAIS E O ESTRESSE DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

BELÉM – PARÁ

2019

LUCIANA AMARAL GARCIA

AS REDES INTERPESSOAIS E O ESTRESSE DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, vinculado ao Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profª. Drª. Maély Ferreira Holanda Ramos

BELÉM – PARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G216r Garcia, Luciana Amaral
As redes interpessoais e o estresse de professores da educação infantil / Luciana Amaral Garcia. — 2019.
162 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Dra. Maély Ferreira Holanda Ramos
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Saúde. 2. Docentes. 3. Redes Egocêntricas. I. Título.

CDD 370

LUCIANA AMARAL GARCIA

AS REDES INTERPESSOAIS E O ESTRESSE DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Texto apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará como exigência para Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação/PPGED, sob orientação da Profª Dr.ª Maély Ferreira Holanda Ramos.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Drª. Maély Ferreira Holanda Ramos
Orientadora – ICED/UFPA

Prof. Dr. Dimitri Fazito
Examinador Externo – UFMG

Prof. Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges
Examinador interno – PPGED/UFPA

Prof. Dr. Edson Marcos Leal Soares Ramos
Examinador interno – PPGSP/UFPA

BELÉM – PARÁ
2019

Ao meu querido esposo e amigo, Jeydson Garcia, que acompanhou cada fase desta trajetória, mostrando o quanto eu era especial e merecedora, mesmo que muitas vezes eu não acreditasse que seria capaz! Estamos juntos, sempre!

AGRADECIMENTOS

Preciso agradecer às pessoas com às quais me sinto forte. Estou me referindo a meu marido e amigo Jeydson Garcia, que viu minhas noites mal dormidas, o desespero para chegar nos locais no horário, as inúmeras vezes que quis desistir de tudo, e sempre se oferecia para ajudar a desempenhar funções que eu não conseguia naquele momento. Obrigada por ajudar a tornar essa fase mais leve. Registro também o quão maravilhoso o mestrado foi ao me aproximar de pessoas especiais como minha amiga Jamille Gabriela, que compartilhou comigo das frustrações e estresses das disciplinas e da escrita da dissertação. Além disso, nossa amizade se expandiu e conseguimos discutir qualquer assunto, de maneira séria, mas que termina em muitos risos, online ou presencialmente, com "um balde de batatas". Obrigada amiga, por ser um pilar de aprendizagens e sorrisos.

Além desta amizade, o mestrado me presenteou com uma amiga em forma de orientadora, a Profª. Drª. Maély Ferreira Holanda Ramos. Que mulher! Obrigada por suas orientações, conselhos, sorrisos, desafios, "balõezinhos", elogios, puxões de orelha, orações, que me fizeram muitas vezes voltar para o caminho mais forte. "Se um dia vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes!" Isaac Newton. Agradeço por me fazer enxergar que era possível, e foi!

Aos meus familiares, meus pais meus "velhinhos", Milton e Benedita, embora o tempo corrido, os momentos que nos encontrávamos eram suficientes para recarregar as energias. Obrigada por essa força! Aos meus sogros, Terezinha e Jedivaldo, que compreendiam o quanto a rotina de estudos, trabalho, família, dentre outros, era intensa, e por isso prestavam diferentes auxílios, e nunca deixavam de orar! Agradeço aos demais familiares, meus tios, irmãos, cunhados, sobrinhos, primos, que vibravam com as conquistas que tive.

Gostaria de agradecer as pessoas da Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua: professoras participantes da pesquisa, minha Gestora Cynthia, e a Profª Marluce Gatinho. Estas foram essenciais para que a pesquisa se realizasse, pois sem as professoras não haveria participantes; sem a Cynthia, não conseguiria estar presente nas atividades do mestrado e conciliar com meu trabalho, e a profª Marluce que concedeu acesso às escolas, mostrando sua preocupação com a saúde das professoras da rede municipal. Em forma de gratidão, espero que esta pesquisa possa contribuir positivamente com a Educação Infantil de Ananindeua.

Quero agradecer aos meus pequenos alunos, da turma de 2018 e 2019, que me fizeram mais feliz e menos estressada durante esses dois anos de mestrado, quando me

enchiam de abraços e beijos, colo afável quando estava cansada, faziam perguntas e respostas curiosas, e externavam muitos sorrisos, me mostrando que não existe nada melhor para uma professora, do que ser para o seu aluno um amigo, um bom exemplo. Eu aprendi muito com cada aluno que tive a honra de ensinar nesses dez anos na Educação Infantil, eles estarão para sempre na minha memória, e nas ilustrações deste trabalho. Obrigada por deixá-lo mais colorido!

Por fim, e não menos importante, agradeço ao meu Deus e Pai o privilégio de viver momentos transformadores em minha vida, em especial a conclusão deste curso de Mestrado, que foi primeiramente criado no coração dele, para ser sonhado e com Sua ajuda ser concluído por mim e minha orientadora Profª Drª. Maély Ramos. “Oh! Provai e vede que o Senhor é bom.” Salmos 34:08. Em todo esse caminhar ouvi Sua voz, principalmente nos momentos em que pensei em desistir, Ele nunca me deixou ficar em desespero, pois estava cercada de pessoas muito preciosas que me serviram de apoio.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

GARCIA. Luciana Amaral. As redes interpessoais e o estresse de professores da educação infantil. 2019. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil, 2019.

O estresse no meio profissional tem apresentado crescimento, devido o ambiente laboral demandar esforços e adaptações que implicam na saúde do trabalhador. Em especial, nos profissionais da Educação Infantil que atuam com uma faixa etária repleta de peculiaridades, com demandas específicas, além de questões da rotina burocrática do professor. Os impactos desta rotina se somados aos de outros ambientes relacionais que o professor faz parte, podem afetá-lo negativamente. Nesta pesquisa, além da utilização dos conceitos de Estresse e Professores de Educação Infantil, foram utilizados como aporte, os conceitos de Redes Sociais e a Metodologia da Análise de Redes Sociais. Esta técnica está sendo recentemente empregada em diferentes áreas, e no presente estudo, está sendo considerada para mapear as redes sociais pessoais, sua constituição e influência no estresse dos docentes. O referido estudo tem como objetivo geral analisar a prevalência do estresse em professores de Educação Infantil e sua relação com as redes sociais interpessoais. Para tanto, propõe-se como roteiro o desenvolvimento de 3 estudos. No Estudo 1 desenvolveu-se uma Revisão da Literatura, que captou 35 pesquisas sobre estresse em professores de Educação Infantil, publicadas entre 2008 e 2018, nas bases de dados CAPES, SCIELO, LILACS e ERIC; No Estudo 2 realizou-se uma pesquisa bibliográfica, na qual foram levantados dados quantitativos do Censo da Educação Básica a fim de caracterizar a Educação Infantil no Brasil; No Estudo 3 Verificou-se níveis de estresse e a construção de redes sociais pessoais de professores que possuem altos e baixos níveis de estresse, alcançados por meio do Inventário de Estresse do Professor (IEP), e um Questionário Sociométrico. Quanto aos resultados da Revisão da Literatura (Estudo 1), foram levantados 35 artigos sobre as temáticas, dos quais foram extraídas variáveis avaliadas por meio da Análise de Termos e Co-autoriaapontando na rede de coocorrência de autorias, 6 autores com maior importância de publicações, enquanto que na rede de palavras-chave, a variável com maior escore foi “educação infantil”, pois se trata do descritor principal das buscas. Os principais resultados da pesquisa documental (Estudo 2) mostraram que os dados do Censo e das Metas do Plano Nacional da Educação apresentaram avanços com relação as matrículas e ao número de escolas de Educação Infantil, se contrapondo aos dados sobre as condições infra-estruturais e formação adequada aos profissionais desta faixa-etária. O artigo 3 trouxe como resultados que a maioria (89,2%) das professoras convive com estresse leve, e uma parcela (10,7%) possui estresse de moderado a forte, o que mostra a importância da busca de associações entre estresse e as redes sociais pessoais das professoras. Suas redes são restritas a subgrupos como: família, colegas de trabalho, amigos, o que dificulta a entrada de novas informações na rede. Além disso, percebeu-se que o subgrupo familiar tem maior influência no estresse das docentes com alto e baixo estresse. Conclui-se que mais pesquisas devem explorar a relação saúde e docentes da Educação Infantil, sem deixar de levantar-se as condições de trabalho do profissional desta etapa, e as relações interpessoais, que como percebido, são influenciadoras do estresse das professoras estudadas, ressaltando-se a necessidade de compreender o profissional em sua integralidade.

Palavras-chave: Saúde. Docentes. Redes egocêntricas.

ABSTRACT

Stress in the professional environment has been growing, because the work environment demands efforts and adaptations that imply the workers' health. In particular, in early childhood professionals who work with an age group full of peculiarities, with specific demands, as well as issues of the teacher's bureaucratic routine. The impacts of this routine if added to those of other relational environments that the teacher is part of, can negatively affect it. In this research, besides the use of the concepts of Stress and Teachers of Early Childhood Education, were used as input, the concepts of Social Networks and the Methodology of Social Network Analysis. This technique is being recently used in different areas, and in the present study, it is being considered to map personal social networks, their constitution and influence on teachers stress. This study aims to analyze the prevalence of stress in preschool teachers and its relationship with interpersonal social networks. Therefore, it is proposed as a script the development of 3 studies. In Study 1 a Literature Review was developed, which captured 35 researches on stress in preschool teachers, published between 2008 and 2018, in the CAPES, SCIELO, LILACS and ERIC databases; In Study 2, a bibliographic research was carried out, in which quantitative data were collected from the Census of Basic Education in order to characterize Early Childhood Education in Brazil; In Study 3 we verified stress levels and the construction of personal social networks of teachers who have high and low stress levels, achieved through the Teacher Stress Inventory (IEP), and a Sociometric Questionnaire. Regarding the results of the Literature Review (Study 1), 35 articles on the themes were raised, from which variables were evaluated by means of the Analysis of Terms and Co-authorship, pointing to the co-occurrence network of authors, 6 authors with major importance. of publications, while in the keyword network, the variable with the highest score was “early childhood education”, as it is the main descriptor of searches. The main results of the documentary research (Study 2) showed that data from the Census and Goals of the National Education Plan showed progress in relation to enrollment and the number of preschool schools, in contrast to data on infrastructural and educational conditions. appropriate training for professionals in this age group. The article 3 brought as results that the majority (89.2%) of the teachers live with mild stress, and a portion (10.7%) has moderate to strong stress, which shows the importance of the search for associations between stress and the personal social networks of teachers. Your networks are restricted to subgroups such as family, co-workers, friends, which makes it difficult for new information to enter the network. In addition, it was noticed that the family subgroup has a greater influence on the stress of teachers with high and low stress. It is concluded that further research should explore the relationship between health and teachers of early childhood education, while raising the working conditions of the professional of this stage, and interpersonal relationships, which as perceived, are influencers of the stress of the teachers studied, highlighting the need to understand the professional in its entirety.

Keywords: Health. Teachers. Egocentric networks.

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 1

Tabela 1: Resultado detalhado da quantidade de artigos encontrados nas bases de dados CAPES, LILACS, SCIELO, ERIC, Brasil, 2019.....60

Tabela 2: Apresentação decrescente dos escores obtidos com a métrica Eigenvector Centrality para apontar as palavras-chave com maior destaque nos estudos encontrados nos diretórios CAPES, LILACS, SCIELO e ERIC, Brasil, 2019.....70

ARTIGO 2

Tabela 1: Número de escolas, segundo localização, Brasil, 2018.....88

Tabela 2: Número de docentes, segundo a Etapa de ensino, da Educação Básica no Brasil, no período de 2014 a 2018.....97

ARTIGO 3

Tabela 1: Estatística dos valores por nível de estresse (baixo/alto) dos professores investigados, Brasil, 2019.....118

Tabela 2: Caracterização dos professores de Educação Infantil do município de Ananindeua, por grupo: estresse forte e estresse leve, 2019.....119

Tabela 3: Vínculos que compõem as redes sociais pessoais das professoras de Educação Infantil do município de Ananindeua, 2019.....122

Tabela 4: Resultados das estruturas das redes, a partir do cálculo das métricas e da estatística descritiva, Brasil, 2019.....123

LISTA DE GRÁFICOS

ARTIGO 1

Gráfico 1: Porcentagem dos tipos de pesquisa mais utilizados nas metodologias dos artigos levantados nos diretórios da CAPES, LILACS, SCIELO e ERIC, Brasil, 2019.....61

Gráfico 2: Quantidade de artigos sobre Estresse e Professores da Educação Infantil e a classificação Qualis dos periódicos nos quais foram publicados, no período de 2008 a 2018.....62

ARTIGO 2

Gráfico 1: Percentual de escolas por dependência administrativa, Brasil, 2018.....90

Gráfico 2: Número de escolas por oferta de etapa de ensino, Brasil, 2018.....91

Gráfico 3: Número de matrículas na Educação Infantil, Brasil, 2014 – 2018.....92

Gráfico 4: Número de matrículas em creche por dependência administrativa da escola, Brasil, 2014-2018.....93

Gráfico 5: População de 4 a 17 anos que não frequenta escola, Brasil,2018.....95

Gráfico 6: Percentuais de progressão da escolaridade dos docentes na Educação Infantil do Brasil, 2014 - 2018.....98

LISTA DE FIGURAS

APRESENTAÇÃO

Figura 1: Estrutura da forma como está organizada esta dissertação, e detalhamento a respeito dos trabalhos que a compõe, Brasil, 2019.....21

INTRODUÇÃO

Figura 1: Relações de troca de informação (linhas/arestas) entre atores (pontos/nós) de uma empresa de produtos agrícolas, Brasil, 2011.....43

Figura 2: Representação da rede de organizações populares que fazem parte dos movimentos sociais da cidade do Rio de Janeiro, 2011.....46

Figura 3: Conexões estratégicas que o indivíduo 21 estabelece diretamente com outros atores, visando a circulação de informações na rede de movimentos sociais do Rio do Janeiro, 2011.....47

ARTIGO 1

Figura 1: Multigrafo das relações entre coautores, e dos autores de artigos sobre Estresse de Professores da Educação Infantil, que possuem maior e menor importância na rede, no período de 2008 a 2018.....67

Figura 2: Conexões entre termos-chave referentes às temáticas dos artigos levantados, Brasil, 2019.....72

Figura 3: Nuvem de palavras dos termos-chave relacionados à “educação infantil”, nos artigos sobre Estresse e Professores de Educação Infantil, no período de 2008 a 2018.....72

ARTIGO 2

Figura 1: Situação da concretização do Indicador 1A no Brasil, Região Norte, especificamente no Estado do Pará, 2019.....94

Figura 2: Situação da concretização do Indicador 1B no Brasil, Região Norte, especificamente no Estado do Pará, 2019.....94

Figura 3: Situação da concretização do Indicador 15 no Brasil, Região Norte, e especificamente no Estado do Pará, 2019.....99

ARTIGO 3

Figura 1: Representação esquemática das subescalas e exemplificação de perguntas que compõem o Inventário de Estresse do Professor, Brasil, 2019.....115

Figura 2: Estruturas das redes de relacionamentos das professoras de Educação Infantil com estresse leve, Brasil, 2019.....125

Figura 3: Estruturas das redes de relacionamentos das professoras de Educação Infantil com níveis de estresse elevado, Brasil, 2019.....126

LISTA DE QUADROS

ARTIGO 1

Quadro 1: Palavras-chave em português e inglês utilizadas para busca de artigos sobre Estresse em Professores de Educação Infantil, nos diretórios de pesquisa da CAPES, LILACS, SCIELO E ERIC, no período de 2008 a 2018.....57

Quadro 2: As métricas mais utilizadas em Análise de Redes e seus conceitos, Brasil, 2019..59

Quadro 3: Valores obtidos por cada autor para a métrica *Eigenvector Centrality*, suas parcerias, seu papel na rede e o número de artigos que publicou em parcerias, Brasil, 2019 (Continua).....64

Quadro 3: Valores obtidos por cada autor para a métrica Eigenvector Centrality, suas parcerias, seu papel na rede e o número de artigos que publicou em parcerias, Brasil, 2019 (Conclusão).....65

LISTA DE SIGLAS

ARS	Análise das Redes Sociais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
GEITESC	Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Teoria Social Cognitiva
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEP	Inventário de Estresse do Professor
ILO	*International Labour Organization*
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Leis de Diretrizes e Bases
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEPS	Laboratório de Estudos Psicofisiológicos do Stress
MEC	Ministério da Educação
NEAC	Núcleo de Estudos Aplicados ao Comportamento
PNAD	Pesquisa Domiciliar por Amostra de Domicílio
PNE	Plano Nacional da Educação
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SGA	Síndrome Geral da Adaptação
SIMEC	Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle do Ministério da Educação
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO....18
SEÇÃO I....22
1. INTRODUÇÃO....23
1.1. O Estresse....23
1.2. Estresse Ocupacional em Professores....28
1.3. Professores de Educação Infantil....33
1.3.1 Formação e Perfil dos professores da Educação infantil....36
1.4. Redes Sociais e Análise de Redes Sociais....40
SEÇÃO II....51
ESTUDO 1....52
2.1 INTRODUÇÃO....53
2.2 MÉTODO....57
2.2.1 Natureza da Pesquisa....57
2.2.2 Delimitação das fontes e Procedimentos de coleta....57
2.2.3 Análise dos dados....58
2.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO....60
2.3.1 Análise de redes de termos-chave e coocorrências de autoria....63
2.3.2 Rede de coocorrência de autorias....63
2.3.3 Análise de conexões de termos-chave....69
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS....75
2.5 REFERÊNCIAS....76
SEÇÃO III....80
ESTUDO 2....81
3.1. INTRODUÇÃO....82
3.2 MÉTODO....86
3.2.1 Natureza da Pesquisa....86
3.2.2 Delimitação das Fontes....86
3.2.3 *Procedimentos de coleta de dados....87*
3.2.4 Analise de dados....87
3.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO....87
3.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS....100

3.5 REFERÊNCIAS.....101
SEÇÃO IV 104
ESTUDO 3 105
4.1. INTRODUÇÃO..... 106
4.2 MÉTODO 110
4.2.1 Natureza da Pesquisa 110
4.2.2 Definição e caracterização das Amostras.....111
4.2.3 Procedimentos Éticos.....111
4.2.4 Procedimentosde Coleta.....112
4.2.5 Instrumentos de Coleta.....113
4.2.6 Análise dos dados.....116
4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....117
4.3.1 Níveis de Estresse de Professores da Educação Infantil.....117
4.3.2 Caracterísiticas das participantes por grupo investigado: alto e baixo estresse.....119
4.3.3 Características estruturais e origem do estresse nas redes sociais pessoais.....121
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....130
4.5 REFERÊNCIAS.....131
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....135
REFERÊNCIAS.....138
ANEXOS.....144
APÊNDICES.....158

APRESENTAÇÃO

O referido trabalho é produto da curiosidade e do desejo de contribuir com as investigações a respeito da saúde dos Professores da Educação Infantil. Como professora desta etapa a mais de dez anos, tanto na rede particular, e mais recentemente na rede municipal do município de Ananindeua, a experiência endossou a vontade de buscar explicações para contribuir com melhorias na qualidade do trabalho com crianças da faixa-etária de zero a cinco anos, pois foram perceptíveis as implicações do trabalho docente em minha saúde nos aspectos físico, mental, social e cognitivo.

Compreender os estressores que circundam a rotina dos professores tonar-se-ia fundamental para o esclarecimento dos fenômenos que eu acabava vivenciando, e que afetavam negativamente meu relacionamento com as crianças e outros que compunham meus círculos sociais. Apesar de ser para mim uma prática prazerosa, situações como rotina intensa, excesso de trabalho extraescolar, exigência dos diferentes papéis que precisava exercer como mulher (esposa, professora, líder, dona de casa), eram fatores que mais elevavam meu estresse, e são os fatores de risco para essas tensões mais evidenciadas na literatura (PESSANHA; CORRÊA, 2015; SADIR, BIGNOTO, LIPP, 2010).

A busca por esta compreensão ficou mais intensa quando em 2017 passei a fazer parte do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Teoria Social Cognitiva – GEITESC, que se orienta pela Teoria Social Cognitiva de criação do psicólogo Albert Bandura, que observa a explicação para os comportamentos humanos através dos construtos que criara. Percebi o quanto o comportamento frente aos estressores poderia influenciar na saúde mental e física dos sujeitos, o que levou a aproximação destes conceitos para o estudo.

No mesmo grupo, pude estabelecer contato com a Professora Dra. Maély Ferreira Holanda Ramos, que possui currículo com publicações, frutos das orientações de trabalhos de conclusão e artigos voltados para as temáticas da saúde e qualidade de vida do professor, trabalho docente, Teoria Social Cognitiva, estresse, dentre outros. A referida professora trouxera as possibilidades metodológicas e teóricas para que a ideia de projeto e dissertação pudesse ser iniciada. Após a aprovação no mestrado, passei a compor o Núcleo de Estudos Aplicados ao Comportamento (NEAC), vinculado à UFPA, sob coordenação da Profª Drª Maély Ramos, onde técnicas e teorias foram aprofundadas. Com início de suas atividades no ano de 2018, este grupo possui atualmente 15 membros entre professores e alunos da graduação e pós-graduação, com formação em campos distintos, que se reúnem mensalmente

para pesquisar e estudar os comportamentos e suas repercussões nas mais diversas áreas, tais como educação, saúde, segurança pública, dentre outras.

Esta pesquisa tem um objetivo particular, de contribuir com o quadro docente da Educação Infantil do município de Ananindeua, no Estado do Pará. O município de Ananindeua faz parte da Região Metropolitana de Belém (RMB), e segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019) possui 530.598 de habitantes, o que faz com que esta cidade seja a segunda maior cidade do Estado do Pará (BORGÉA; FIGUEIREDO, 2018).

Neste município vêm sendo implantadas políticas de desenvolvimento, como as do âmbito educacional que se iniciaram no ano de 2005 procurando fortalecer o sistema municipal de ensino. Projetos como o "Escola Ananin Escola Cidadã" (2005) visam promover a Educação Infantil e possibilitar a participação dos professores na discussão e elaboração do projeto político pedagógico. No entanto, o município carece de vagas para a educação de crianças de 3 a 5 anos, além da falta de um programa de formação continuada para docentes e técnicos da educação básica, sendo estes desafios para a Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua-SEMED/Ananindeua (FARIAS, 2009).

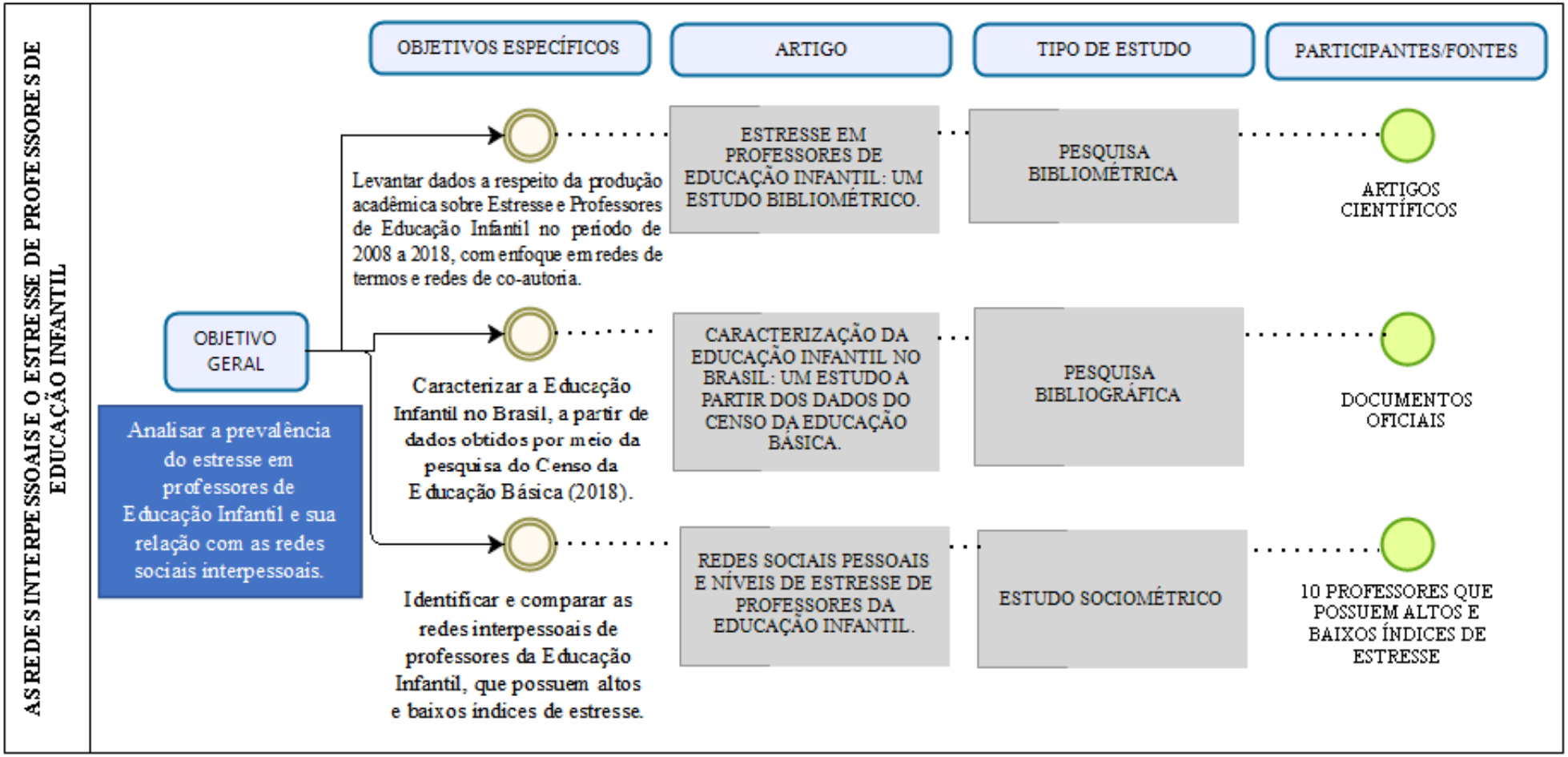
Medidas procuram valorizar os profissionais da educação, pois o salário é o menor da região Metropolitana de Belém, e os professores não recebem a gratificação de nível superior, uma reivindicação antiga, a que deveriam usufruir. As condições de trabalho dos profissionais são um dos fatores desafiadores para melhoria na educação dos alunos e trabalho do docente, e podem colaborar para o surgimento ou agravamento de sintomas de estresse (FARIAS, 2009). Muitos professores que estejam em situação de estresse podem não saber identificá-lo, ou reconhecer seus sintomas e estressores, para melhor lidar com a síndrome. Este documento terá uma contribuição se puder ser utilizado como ferramenta de consulta para que autoridades municipais, estaduais possam tê-lo como referência na elaboração de novos documentos em prol da educação pública.

Esta pesquisa compõe um projeto "guarda-chuva" denominado "Estresse, Burnout e Regulação emocional: Implicações para Professores e Alunos". O mesmo foi submetido à avaliação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, e aprovado sob o parecer de número 3.026.005, em 19 de novembro de 2018. Como interesse principal, a pesquisa analisa se a prevalência de estresse em professoras de Educação Infantil está relacionada com as redes de relações pessoais a que as docentes participam. Para tanto, foi necessário levantar estudos que discutem a respeito do

estresse em professores da Educação Infantil; realizar a apresentação das características da Educação Infantil brasileira com base em dados do Censo da Educação Básica; correlação entre os níveis de estresse com as redes sociais pessoais dos docentes.

Esta dissertação está organizada em seções que compõem os trabalhos que foram originados por cada objetivo específico da pesquisa maior. Sendo assim, além de conter Apresentação e Introdução à temática, a estrutura está dividida em três estudos: **Artigo 1**: Estresse em professores de educação infantil: um estudo bibliométrico; **Artigo 2**: Caracterização da educação infantil no Brasil: um estudo a partir dos dados do Censo da Educação Básica; e **Artigo 3:** Redes sociais pessoais e níveis de estresse dos professores de educação infantil. Um panorama da pesquisa pode ser visualizado na Figura 1.

Figura 1: Estrutura da forma como está organizada esta dissertação, e detalhamento a respeito dos trabalhos que a compõe, Brasil, 2019



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

SEÇÃO I

SEÇÃO I

1. INTRODUÇÃO

1.1. O Estresse

As mudanças globais que cada vez mais afetam os níveis pessoais e sociais dos indivíduos, desencadeiam situações de desequilíbrio. A tecnologia avançada, assaltos, desestruturação familiar, excesso de competitividade, mudanças nos valores, princípios e hábitos são exemplos de fatores motivadores de tensões, levando a constantes transformações comportamentais dos sujeitos (LIPP, 2007, 2014). Aquele que está inserido neste contexto esforça-se para adequar-se ao mesmo, adaptando-se a novas realidades, o que pode afetar seu bem-estar e qualidade de vida (FOLKMAN, 2010).

A tentativa do indivíduo de eliminar completamente as fontes de tensão de sua rotina é impraticável, mas torna-se necessário que saiba enfrentá-las para a manutenção da própria vida. O estresse seria então uma reação que envolve componentes físicos, psicológicos, mentais e hormonais frente a desafios que exijam grande adaptação. Pode-se dizer também que, é um estado de tensão no qual ocorre o desequilíbrio no funcionamento global do ser humano, ou seja, abalos mentais e físicos, enfraquecendo seu sistema imunológico, deixando-o sujeito a doenças (LIPP, 2014).

O termo estresse foi utilizado na literatura inglesa, até o século XVII, fazendo alusão à aflição e adversidade. Posteriormente, a palavra aparece pela primeira vez empregada para indicar um complexo fenômeno constituído por *tensão-angústia-desconforto*. Já no século XIX, a utilização do termo estresse também sofreu alterações em seu enfoque, sendo então aplicada para referir-se a uma ação de força, pressão ou influência sobre um indivíduo causando sobre ele uma deformação. Deste ponto de vista, o termo estresse possui origem na Física, pois quando um determinado material é submetido a um esforço apresenta um grau de deformidade, que será maior ou menor dependendo da sua resistência e da pressão a que foram submetidos (LIPP, 2003; LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 2009).

A partir do século XX, começam a emergir reflexões a respeito de uma possível relação entre eventos estressantes e doenças físicas e mentais. Surge então, em 1910, a figura do médico inglês Sir William Osler, que realizou um experimento com um grupo de 20 médicos portadores de *angina pectoris*[1], nos quais observou que o excesso de trabalho e

[1] Termo utilizado para "caracterizar a dor torácica causada pela falta de sangue (isquemia) que acomete o músculo cardíaco" (HOSPITAL ALBERT EINSTEN, 2019).

preocupação com o desempenho levaria ao aparecimento de doenças coronárias. Entretanto, suas observações não foram levadas em consideração na área médica (LIPP, 2003, p.17). O fisiologista Claude Bernard sugeriu, em 1879, que mesmo que ocorram mudanças no ambiente externo ao organismo, seu ambiente interno deverá permanecer preservado. Já em 1914, o também fisiologista Walter Cannon discutiu que ao se deparar com uma situação de perigo ou emoção muito forte, o organismo do indivíduo desenvolvia uma reação de emergência mobilizando energia e através de esforços fisiológicos tentava restaurar a estabilidade do meio interno do organismo para o funcionamento harmônico de todos os sistemas do corpo, denominado de "homeostase", termo sugerido por ele mesmo (LIPP, 2003; ARANTES; VIEIRA, 2010).

Tanto Bernard quanto Cannon influenciaram com suas ideias ao endocrinologista Hans Selye, que enquanto estudante de medicina resolveu dar continuidade as questões levantadas por Sir Osler, ao perceber em um grupo de pacientes seus que os mesmos apresentavam um conjunto de reações semelhantes quando precisavam lidar com situações de tristeza, angústia, sofrimento. Selye, em 1926, nomeou esse conjunto de reações de Síndrome Geral da Adaptação (SGA), chamada também de "Síndrome do Stress Biológico" ou até mesmo "a síndrome do simplesmente estar doente", e somente em 1936 ele sugeriu o uso da palavra estresse para definir melhor esta síndrome que ocorre a partir de agentes externos (LIPP, 2003; MELEIRO, 2002).

Em suas pesquisas sobre a evolução do conceito de estresse, Faro e Pereira (2013) constataram que desde que foi proposto por Selye em 1936, perspectivas diferentes trouxeram novas conceituações a partir das peculiaridades com as quais enxergavam o fenômeno. Com a perspectiva baseada na resposta, objetivou-se compreender as consequências do estresse para a saúde do indivíduo. Já para a perspectiva baseada no estímulo, torna-se importante esclarecer quais são os estressores e como o sujeito procura adaptar-se aos mesmos. E a mais recente, denominada perspectiva cognitiva, preocupa-se em avaliar as consequências das experiências estressoras sobre o sujeito. Atualmente, o conceito de estresse está voltado para a "interpretação de estressores e as modalidades de repercussão que incidem sobre o organismo".

O que já é sabido é que o estresse corresponde a um processo composto por etapas, com sintomas com baixa, média ou grande intensidade. Por não ser uma reação única e sim um processo bioquímico longo, é que se faz necessário perceber que o organismo que está sob o processo da SGA apresenta alterações que se desenvolvem em três fases denominadas por

Selye, em 1956, de Fase de Alerta, Fase de Resistência e Fase de Exaustão, e compõem o modelo trifásico do estresse, que representaria como o organismo tenta se adaptar ao estressor utilizando grandes quantidades de energia (MELEIRO, 2002; LIPP, 2014).

Na Fase de Alarme, também chamada de "momento positivo" por Romanek e Rocha (2015), o indivíduo busca uma resposta ao estímulo, mobilizando músculos e vasos do corpo, objetivando a preservação da vida, para que não perca controle sobre a mesma. Assemelha-se a fase de emergência discutida por Cannon, na qual o organismo quando se encontra sujeito a estímulos ameaçadores necessita preparar-se para seu enfrentamento ou fuga. Nesta fase ocorre a liberação da adrenalina, uma substância que reduz o diâmetro dos vasos sanguíneos, além da aldosterona, hormônio responsável pela diminuição da produção da diurese, elevando o volume de líquido interno, e o número de plaquetas no sangue (LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 2009; LIPP, 2014).

O próximo estágio, denominado Fase de Resistência na qual ocorre a permanência da ação do estressor e a tentativa do indivíduo de se adaptar a situação, o organismo tenta aumentar a capacidade de sua resistência acima do normal, havendo grande acúmulo nas suprarrenais de grânulos de secreções hormonais e com isso a rarefação do sangue. Nesta fase ocorrem várias tentativas do alcance do reequilíbrio com a utilização de grande energia utilizada para outras funções vitais, levando a uma sensação de desgaste, com o aparecimento de sintomas como perda de memória, irritabilidade, mudanças de humor, e diminuição do desejo sexual (LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 2009; LIPP, 2003, 2014).

Ainda segundo Lipp (2014) e Meleiro (2002), na Fase de Exaustão o indivíduo permanece sob os estímulos estressores esgotando sua energia de adaptação, levando a quebra total da resistência física e emocional. Os sintomas desta fase se assemelham aos da Fase de Alarme, porém com maior intensidade. Ocorre a exaustão psicológica em forma de depressão e a exaustão física em forma de doenças graves, o que pode levar o indivíduo a morte. O cortisol passa a ser produzido em grande quantidade, tendo o efeito de destruir as defesas imunológicas. Cada pessoa terá afetado o órgão que tiver maior vulnerabilidade, levando-se em conta sua fragilidade, constituição e heranças genéticas.

Este modelo proposto por Selye se sustentou até que, depois de quinze anos de pesquisas, a psicóloga Marilda Novas Lipp no Laboratório de Estudos Psicofisiológicos do Stress da PUC de Campinas (LEPS), identificou uma quarta fase que a pesquisadora denominou de Fase de Quase-exaustão, que se situaria entre as fases de resistência e de exaustão, esta última também conhecida como Fase de Esgotamento (MELEIRO, 2002). A pesquisadora ao identificar esta quarta fase, propõe um modelo quadrifásico para o estresse

que expande o modelo trifásico de Selye de 1936. Para a psicóloga, a Fase de Quase-Exaustão, conhecida também como fase negativa ou patológica do estresse, caracteriza-se pelo início do adoecimento dos órgãos que começam a demonstrar sinais de deterioração, pois a resistência já não está tão eficaz. As defesas do organismo não conseguem resistir às tensões e restabelecer a homeostase interior. Podem surgir doenças graves como, úlceras, pressão alta, psoríase, vitiligo. Somente se houver o agravamento de tais doenças é que poderá ser considerado que ocorrera uma evolução do quadro de quase-exaustão para o quadro mais grave, o de exaustão (LIPP, 2012, 2014).

A partir do que já foi exposto, pode-se perceber que o estresse é uma reação natural do organismo do indivíduo que o impulsiona a ação diante de uma tensão interna ou externa (MELEIRO, 2002). Assim como, também o estresse excessivo traz inúmeras consequências no âmbito psicológico e emocional como cansaço mental, afeta a concentração e a memória imediata, produz apatia e indiferença emocional, a criatividade é prejudicada, além do surgimento de crises de ansiedade e humor. O estresse tem implicações que reduzem a energia que estimula os instintos que o ser humano possui para aproveitar a vida, o que gera outros problemas físicos associados (LIPP, 2014).

É importante fazer a diferenciação entre o estresse como processo e o estresse como estado. Sobre o organismo aparecem estímulos estressores que podem ocorrer em processos advindos pelas situações vivenciadas, que o levarão a dar uma resposta a estes estímulos, denominado estado de estresse. Portanto, durante o processo de estresse o sujeito lida com a tensão da situação desafiadora por ameaça ou conquista, já no estado de estresse, surgem os resultados positivos ou negativos do esforço que a pessoa fez, estimulados pela tensão (LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 2009).

Os resultados positivos ao processo de estresse, ou seja, quando o esforço em busca da adaptação resulta na sensação de realização pessoal, bem-estar e satisfação, quando o esforço despendido é valorizado, o sujeito tem como resultado o estresse positivo ou **eustress,** vivenciado potencialmente na fase de alerta. Por outro lado, se o sujeito enfrenta a tensão pela quebra do equilíbrio biopsicossocial, pelo excesso ou falta de esforço, sem a compatibilidade entre tempo, resultados e realização, o mesmo está no estado negativo ou de **distress** (LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 2009).

São muitas as fontes de estresse que precisam ser identificadas a fim de se prevenir e controlar esta síndrome. O ser humano identifica facilmente os fatores externos como geradores de seu estresse, pois costuma procurar fora de si a razão para os problemas enfrentados, sendo esta uma atitude inútil em relação à síndrome já que somente ao

compreender a causa da tensão é que poderá ser tomada alguma atitude para eliminá-la. No entanto, não são somente fatores externos, como também fatores internos podem dar origem ao estresse, pois dentro do ser humano existe uma "fábrica interna de estresse" (LIPP, 2012, p. 117).

Esses fatores causadores de estresse são denominados **estressores externos e estressores internos** do sujeito. No entanto, o mesmo evento estressor pode causar reações diferentes em cada pessoa, pois cada uma poderá realizar a interpretação do mesmo ou apresentar maior ou menor vulnerabilidade a ação do estressor. Como exemplo de estressores externos têm-se as relações sociais conturbadas, perdas em vários setores da vida, altas demandas profissionais, pressão social, discriminação, excesso de cobranças, aposentadoria. Eventos positivos também podem ser entendidos como estressores externos, como a chegada de uma criança na família, a realização de um sonho, promoção na vida profissional, etc., que demandam rápida adaptação do indivíduo (LIPP, 2014).

Necessitando de atenção tanto ou mais do que os estressores externos, existem também os estressores internos. O sujeito que esteja sob estímulos internos geradores de tensão, por vezes não compreendem a origem da tensão mental e física que sofrem. Alguns exemplos de estressores internos podem ser pensamentos negativos e pessimistas, ideias preestabelecidas, perfeccionismo, pressa, ciúmes, e um olhar estressante para enxergar o mundo. Às vezes situações irreais são criadas e interpretadas como sendo perigosas, quando na verdade não são (LIPP, 2014).

Estudos recentes de Florêncio (2015), Santos (2018) e França (2018) identificaram como eventos estressores, respectivamente, o grupo familiar como responsável por elevado estresse em adolescentes; a violência em diferentes contextos a qual adolescentes ficam revelados; e a rotina exaustiva de cuidados que crianças com necessidades especiais e seus cuidadores estão expostos.

Investigações constataram que os estressores podem ser de origem social, quando afetam as relações interpessoais dos indivíduos. Estas fontes podem ter relação com pessoas do convívio íntimo, como familiares, cônjuges, ou a ausência de apoio em outras esferas, como as dificuldades em relacionamentos profissionais, o que comprovadamente afeta o desempenho profissional do indivíduo. A aquisição de técnicas de controle do estresse são estratégias utilizadas para o enfrentamento do estresse e melhoria das habilidades sociais (LIPP; COSTA; NUNES, 2017; SADIR; LIPP, 2013).

Pesquisas realizadas com profissionais de áreas distintas evidenciaram que ocorre a necessidade de adaptação a rotinas, principalmente no local de trabalho, o que eleva os níveis

de estresse dos trabalhadores. Estes também apontaram como fontes do estresse laboral o "[...] excesso de atividades, a falta de planejamento e os conflitos de interesses e valores" (SADIR; LIPP, 2009, p.120). Dos profissionais que responderam à pesquisa, os que mais estão sujeitos a fontes de estresse são os engenheiros, autônomos, administradores e profissionais de saúde. No entanto, há autores que enfatizam que existe uma relação entre a atividade docente e o estresse ocupacional advindo dela, tornando-a uma das mais estressantes na atualidade, que mesmo merecedora de todo respeito e reconhecimento, ocorreu uma deterioração das condições da formação e da prática desses profissionais, levando a sua desvalorização perante a sociedade em geral (MELEIRO, 2002; ZORKOT, 2011).

1.2. Estresse Ocupacional em Professores

Em uma pesquisa realizada em 2016 pela *International Labour Organization* (ILO), com 324 representantes de 54 países, constatou-se que 90% dos entrevistados entende o estresse como um problema global em seus países, devido à prevalência da doença, necessitando a identificação das causas, principalmente situadas nos efeitos das atividades profissionais. Já no Brasil, o estresse atinge 35% da população brasileira, e pode ter como origem diversos fatores, sejam eles individuais, sociais, profissionais, etc., que interferem nas relações pessoais, e nas grandes organizações da sociedade, chamando atenção de organizações internacionais para atitudes "antiestresse", principalmente no ambiente laboral. No que diz respeito a um tipo de estresse em particular — o Estresse Ocupacional, surge de tensões cotidianas frequentes, com efeitos que serão sentidos a longo prazo, interferindo "na produtividade, na criatividade, no poder de concentração e raciocínio lógico das pessoas" (LIPP; COSTA; NUNES, 2017, p. 51).

Outros fatores como a vulnerabilidade orgânica, o enfrentamento e compreensão inadequados da situação estressora, também podem estar associados ao estresse, causando enfermidades ou disfunções na vida do indivíduo. A literatura indica que o estresse ocupacional é uma experiência vivida individualmente ou de maneira compartilhada por profissionais que estão sob a mesma situação estressora, na qual surgem sentimentos de hostilidade, tensão, ansiedade, frustração, depressão, motivados por estressores encontrados no ambiente de trabalho, que aumentam a frequência de tais sintomas nos trabalhadores (NUNES SOBRINHO, 2002; PRADO, 2016; LIPP; COSTA; NUNES, 2017).

As instituições trabalhistas buscam o bom andamento das suas atividades, e precisam que seus colaboradores estejam preparados para conciliar as exigências do trabalho com sua

vida particular. Do contrário, estes fatores individuais podem gerar estresse acarretando consequências negativas tanto para as empresas como para o trabalhador. Os estudos recentes apresentam que o estresse ocupacional atinge trabalhadores com ou sem cargo de chefia, como os gestores que devido à grande responsabilidade, manifestam sintomas físicos e psíquicos com grande intensidade (MAFFIA; PEREIRA, 2014; SILVA; SALLES, 2016).

Ao mesmo tempo que o trabalho é uma conquista, as condições de trabalho e sua organização trazem o desgaste e sofrimento ao trabalhador. Fatores como o ambiente laboral, indefinição entre o papel esperado pelo empregador e o que o funcionário executa, o desenvolvimento na carreira a partir de avaliações de desempenho, as relações entre os colegas que possam gerar conflitos, a pouca participação nos processos de decisão da empresa são grandes facilitadores de estresse. No entanto, espera-se que o trabalhador consiga lidar com tais fatores, moldando sua personalidade para que possua estratégias de defesa em situações estressantes, principalmente para que não desenvolva sofrimento e doenças. Estas estratégias poderão ser aplicadas e terem efeito durante um tempo, mas não para sempre (ARANTES; VIEIRA, 2010).

Em relação ao estresse ocupacional em uma classe específica de trabalhadores, estudos com professores constataram que os mesmos possuem motivação em condições adversas para prosseguir no que acreditam. Embora se encontrem em um ambiente profissional com condições inadequadas, como a violência ou dependência financeira, que influenciam seus níveis de estresse, não perdem o prazer da prática da sua profissão (SILVA; DAMÁSIO; MELO, 2009).

A atuação do professor é cercada de múltiplos deveres laborais que extrapolam sua carga horária tanto no ambiente intraescolar, como no ambiente extraescolar, e que exigem grande complexidade e responsabilidade, o que gera efeitos comprometedores da saúde deste profissional, implicando na instituição em que trabalha e na dinâmica do trabalho pedagógico realizado. Por estarem expostos a inúmeros fatores que afetam seu equilíbrio interno, gerando tensões, os professores reagem diferentemente, pois possuem características pessoais distintas, e podem não apresentar suporte emocional, material ou social para gerenciar tais situações laborais, elevando as manifestações emocionais e de cansaço diante do estresse (GOULART JUNIOR; LIPP, 2008; ZORKOT, 2011; SCANDOLARA, WIETZIKOSKI GERBASI; SATO; 2015; WEBER; LEITE; STASIAK; SANTOS; FORTESKI, 2015).

O docente vivencia, portanto, o estresse ocupacional, que pode gerar doenças mais graves como a Síndrome de Burnout, na qual o professor experimenta o esgotamento profissional, com sintomas como fadiga, depressão, auto depreciação, o que o torna

fragilizado frente ao trabalho, levando-o a refletir sobre sua profissão (GOULART JUNIOR; LIPP, 2008; ZORKOT, 2011). Existe a diferença entre o estresse e a Síndrome de Burnout, pois no estresse podem ser observados aspectos tanto positivos quanto negativos, porém predominam os sintomas físicos e as emoções exageradas, diferentemente do Burnout também denominado esgotamento profissional, no qual sobressaem os aspectos negativos do estresse caracterizado por causar condições negativas tanto para a organização, como a baixa produtividade, quanto para o indivíduo, se estendendo a todos os aspectos da sua vida, podendo levar até mesmo ao óbito (PRADO, 2016; SILVA; SALLES, 2016).

Indivíduos que trabalham com atividades que estão direcionadas às pessoas e/ou estabelecem contatos interpessoais, como os professores, são as que estão mais suscetíveis ao Burnout. Afinal, muitos docentes chegam ao início de sua atuação com expectativas elevadas, pois estão altamente engajados em sua profissão. Porém, as realizações de suas ideias podem ser frustradas ou por falta das condições adequadas, ou pela ausência de reconhecimento de seu engajamento. O Burnout surge através de pequenos sinais de alerta, que se não forem identificados podem levar a uma sensação de quase terror em relação ao ambiente escolar (REINHOLD, 1996; FRANÇA; OLIVEIRA; LIMA; MELO; SILVA, 2014).

Para França *et al.* (2014), a Síndrome de Burnout é a resposta do sujeito ao estresse gerado no ambiente laboral através de três dimensões, que são: a exaustão emocional, a despersonalização e a falta de realização pessoal. A primeira, fase da **Exaustão Emocional**, o indivíduo reconhece não estar preparado para despender energia necessária em seu trabalho, tendo a sobrecarga de atividades e o conflito pessoal nas relações como algumas implicações para a esta fase. A próxima fase é tida como a característica que distingue o estresse do Burnout, denominada **Despersonalização**, conceituada como uma defesa da carga emocional que surge para evitar o contato com o outro, e pode levar o indivíduo a ignorar o sentimento do próximo. E a **Reduzida Realização Profissional**, caracterizada pelo surgimento de um sentimento de insatisfação que a pessoa começa a sentir por ela mesma e pela execução do seu trabalho, podendo levar a uma baixa autoestima.

A literatura indica que estresse ocupacional pode afetar os professores que atuam em todos os níveis da educação básica e superior. O estresse pode influenciar, por exemplo, os professores de educação infantil, os quais lidam com crianças em idade pré-escolar, e possuem a rotina estressante, sendo este um fator que não é mencionado em sua formação acadêmica. Dentre os fatores do contexto profissional que mais podem gerar estresse nos professores pré-escolares, os mais mencionados são: número excessivo de alunos por turma, ausência de estrutura física e apoio pedagógico, além da pouca preparação que deveria

receber nos cursos de formação inicial e continuada, dentre outros fatores (PESSANHA; CORRÊA, 2015).

No caso de professores do ensino fundamental e médio, estes têm sofrido com elevados níveis de estresse devido à necessidade de monitorar o comportamento dos seus alunos pré-adolescentes e adolescentes (SCANDOLARA *et al*., 2015; WEBER *et al.*, 2015). Já nos professores universitários, as situações vivenciadas fora do ambiente de trabalho também causam elevado estresse, porém, mesmo sob tais condições os entrevistados desta pesquisa alegam apreciar a profissão docente (DALAGASPERINA; MONTEIRO, 2016).

As constatações feitas nas pesquisas sobre estresse do professor identificaram diversos fatores estressores. No entanto, estes fatores são experimentados de maneira diferente, pois cada profissional possui suas características pessoais que diante dos estressores podem gerar ou não abalos no seu equilíbrio interno, além das demandas nos diferentes contextos nos quais estão inseridos. No contexto escolar, os principais estressores estão relacionados aos salários inadequados, exigências de trabalho extraescolar, condições inadequadas das salas, número excessivo de alunos por professor, violência escolar e desvalorização da categoria, os quais, segundo a literatura, acarretam uma carga negativa para saúde docente (LIPP, 2016, p. 9).

A relação estresse e gênero também é um dado cada vez mais identificado nas frequentes pesquisas, nas quais se evidencia que as participantes do sexo feminino são as mais afetadas pelos estressores e sintomas relacionados ao trabalho, o que pode ser explicado pelas demandas que as mulheres assumem não somente como profissionais, mas como mães, esposas, donas de casa, dentre outras funções (SADIR; BIGNOTO; LIPP, 2010; ROMANEK; ROCHA, 2015; WEBER *et al*., 2015).

Pesquisadores discutem que as consequências dos efeitos de ordem psicológica, oriundos da rotina estressante do professor, recaem principalmente nas suas relações interpessoais, ou seja, com colegas, administradores, pais e alunos, e podem influencia-las negativamente. O relacionamento entre docente e discente precisa ser adequado, pois é uma condição significativa para que ocorra um ensino-aprendizagem de qualidade, especialmente nas primeiras séries do ensino fundamental. A influência do estado de estresse do professor é grande e pode ser percebida pelos alunos quando os mesmos apresentam comportamentos como barulho, hiperatividade, bagunça, todos prejudiciais ao aprendizado da turma (GOULART JUNIOR; LIPP, 2008; BENEVIDES-PEREIRA; YAMASHITA; TAKAHASHI, 2010; ZORKOT, 2011).

As pessoas que são afetadas por estressores conseguem perceber alterações em seu organismo, mas é com a orientação que saberão como lidar com os mesmos. O estresse pode

ser auto percebido pelo sujeito e o mesmo busca ajuda para controla-lo. Afinal, quando se tem o domínio dos estressores, ocorre o domínio das emoções em momentos críticos. Em sujeitos que enfrentam circunstâncias estressantes, ter esperança é fundamental, porém nem sempre os mesmos conseguem se sentir esperançosos, pois não desenvolveram intrinsecamente este recurso, sendo necessárias atitudes de enfrentamento que promovam a esperança quando o bem-estar do sujeito está ameaçado (FOLKMAN, 2010; SADIR; LIPP, 2013; LIPP; COSTA; NUNES, 2017).

O professor necessita adquirir aptidões para que possa lidar de maneira eficaz com os estressores do ambiente profissional. Alguns estudos apontam que os professores utilizam como estratégias de *coping* ou enfrentamento, atitudes como "organizar seu tempo e estabelecer prioridades", "fazer atividades de relaxamento (*hobby*)" "trabalhar para estar preparado para ensinar, compensando o cansaço aos fins de semana e férias", participar de palestras e debates sobre estresse e a Síndrome de Burnout (POCINHO; CAPELO, 2009; SKAALVIK; SKAALVIK, 2015; FILHA; MORAIS, 2018; KEBBI; AL-HROUB, 2018).

Toda a profissão demanda desafios, sendo necessárias técnicas para manejo das situações do ofício. A responsabilidade recai sobre o profissional em identificar e gerir o estresse, assim como das instituições com as quais mantém vínculo empregatício, fornecendo apoio e promoção da saúde do seu funcionário. Com vistas a sua função de formador de valores das gerações futuras, o professor deve procurar "soluções positivas" para o manejo do estresse. Cada indivíduo tem responsabilidade por esse manejo visando sua saúde e bem-estar, porém, pesquisas têm detectado os níveis de estresse com os quais os professores têm convivido e medidas organizacionais precisam ser tomadas em prol da categoria (LIPP, 2016, p. 20).

Em relação a estas medidas organizacionais, a literatura aponta algumas, tais como a redução de alunos, adequação da carga horária trabalho por semana, apoio em função da idade, além de promoção a saúde física do docente (GOULART JUNIOR; LIPP, 2008; PESSANHA; CORRÊA, 2015; SCANDOLARA *et al.*, 2015; WEBER *et al.*, 2015). Aos órgãos governamentais, federais, estaduais e municipais, recai a responsabilidade pela educação, não somente fiscalizando, mas também cuidando dos professores, alunos e do espaço físico que ocupam assegurando o pleno desenvolvimento. As preocupações dos sistemas educacionais estão voltadas a administração racional e redução de gastos e o ajustamento dos objetivos educacionais aos do mercado de trabalho, sendo deixadas de lado as preocupações com o estresse e saúde. Torna-se relevante desenvolver um espaço para o relacionamento interpessoal que prioriza o respeito, a compreensão das dificuldades, a

cooperação de cada um, resultando em ações de solidariedade (VALLE; REIMÃO; MALVEZZI, 2011; LIPP, 2016). Um estudo (VIEIRA; OLIVEIRA, 2013) feito com professores mostrou que o estresse pode afetar a todas as categorias de professores, mas o professor do nível da educação infantil tem apresentado influência de inúmeros fatores estressores, tais sejam a histórica desvalorização em seu local de trabalho, ou devido às peculiaridades do trabalho profissional que exercem, dentre outros, que serão discutidas posteriormente.

1.3. Professores de Educação Infantil

A realidade da educação básica brasileira aponta que ainda estão em andamento as ações de valorização da categoria docente do país, em especial dos professores da Educação Infantil. Até o século XIX, não havia preocupações com as demandas para este nível de ensino, pois as creches e escolas eram entendidas como espaços de diferenciação em relação à classe social das crianças, já que correspondiam às políticas de atendimento à infância. Esta fase da educação esteve marcada, durante muito tempo, por falta de um currículo para o educar e cuidar, ausência de investimentos e pela não profissionalização do docente (BUSS-SIMÃO; ROCHA, 2018).

Se hoje há o entendimento de que a Educação Infantil é um direito social, uma política pública, isso se deve a ocorrência de lutas intensas, as quais os movimentos sociais se fizeram presentes em sua maioria. Compreender a história desta conquista da Educação Infantil, de assistencialismo e iniciativas isoladas para uma política pública é compreender a influência das dimensões ideológica, econômica e social, e as discussões sobre a divisão sexual do trabalho, igualdade entre homens e mulheres, e o direito das crianças. Diferente do percurso do ensino fundamental, o direito das crianças pequenas a educação teve início através das reinvindicações das mulheres que por trabalharem nas fábricas necessitavam que o atendimento de seus filhos em creches pudesse ser um direito trabalhista. Reforçando a esta reivindicação, os movimentos sociais traziam para discursão a necessidade de rompimento com a visão de que o trabalho das mulheres se resumia em serem mães e cuidadoras dos afazeres domésticos (CAMPOS; BARBOSA, 2015).

Durante anos, o perfil de professor que se buscava para atuar no nível da Educação Infantil era o modelo da mulher, pois se entendia que esta era naturalmente capaz de cuidar e educar crianças pequenas, o que fez surgir uma concepção fundamentada na “feminização” do magistério neste nível de ensino. A educação de crianças pequenas era associada ao âmbito do

trabalho doméstico e à esfera reprodutiva, corroborando com o pensamento de que não seria necessária uma teoria para embasar sua prática na escola. Na atualidade, contesta-se os estereótipos criados em relação ao educador de crianças pequenas, pois a visão que ainda impera é a de que a atuação destes educadores seria uma extensão da função de "maternagem", enfraquecendo a visão profissional da prática do educador da área. Apesar desse pensamento, o profissional que atua com esta faixa etária utiliza-se de saberes e habilidades específicos sobre educação de crianças, oriundos de diferentes áreas, o que não deve reduzir sua prática e conhecimentos a "senso comum" (GALVÃO; BRASIL, 2009; GUIMARÃES; ARENHART; SANTOS, 2017).

A busca pela identidade do profissional para atuar na educação infantil ocorreu paralelamente com a discussão sobre o direito a educação de crianças na faixa etária de 0 a 5, porém, este direito só veio a ser reconhecido no conteúdo dos documentos oficiais da Constituição Federal, em 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei nº 9394 de 1996 (NASCIMENTO; LIRA, 2017), dentre outros documentos normativos que serão discutidos posteriormente.

A Constituição Federal de 1988 registrou o reconhecimento da Educação Infantil como um direito da criança e da família e um dever do Estado em seu artigo 208, inciso IV: "Art. 208 – O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;" (BRASIL, 1988). Embora reconhecido este direito constitucional, sua execução é lenta, devido às dificuldades do Estado em administrar as verbas para atender igualmente a toda a população, principalmente de baixa renda, visando a qualidade na educação, além da estrutura pedagógica escolar não estar adequada para manter crianças que sofrem com interferências extraescolares, marcadas pelas adversidades sociais características de uma sociedade desigual (ARAÚJO, 2005).

Apoiando este marco legal, surgem outros forjando o movimento da história da Educação Infantil, alterando os olhares sobre a concepção de educação e de infância, buscando a compreensão da criança como ser ativo, produtor e transformador de cultura, e esta preocupação implicaria na qualidade da Educação Infantil com enfoque para o profissional responsável pelo trabalho com esta faixa-etária. Sendo assim, foi em 1994 que surgiu a primeira preocupação do Ministério da Educação – MEC com a formação dos profissionais que atuam diretamente com crianças pequenas, publicando o documento "Por uma Política de Formação do Profissional de Educação Infantil", o qual é composto por um conjunto de textos escritos por vários autores, que dá relevância a "formação e

profissionalização do educador, defendendo a ideia de uma formação específica para quem lida com crianças de zero a seis anos" (ARAÚJO, 2005, p.63).

Outro documento que demonstrou a importância da Educação Infantil e do profissional atuante neste nível, foi a LDBEN, de 1996, que definiu a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, além de trazer implicações na percepção sobre a atividade do educador infantil, quando se equiparou sua a do professor do ensino fundamental, passando a ter o direito de usufruir de um plano que o reconhecesse como profissional e todas as outras conquistas da categoria, como a um piso salarial nacional para os professores das escolas públicas, além de exigir-se uma formação mínima para atuar. Atualmente esta formação é exigida, segundo a Lei Nº 13.415/2017, em nível superior, em curso de licenciatura plena, ofertado em nível médio na modalidade normal (BRASIL, 1996, 2017; BUSS-SIMÃO; ROCHA, 2018).

Outros marcos legais originados após a promulgação da LDBEN indicavam a necessidade da criação de uma política nacional para a infância no Brasil. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, RCNEI de 1998, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, DCNEI de 2000, afirmaram a concepção de que as crianças de 0 a 6 anos são sujeitos de direitos e cidadãos que estão em processo, e ainda trouxeram destaque ao trabalho desenvolvido pelos profissionais que executam as práticas pedagógicas a nível da Educação Infantil.

Com a alteração dos Artigos 29, 30, 31 e 87 da LDBEN pela Lei Nº 11.274 de 2006, para a publicação das diretrizes e bases da educação nacional, a duração dos anos do ensino fundamental foi ampliada para nove anos, implicando na mudança da idade para ingresso na Educação Infantil, com a execução da resolução Nº 6 de 2010, que definiu as Diretrizes Operacionais para a matrícula no Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Assim foi estipulada a idade de quatro anos completos para início dos estudos na pré-escola, sendo este um direito que deve ser garantido pelos entes federados, família e pelas escolas.

Mais tarde, com a aprovação do Plano Nacional de Educação[2] pela lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que tem por finalidade a consolidação de um sistema educacional capaz de garantir o direito à educação em sua integralidade através do cumprimento de suas metas até o ano de 2024, a preocupação com a qualidade se dá para com todas os níveis da Educação Básica, inclusive a Educação Infantil (BRASIL, 2015). Neste documento, reitera-se que aos municípios cabe a responsabilidade por garantir o acesso e a qualidade na Educação Infantil,

[2] O primeiro Plano Nacional de Educação foi aprovado no ano de 2001, Lei Nº10.172, que teve por objetivo principal estabelecer vinte e seis metas para todos os níveis de ensino, cuja vigência se estendeu até o ano de 2010.

de acompanhar os currículos a serem trabalhados na pré-escola, além da formação adequada do profissional que atenderia a estas crianças, tornando-se também um desafio para os cursos de formação de professores (NASCIMENTO; LIRA, 2017; PEREIRA, 2017).

1.3.1 *Formação e Perfil dos professores da Educação infantil*

Como já evidenciado, os avanços em direção à formação do perfil para o profissional docente que irá atuar na Educação Infantil são perceptíveis legalmente, acompanhados de um processo de luta por direitos e tímidos avanços em suas execuções. Neste processo, a criação do Curso de Pedagogia no Brasil que ocorreu no ano de 1939, com origem a partir das Faculdades de Filosofia, Ciência e Letras, foi um marco para formar os professores que atuariam no curso normal. Desde então, com a desvinculação do referido curso da área da filosofia para encaixar-se nas Faculdades de educação e as incertezas sobre a função do licenciado formado pelo curso de licenciatura em Pedagogia, o levaram a ser visualizado como um curso periférico (ARANTES; GEBRAN, 2014).

As Diretrizes Curriculares Nacionais de 1996, sacramentaram o que antes se tinha como sistema “3+1” que era formar um licenciado ou bacharel em pedagogia, e hoje ambas as formações estão juntas para compor um curso de duração de 4 anos, que habilite o profissional a “lidar com toda a dinâmica escolar e não escolar, além de outros espaços educacionais” (NASCIMENTO; LIRA, 2017, p. 102). A história do curso de Pedagogia e do perfil do profissional formado pelo mesmo, deixa claro que muito já foi conquistado no rumo da sua valorização, mas ainda não se findou a discussão sobre a finalidade para a qual se deve formar o pedagogo, pois apesar dos avanços das legislações e diretrizes, o foco que estes marcos pontuam para esta graduação está na formação do docente em detrimento a sua identidade (ARANTES; GEBRAN, 2014; NASCIMENTO; LIRA, 2017).

Porém, mesmo que a formação do professor para atuar nessa etapa da educação esteja prevista na legislação brasileira, indicando a formação em nível superior, os docentes que possuem o curso de magistério em nível médio ainda são admitidos nas escolas e através de editais de concursos públicos (PEREIRA, 2017). Mesmo com as contribuições legais e suas execuções em relação ao reconhecimento do professor, em especial do professor de Educação Infantil, pesquisas recentes comprovam que a categoria ainda reivindica respeito pelo trabalho que exercem (MEZZALIRA; WEBER; GUZZO, 2013). Além disso, autores sugerem que a conquista pela valorização do trabalho realizado no contexto da Educação Infantil ocorrerá

quando o modelo de pensamento que simplifica tal função possa ser superado, pois o mesmo desqualifica o trabalho do profissional (VIEIRA; SOUZA, 2010).

Para Brasil e Galvão (2012), em alguns casos, a escolha pela profissão de professor da Educação Infantil ocorreu pelo acaso ou por opção, motivada por razões "interconectadas". Enquanto alguns sofrem a influência de familiares que já exercem ou exerceram a docência, outros entendem possuir um "talento" para atuar nessa etapa da educação. Ainda há os que afirmem que a Educação Infantil não era sua primeira escolha, no entanto, foi a oportunidade de emprego que lhe foi oferecida.

De acordo com RCNEI (1998) o educador que deseja trabalhar com crianças de 0 a 6 anos[3] precisa ter competência polivalente, que exige que o professor deva realizar atividades de naturezas diversas, que contemplam cuidados básicos como alimentação e higiene até conhecimentos específicos das diferentes áreas como linguagem, matemática, ciências, estudos sociais, artes, para serem trabalhados com um grupo de crianças (CAMPOS, 2008; VIANA, 2015). No entanto, documentos mais atuais como o DCNEI (2010) e a Base Nacional Comum Curricular (2017) ressaltam que o professor que deseja atuar neste nível, deve propor atividades a partir dos eixos norteadores das interações e brincadeiras, intervindo para favorecer seu aprendizado através de experiências (CORDI, 2018).

Segundo Campos (2008) o papel do professor de Educação Infantil precisa assumir uma nova identidade, principalmente mais exigente na fundamentação teórica em sua formação inicial, visando a educação da criança pequena. Por isso, o modelo tradicional de professor não se ajusta a esse contexto, por inúmeros motivos como: o educador está mais preocupado com as atividades de ensino do que com as responsabilidades em relação ao cuidado e a proteção; e ainda, os currículos dos cursos de formação de professores abordam superficialmente sobre as peculiaridades da creche, o desenvolvimento da criança, funcionamento em tempo integral, saúde, alimentação, situações familiares, o brincar e as interações nos ambientes.

O professor de Educação Infantil pode atuar neste nível escolhendo entre a creche e a pré-escola, podendo estas ser públicas ou privadas, voltadas a cuidar e educar crianças em jornada integral ou parcial. Nas creches, o atendimento ocorre para crianças de 0 a 3 anos, nas etapas de berçário e maternal, e nas pré-escolas para crianças que pertencem a faixa-etária de 4 e 5 anos nas etapas de Pré I e Pré II. No entanto, segundo a resolução Nº 6 de 2010, a

[3] Com a aprovação da Resolução Nº 6, de 20 de outubro de 2010, a pré-escola passou a atender crianças dos 4 aos 5 anos de idade. Segundo a mesma resolução, a partir dos 6 anos de idade completos até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula, a criança deve ser matriculada no primeiro ano do Ensino Fundamental.

obrigatoriedade da matrícula é para crianças que irão completar 4 e 5 anos até o dia 31 de março do ano em que se deseja efetuar a inscrição na Educação Infantil. Nestes estabelecimentos as ações e metas são orientadas pela Proposta Pedagógica, também conhecida como Projeto Político pedagógico, que apresenta as metas para aprendizagem e desenvolvimento das crianças que serão educadas e cuidadas em cada instituição de ensino (DCNEI, 2010).

Segundo Viana (2015, p. 434) em uma instituição de Educação Infantil os trabalhos são feitos com ênfase no cuidar e educar. Sobre o termo "cuidar" a ideia é preservar a vida, dar atenção, possibilitar acolhimento por meio de uma relação afetiva e de proteção, propiciando aos outros o bem-estar, segurança, saúde e higiene. Já em relação a ideia de "educar" refere-se a orientar, ensinar, possibilitar que o outro se aproprie de conhecimentos e valores favorecendo seu crescimento pessoal, e a integração e a transformação do seu meio físico e social. O ato de educar e cuidar estão associados, e quanto menos idade a criança tiver mais necessários serão. Segundo o DCNEI (2010, p.18), a proposta pedagógica de cada instituição de ensino infantil deve trazer como principais objetivos a garantia do direito "à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças", assim como "acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens".

Os profissionais que atuam na Educação Infantil precisam compreender que a criança é um ser histórico social, que produz cultura, portanto, é necessário oportunizar experiências e aprendizagens e acompanhar como a criança aprende e se desenvolve. O DCNEI reúne concepções de criança e educação que apesar de apresentarem dificuldades de operacionalização, representam um marco do movimento de luta e resistência de todo um grupo de profissionais preocupados com uma educação de qualidade. No entanto, os esforços do professor serão mínimos se as condições de trabalho não forem adequadas, se não houver reconhecimento do trabalho e valorização profissional (NASCIMENTO; LIRA, 2017; PEREIRA, 2017).

Pesquisas indicam que aquilo que é normatizado pelas DCNEI's não é visto nas práticas cotidianas da educação das creches e pré-escolas, se tornando mais próximo de uma prática escolarizante. Com as modificações ocorridas na LDB pela Lei Nº 12.796 de 2013, que estabeleceu que os currículos da Educação Básica, que abrange a educação infantil ao ensino médio, deveriam ter uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017, composta por uma parte diversificada atendendo as demandas locais e regionais da sociedade,

porém, sua definição e execução tornam-se um desafio, principalmente para o campo da Educação Infantil, o qual possui peculiaridades (CAMPOS; BARBOSA, 2015).

A BNCC foi voltada para o campo da Educação Infantil com o intuito de operacionalizar as diretrizes curriculares para o nível, servindo para os educadores como um recurso orientador de suas práticas, visando o respeito das "diversas dimensões da infância e dos direitos das crianças". O norteador para as ações que constam na base é o Projeto Político Pedagógico de cada instituição e "compreende que são seis os grandes direitos de aprendizagem que devem ser garantidos a todas as crianças brasileiras, quais sejam: conviver, brincar, participar, explorar, comunicar e conhecer-se" (CAMPOS; BARBOSA, 2015, p. 359-360). Para os autores a proposta de base para a Educação Infantil quer superar o assistencialismo e a escolarização.

Campos e Barbosa (2015) discutem que a organização da BNCC para a Educação Infantil apresenta elementos diferentes dos encontrados nas demais etapas da Educação Básica, pois não segue como suporte as áreas do conhecimento, mas sim os "campos de experiências e aprendizagens" que visam o projeto educativo das interações e brincadeiras, mediadas pelos professores para possibilitar o aprofundamento com novos conhecimentos, para que as crianças consigam interagir com pessoas e objetos atribuindo significado pessoal. O documento apresenta as indicações e definições sem a divisão entre crianças da creche e da pré-escola, mas observa as peculiaridades das crianças de zero a cinco anos. Além disso, não hierarquiza as áreas do conhecimento, pois compreende que os mesmos se apresentam em todos os campos de experiência da Educação Infantil.

As universidades e centros de formação de professoras da Educação Infantil pós-LDB/1996, possuem um grande desafio, buscando desconstruir e romper com o entendimento da educação como "princípios transmissivos, reprodutivistas, descontextualizados e desumanizados". Torna-se importante perceber as crianças como sujeitos de direito à expressão, à brincadeira, às relações dialógicas, e aos docentes como sujeitos que também possuem seus direitos à formação, à voz, à autonomia, à relevância de suas experiências e ao aperfeiçoamento das mesmas (GUIMARÃES; ARENHART; SANTOS, 2017).

Sobre as condições de trabalho, estudiosos discutem que estas correspondem a tudo aquilo que é necessário para os sujeitos docentes possam desempenhar com sucesso e bem-estar o trabalho que lhes é solicitado. O que se espera no mínimo é que o que está pautado nas legislações que direcionam a Educação Infantil possa ser oferecido para que os espaços estejam adequados para que as crianças possam brincar, aprender, criar, descobrir, estabelecendo relações com o meio e com outros sujeitos. Contudo, mesmo que

historicamente tente se justificar a má qualidade do ensino afirmando que há uma incapacidade intelectual da classe popular e a má formação dos professores, faz-se necessário trazer à discussão sobre a importância de se analisar as condições do ambiente de trabalho (ZIBETTI; PEREIRA, 2010; VIEIRA; OLIVEIRA, 2013).

Os estudos recentes sobre as condições de trabalho docente na Educação Infantil no Brasil apresentam, em menor ou maior grau, dois processos: a precarização e a intensificação. A precarização refere-se à inserção de novas atividades sem que ao menos sejam fornecidas condições adequadas ao seu cumprimento. Um exemplo é quando pessoas sem a formação adequada são empregadas, em substituição ao professor no exercício do trabalho pedagógico. Já a intensificação seria a sobrecarga que pode ocorrer devido a necessidade se realizar atividades extras, fora da jornada de trabalho, ou quando há a necessidade de assumir outros cargos para complementação salarial, dados os baixos salários da categoria (VIEIRA; OLIVEIRA, 2013).

Vale considerar que os profissionais da Educação Infantil – campo composto majoritariamente por mulheres - estão experimentando um momento histórico importante em relação à construção de sua identidade profissional, sendo necessárias atitudes reflexivas sobre sua prática, formações constantes e pesquisas que evidenciem cada vez mais a realidade nas escolas de Educação Infantil (BUSS-SIMÃO; ROCHA, 2018).

1.4 Redes Sociais e Análise de Redes Sociais

Os seres humanos estão cada vez mais interconectados a um número crescente de outros sujeitos, outros grupos, formando assim comunidades. Isso sempre ocorreu desde as primeiras civilizações até o final do século XX, quando se levava em consideração aspectos como solidariedade, vizinhança e parentesco na busca para se definir uma comunidade. Atualmente, há novas formas de associação, com padrões estruturais que influenciam a circulação dos recursos dentro de uma rede social. Este termo corresponde a uma compreensão que vai além do conceito de comunidade tradicional, pois os laços sociais e os sistemas de trocas de recursos possuem padrões específicos, e sua estrutura pode afetar a distribuição de recursos nestas redes, dependendo então das relações de solidariedade, vizinhança e parentesco dentre outros padrões sociais que podem existir. Para que uma rede possa se consolidar, é necessário que se estabeleça entre as pessoas o sentimento de confiança em maior ou menor escala, e essa intensidade vai depender do número de encontros e do grau de interação entre os sujeitos da rede (COSTA, 2005). O comportamento dos sujeitos sempre

se estruturou por meio de interações com interdependências, ou seja, que possuíam intenções por trás das relações naturalmente estabelecidas, criando-se assim redes sociais (HIGGINS; RIBEIRO, 2018).

Fialho (2015) concorda com esta concepção de rede social, pois compreende as redes como grupos em que ocorre a comunicação e a interação, utilizando de linguagem própria, intenções culturais e relações de poder características de cada grupo que se relaciona, originando a novos valores, a novas formas de pensar e a novas atitudes. Ainda segundo o autor, recentemente, a estrutura padrão das redes sociais traz uma contribuição com o intuito inovador de ajudar a explicar alguns problemas organizacionais, já que as redes são a manifestação da realidade social. Portanto, não são perceptíveis somente as relações entre pessoas, mas as articulações entre os grupos que representam uma rede complexa, a rede global do sistema social.

Algo que está claro é o fato de que um sujeito faz parte de muitas redes sociais simultaneamente, ocorrendo o cruzamento dos seus círculos sociais, porém seus papéis são diferentes em cada rede social que participa – na rede familiar, no ambiente profissional, nos laços amizade, no ambiente acadêmico, etc. (TOMAÉL; MARTELETO, 2013). Estes papéis são construções complexas e abstratas, e expressam as funções das posições assumidas pelo indivíduo de acordo com seus percursos pessoais e das organizações que são observadas. Segundo Lemieux e Ouimet (2012), as relações que se estabelecem entre os sujeitos pertencentes a estes círculos podem ser positivas ou negativas, ou amigáveis em um momento, e em outro apresentar hostilidade, as quais compõem um processo com declínios e evoluções, que pode ser explicado através da análise da estrutura destas relações.

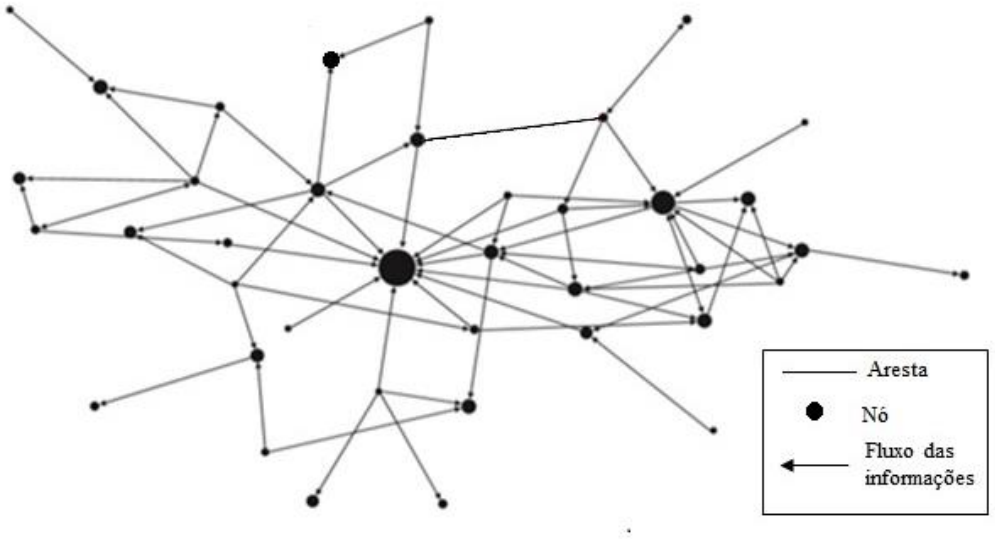
Na atualidade, a utilização do termo “rede” pode dar-se em vários domínios, como no campo organizacional, informática, virtual, comunicação, entre outras, que apontam esta aplicabilidade devido ao marco teórico a respeito das redes sociais, e pela metodologia utilizada para compreensão destas. Por isso, as redes sociais que são chamadas pelos usuários de internet, diferem-se das redes sociais, objeto de estudo das ciências. Estas últimas correspondem a grupos de pessoas que interagem, possuindo características próprias, como linguagem, aspectos culturais, e onde se estabelecem relações de poder e desenvolvimento de papéis. Nestas redes, nas quais ocorrem interações sociais, políticas e econômicas, podem ser observados problemas sociais, além das possíveis soluções (FIALHO, 2015).

Contudo, com o crescimento ao acesso digital, as redes reais de relacionamentos puderam ter acesso às mídias de comunicação social, as quais foram idealizadas de acordo com a necessidade de interação. É isso que vivenciamos hoje, com o surgimento do

ciberespaço, a multiplicação das ferramentas de colaboração on-line, as tecnologias de comunicação móvel se integrando às mídias tradicionais etc. Por isso, foram criadas redes para acesso estritamente profissional como o *LinkedIn*; redes estabelecidas para reunir amigos, como o *MySpace* e o *Facebook*; além de redes para divulgação rápida de mensagens curtas, como o Twitter, os diários e blogs, como o *LiveJournal*, e envio de fotos, como o *Flickr*; além de compartilhamento de vídeos, como o *YouTube*, o mais conhecido (BENEVENUTO, ALMEIDA; SILVA, 2011). Estas redes sociais online são alvo atualmente de estudos, pois as informações que produzem são relevantes, no sentido de se compreender a estrutura das relações humanas, sobre como ocorre a circulação de informações, as estruturas onde ocorre tal circulação, e o comportamento a partir destas estruturas.

Uma das primeiras tentativas de se compreender o funcionamento social foi proposta pelo antropólogo britânico John Barnes (1987), que ao analisar as relações informais e interpessoais entre uma pequena comunidade de pescadores, percebeu a importância da amizade, do parentesco e da vizinhança na estruturação e na integração dos pescadores. Barnes entendia que a vida social ocorreria por meio de um conjunto de pontos (nós) que se estruturavam através de teias de relações. No Grafo a seguir (Figura 1), nome dado a representação matemática das informações sobre padrões de vínculos entre atores sociais, os atores (pontos, nós ou elos) são as pessoas que se comunicam, ou seja, estabelecem relações (arestas, linhas) em uma dada rede, e ambos são fundamentais numa rede social a fim de comporem a visualização gráfica, “uma radiografia da estrutura social”. Na análise de rede, tem relevância as relações entre os atores e não a relação entre os atores sociais e seus atributos que correspondem a informações sobre idade, gênero, raça, origem social, nível salarial, dentre outras características observadas quando a pesquisa focaliza no agente social (HANNEMAN; RIDDLE, 2005; MARTELETO, 2001; FIALHO, 2015).

Figura 1: Relações de troca de informação (linhas/arestas) entre atores (pontos/nós) de uma empresa de produtos agrícolas, Brasil, 2011



Fonte: Adaptado de HIGGINS (2011).

A Figura 1 representa o resultado das trocas de informação, uma das relações existentes dentro de uma mesma organização de produtos agrícolas. Em uma rede, os indivíduos interagem entre si estabelecendo relações, que podem dar-se ou não através de interdependências tais como: "normas sociais, sanções, formas de controle lateral, disciplinas, narrativas, meios de pagamento e troca, formas de dominação, valores, regras de parentesco, regimes de propriedade, etc." (HIGGINS; RIBEIRO, 2018, p. 11), que possuem características estruturais que precisam ser reconhecidas. O método neoestrutural, método topográfico ou Análise de Redes Sociais é o mais frequentemente utilizado para reconstituir e descrever tais sistemas de interações, que são a representação de um sistema social complexo (LAZEGA; HIGGINS, 2014; HIGGINS; RIBEIRO, 2018).

Este método tem sua origem em trabalhos metodológicos de anglo-saxões e da sociometria clássica. Contudo, Harrison White e seus alunos ampliaram as técnicas e conceitos que são utilizados na atualidade, facilitando a substituição do termo "sociometria" por "análise de redes". Orientandos de White em suas pesquisas de pós-doutorado, Mark Granovetter e Ronald Burt viram a possibilidade da aplicação da perspectiva neoestrutural a problemas relacionados ao mercado de trabalho e as estruturas organizacionais (LAZEGA; HIGGINS, 2014; HIGGINS; RIBEIRO, 2018).

É indissociável pensar na metodologia da análise de rede social sem observar-se a Teoria Social das Redes Sociais, que recebeu contribuições dos avanços teóricos e metodológicos do funcionalismo estrutural britânico, da Gestalt e sociometria e estruturalismo

funcional norte-americano, e em teorias matemáticas, como a teoria dos grafos. Com tais contribuições, ajustamentos conceituais e novas pesquisas utilizando-se o método, a análise de rede pode, na atualidade, ser aplicada no estudo de diferentes situações e questões sociais, e nas mais diversas áreas da ciência (MARTELETO, 2001; FIALHO, 2015).

As relações observadas na análise de rede são analisadas por meio de teorias explicativas, como a Teoria dos Buracos Estruturais e a Teoria dos Laços Fortes e Fracos. Criada por Burt (1992), a Teoria dos Buracos Estruturais se assenta sob uma proposição na qual um ator se encontra em uma posição vantajosa em uma relação que estabelece com outros dois atores, os quais não se conhecem ou tiveram seu relacionamento rompido e precisam, portanto, de um terceiro ator para intermediar a comunicação entre ambos. Outra teoria, denominada Teoria dos Laços Fortes e Fracos, de Granovetter (1973), trabalha com a acepção de que os laços fortes representam as relações mais próximas do indivíduo com tendência a reter informações, e os fracos representam as relações mais afastadas, entre conhecidos, que poderão abrir-se para o exterior e fazer circular uma informação (LEMIEUX; OUIMET, 2012).

Higgins e Ribeiro (2018) reforçam que nas redes com a presença dos laços fortes, é possível ocorrer que alguns setores possuam maior entrosamento relacional, levando à composição de subgrupos, também chamados de cliques ou “panelinhas”. Em estudos (ANJOS BAZZO; ANJOS; ROVEROTO; WITKOSKI, 2015) este dado ficou evidente quando se observou que o número de cliques encontrados na rede social, pode indicar a existência de laços de confiança entre os atores sociais.

Entre os analistas de redes sociais há consenso de que as pessoas estão inseridas em redes integradas, e as descrevem como “multimodais” ou “multiplexas”, isto é, os atores sociais podem estar conectados por diversas relações sociais dentro do mesmo círculo social. Além de estudos que analisem as relações entre atores sociais (one-mode), a metodologia de análise de redes sociais também detém recursos para conhecer e mapear as ligações entre indivíduos e entidades diversas (two-mode). Por meio das redes two-mode que possibilitam verificar a maneira que se dá a relação de dois tipos de entidades sociais (pessoas e organizações), e ainda, constatar que as entidades criam ligações entre os atores e, por sua vez, os atores criam ligações entre as entidades (HANNEMAN; RIDDLE, 2005; TOMAÉL; MARTELETO, 2013; HIGGINS; RIBEIRO, 2018).

Nas ciências humanas, os investigadores partem de análises ditas correlacionais, procedendo observações de associação ou causalidade entre duas ou várias variáveis, estabelecendo relações entre atributos e não entre atores. Diferentemente desta, na análise

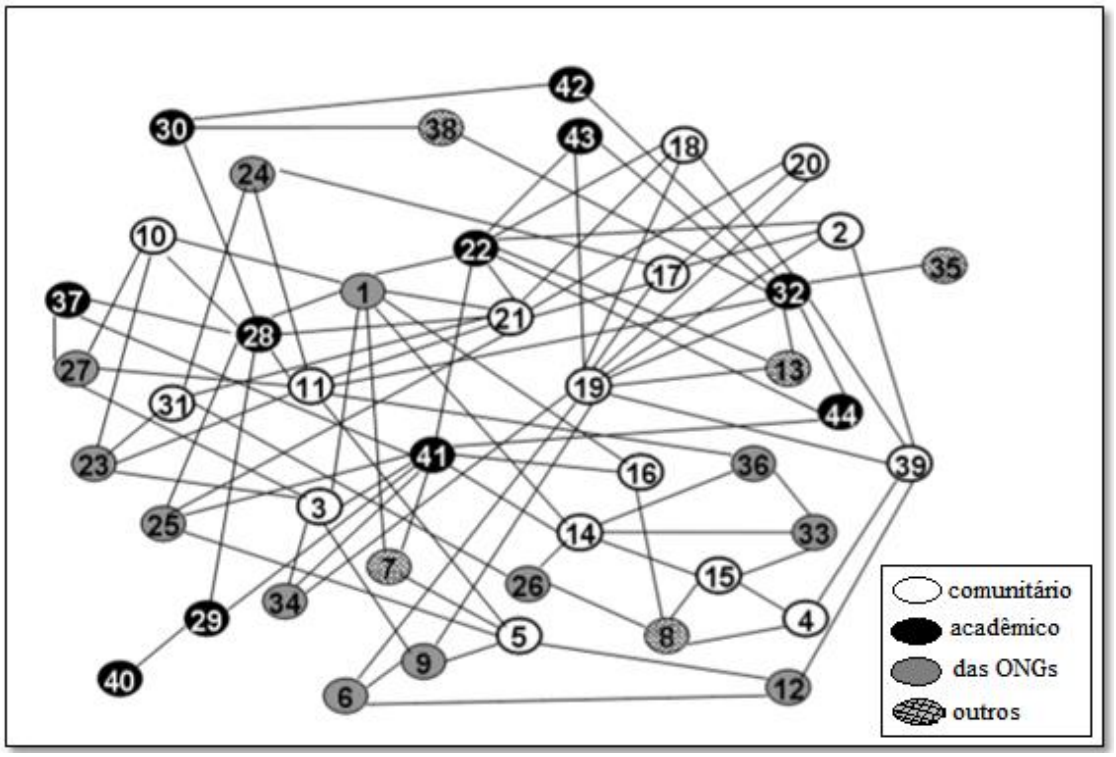
estrutural, o objetivo é analisar as relações entre os atores, e não tanto entre os atributos dos mesmos, sendo esta a diferença entre ambos os tipos de análises (LEMIEUX; OUIMET, 2012).

Os dados relacionais são obtidos através de técnicas diferenciadas para recolha de dados, tais como pesquisa documental, observação direta, entrevista, ou mais especificamente, o **Questionário Sociométrico** que se trata de um instrumento vantajoso através do qual pode-se obter dados relacionais e monádicos (atributos) dos atores (LEMIEUX; OUIMET, 2012).

As informações que forem coletadas com as técnicas descritas são tratadas através de *softwares* para criação dos grafos ou sociogramas. Segundo Lino e Gomide (2015) é através do sociograma que se obtém a representação esquemática da rede de relações, expressando as características estruturais da "teia" de relacionamentos. Estas informações obtidas através das técnicas anteriormente apresentadas levarão às investigações de uma "rede total ou completa", para estudar os laços entre todos os atores do universo investigado, e a "rede egocêntrica ou pessoal", na qual o indivíduo, denominado ego, assume o centro da rede, podendo ser feito um estudo de uma rede egocêntrica sem relações entre os "nós", ou um estudo que explore as relações entre os atores de uma rede egocêntrica, denominada rede egocêntrica completa (FIALHO, 2015; HIGGINS; RIBEIRO, 2018).

A fim de tornar adequada a compreensão a respeito das características e diferenças entre uma rede total e uma rede egocêntrica, apresenta-se o exemplo de uma investigação feita por Marteleto (2001), que objetivou estudar a transferência de informações em redes de movimentos sociais da região de Leopoldina, na cidade do Rio de Janeiro. Ao aplicar-se a técnica da ARS, obteve-se a Figura 2 que representa as relações de organizações populares que compõem os movimentos sociais da região em estudo, possuindo 44 atores e 132 ligações entre os mesmos. Os nós que representam os atores estão identificados por números que lhes foram atribuídos, e por cores que evidenciam o campo social a que pertencem (comunitário, acadêmico, diretor de ONGs, outros). No estudo da rede completa, pode-se notar a presença de 19 subgrupos, os quais apresentam relações mais íntimas em seu interior, como também são responsáveis por reter informações.

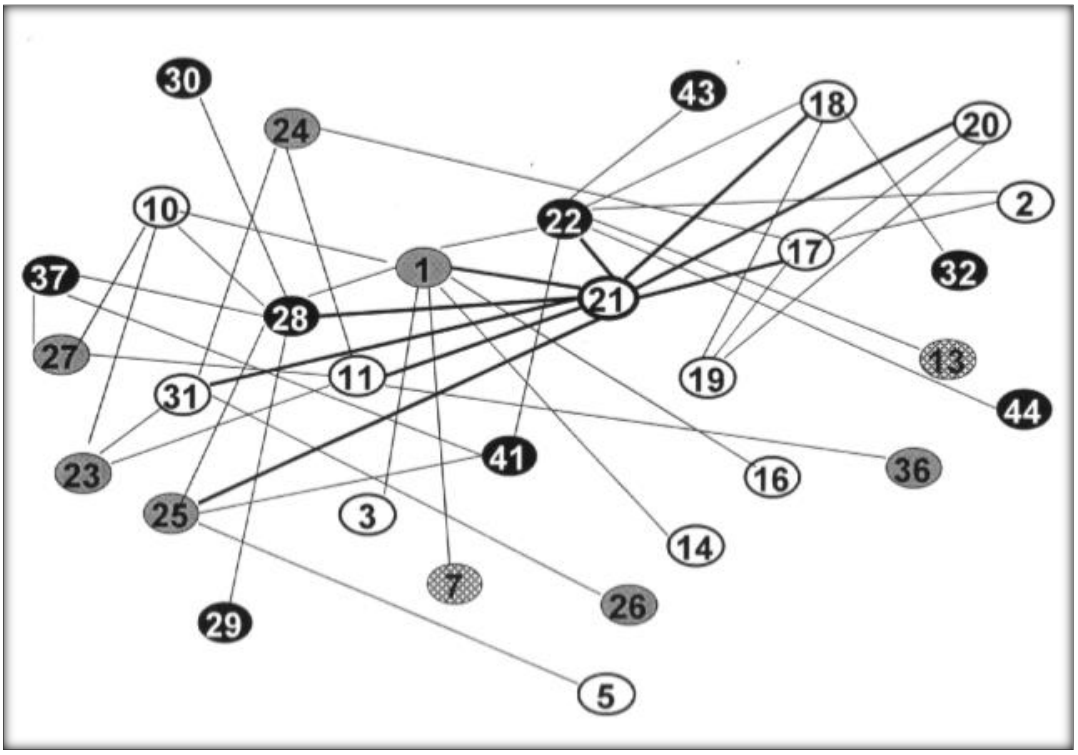
Figura 2: Representação da rede de organizações populares que fazem parte dos movimentos sociais da cidade do Rio de Janeiro, 2011



Fonte: Marteleto (2001).

Dentro do mesmo estudo, a autora considerou destacar as relações de um indivíduo com pessoas por ele citadas, e as relações entre estas pessoas, ou seja, um estudo da rede egocêntrica a partir da rede total. Como observa-se na Figura 3, que o indivíduo 21 citou 9 pessoas com as quais mantém contato direito, destacados pelas arestas mais escuras. Contudo, estas pessoas com as quais interage diretamente são atores estratégicos, que estabelecem por sua vez outras interações e são assim difusores de informações dentro da rede (MARTELETO, 2001).

Figura 3: Conexões estratégicas que o indivíduo 21 estabelece diretamente com outros atores, visando a circulação de informações na rede de movimentos sociais do Rio do Janeiro, 2011



Fonte: Marteleto (2001).

Segundo Hanneman e Riddle (2005) o estudo das redes de ego dos sujeitos pode fornecer compreensão sobre o motivo das percepções, identidades e comportamentos de um indivíduo serem diferentes dos outros. Ainda sobre redes egocêntricas, McCarty (2010) reforça que a utilização deste tipo de abordagem leva a constatação de que cada membro da rede não contribui de maneira igual na personalidade e no comportamento do ego.

Para a visualização das interações através de Grafos, são necessários softwares próprios, como NetDRaw, UCINET, EgoNet e Pajek. As informações obtidas através dos questionários geram uma matriz, com componentes aritméticos e algébricos, os quais possuem linguagem computacional para representar adequadamente a informação que possuem os grafos ou sociogramas (HIGGINS; RIBEIRO, 2018). Os analistas de dados relacionais utilizam medidas (métricas) oriundas dos conceitos da Teoria dos Grafos para identificar uma estrutura relacional, e são elas: *Density*, *Degree; Betweenness Centrality; Closeness Centrality; Eigenvector Centrality; PageRank; Clustering Coefficient* (RAMOS, 2015).

Uma das propriedades mais investigadas nas redes sociais é a sua conectividade, denominada **Densidade (density).** Esta é obtida através da soma das ligações dos elementos, e este total é dividido pelo número das relações que poderiam ser estabelecidas. Quanto mais

densa a estrutura, significa dizer que os recursos circulam com maior facilidade dentro de determinado grupo, porém pode concomitantemente representar a dificuldade na difusão de informações para demais grupos, pois seus atores possuem maior controle social. Os escores representativos da densidade variam de 0 a 1, sendo que quando mais próximo de 1, mais denso/coeso é o grafo, e quanto mais próximo a 0 significa que menos os alters se conhecem (MCCARTY, 2010; HANSEN; SHNEIDERMAN; SMITH, 2011; RAMOS, 2015).

Através da métrica **Centralidade de Grau (Degree)**, pode-se estabelecer o total de nós que estão ligadas a um vértice, sendo que quanto maior o número de arestas ocorrendo sob um par de vértices conclui-se que a conexão entre eles é demasiadamente forte. Já a medida denominada **Centralidade de Intermediação (Betweenness Centrality)** considera a importância de intermediação do vértice na rede, ou seja, analisa os efeitos na rede caso o vértice seja retirado, podendo não surtir danos ou possuir escores elevados de intermediação (HANSEN; SHNEIDERMAN; SMITH, 2011).

Há ainda a possibilidade de se calcular o quão próximo cada nó/vértice está de outro na rede, através da **Centralidade de Proximidade (Closeness Centrality),** sendo que o menor valor que esta pode assumir é 1 (valor da distância geodésica), que corresponde a menor distância entre 2 vértices (HANSEN; SHNEIDERMAN; SMITH, 2011). Já para a métrica da **Centralidade de Autovetor (Eigenvector Centrality)** torna-se necessário medir a importância de um nó na rede, percebendo valores que variam entre 0 e 1, representando menor e maior relevância, respectivamente (RAMOS, 2015).

Segundo Ramos (2015), existem métricas que apresentam especificidade para seu cálculo, como é o caso da **PageRank,** que apenas é aplicada em grafos direcionados. Através desta medida pode-se constatar a importância do vértice, pois calcula-se o quão este está conectado aos demais vértices do grafo. Ainda segundo a autora, existe o coeficiente de agrupamento **C(G)(Clustering Coefficient)** que pode ser utilizado para calcular o valor de triângulos presentes no grafo, isto é, revela a existência dos clusters (grupos), e para tanto, leva em consideração o valor dos coeficientes de agrupamento dos demais vértices da rede.

A aplicação destas métricas pode ser percebida em estudos recentes (LINO; GOMIDE, 2015), com o objetivo de buscar soluções para alguns problemas do cotidiano organizacional, como a baixa qualidade do serviço administrativo de uma empresa podem ser melhor visualizadas e sanados a partir do estudo das características da rede deste ambiente, identificando-se a falta de interação entre os atores, resultando na retenção das informações em sub-grupos (cliques).

Outras pesquisas (SILVA; SARAIVA, 2012) verificaram que os conceitos e as métricas da ARS podem ser usadas em pesquisas sobre biodiversidade, construindo redes de interação de polinizadores, para detectar clusters (nichos ligados por laços-ponte), e nós que são vitais a rede, tornando-se uma técnica valiosa para estudos de conservação da biodiversidade. Sobre a importância de um nó na rede, investigações (FAZITO; RIOS-NETO, 2008) a respeito do papel dos "mecanismos intermediários", em especial as agências de turismo, como intermediadores de emigrantes brasileiros para os EUA, constataram que a posição vantajosa de tais agências indica que estas possuem caráter de poder no fluxo migratório brasileiro.

Segundo pesquisas (MESQUITA; LANDIM; COLLARES; LUNA, 2015; LINO; GOMIDE, 2008), o método da ARS, quando aplicado, pode auxiliar na identificação de papéis e na visualização de cadeias relacionais, o que contribui para o bom funcionamento do grupo e para estratégias de seus gestores, principalmente para que as redes das organizações sejam mais densas.

As situações adversas no cotidiano dos profissionais, especificamente, das professoras de Educação Infantil, que segundo pesquisadores (WEBER et. at, 2015) é um campo composto predominantemente por mulheres com elevados níveis de estresse, devido a sua demanda de atividades para além da profissional (ROMNECK; ROCHA, 2015), que dependem da administração de tempo e energia por parte destas mulheres. Estudiosos como Scandolara *et al.* (2015) concluíram que há uma relação no tempo de docência com um nível de estresse e depressão mais elevado. Ou seja, o ambiente profissional pode implicar na saúde e qualidade de vida da professora, e seu progresso no ambiente de trabalho, até mesmo no convívio social.

Estudos ressaltam que o equilíbrio rompido em um dos ambientes relacionais dos professores, acarreta desequilíbrio nos demais vínculos que possui (SILVA; SALLES, 2016). Apesar de pesquisas apontarem que o nível de estresse dos profissionais de Educação Infantil é inferior aos comparados em outras etapas de ensino (WEBER *et al*, 2015), estes profissionais precisam ser cada vez mais investigados e auxiliados, pois geram e recebem influência de diferentes círculos sociais dos quais fazem parte direta ou indiretamente, podendo afetar a saúde mental do professor. Pesquisas sobre a rotina do profissional que atua em creches e pré-escolas apontam que seu ambiente profissional e relacional pode implicar negativamente na sua saúde (PESSANHA; CORRÊA, 2015).

O estudo das relações sociais dos professores, e dos vínculos que estabelecem, pode ser realizado através da análise de sua rede social, mais especificamente, da sua rede social

pessoal. Desta forma, segundo Hanemman e Hidlle (2005), ao pedir que o sujeito identifique as pessoas com as quais tem uma conexão, e informar qual a relação entre os atores mencionados, pode-se perceber a ligação do ego às suas estruturas micro, e destas com as estruturas macro da sociedade. Ao se estudar a percepção deste indivíduo que compõe a rede, pode-se identificar seu comportamento, identidade, prestígio, dentre outros fatores, quando comparados a outros atores da rede.

Sendo assim, após a apresentação da possível afinidade entre os conceitos abordados, constitui-se como ***problema de pesquisa*** a seguinte questão: Qual a relação do estresse e a composição das redes sociais pessoais de professores de Educação Infantil? A pesquisa tem por ***objetivo geral*** analisar a prevalência do estresse em professores de Educação Infantil e sua relação com as redes sociais interpessoais. Esta investigação dar-se-á através do cumprimento de ***objetivos específicos***, que visam: a) caracterizar a Educação Infantil no Brasil, a partir de dados obtidos por meio da pesquisa do Censo da Educação Básica (2018); b) apresentar dados a respeito da produção acadêmica sobre Estresse e Professores de Educação Infantil no período de 2008 a 2018, com enfoque em de redes de termos e redes de co-autoria; e c) Identificar e comparar as redes interpessoais de professores da Educação Infantil, que possuem altos e baixos índices de estresse.

Considera-se que esta dissertação se justifica pelas possibilidades de relevância ***acadêmica*** ao propor apresentar um panorama dos estudos sobre o estresse docente, especificamente no nível da educação infantil, e a relação com as redes sociais pessoais, buscando-se levantar achados e limitações de tais pesquisas na área. Além disso, o estudo levantará informações a respeito de um grupo ainda pouco estudado dentro da temática, que seriam os professores de cidades dos estados do norte do Brasil, em especial da cidade de Ananindeua, situada no Estado do Pará, explorando uma temática ainda lacunar na investigação do estresse docente, a saber as redes sociais pessoais.

Além disso, a presente proposta pode contribuir para fins práticos e institucionais, quando serve como norteador aos professores de educação infantil para que possam tomar consciência sobre sua condição de saúde, e procurar ajuda para o enfrentamento das situações geradoras de estresse. Às instituições responsáveis pela formação e saúde dos professores, este material poderá articular-se em prol da saúde e qualidade de vida dos professores.

SEÇÃO II

SEÇÃO II

ESTUDO 1

ESTRESSE EM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

Resumo

Apesar dos avanços legislativos, acadêmicos e práticos em prol da qualidade na etapa da Educação Infantil, percebe-se na atualidade que um aspecto primordial para tal melhoria está sendo negligenciado, e corresponde às condições de trabalho e saúde do docente. Este artigo objetivou levantar dados a respeito da produção acadêmica sobre Estresse e Professores de Educação Infantil no período de 2008 a 2018, com enfoque em redes de termos e redes de co-autoria. Esta pesquisa é bibliométrica e possui abordagem quanti-qualitativa, utilizando da técnica da revisão da literatura e da análise de redes de coautoria e conexões entre termos-chave para exame das informações. Os diretórios de buscas utilizados foram: CAPES, SCIELO, LILACS e ERIC, e após a aplicação dos critérios de inclusão, puderam ser selecionados 35 artigos. Destes, a maioria constitui-se como investigações nacionais (23) e as demais pesquisas (12) são internacionais. A análise das redes de co-autoria revelou que existe um grupo que possui maior destaque, pois se relaciona e publica sobre a referida temática e estabelece tímidas relações com outros grupos com diferentes assuntos. Já na rede de palavras-chave, percebe-se que o descritor principal "educação infantil" exerce e recebe influência de grupos de igual ou diferentes assuntos, tais como "ensino de ciências" e "violência doméstica". No entanto, considera-se relevante que a temática tenha pesquisas mais aprofundadas, por meio de novas parcerias entre pesquisadores, e a expansão das conexões com outras áreas da ciência.

Palavras-chave: Professores de Educação Infantil. Estresse. Revisão da Literatura. Estudo Bibliométrico.

Abstract

Despite the legislative, academic and practical advances in favor of quality in the kindergarten stage, it is currently perceived that a key aspect for such improvement is being neglected, and corresponds to the teacher's working and health conditions. This article discusses the relationship between Stress and Early Childhood Teachers, and aims to gather data on the academic production on Stress and Early Childhood Teacher Education from 2008 to 2018. This research is bibliometric and has a quantitative and qualitative approach, using the literature review technique and the analysis of co-authoring networks and connections between key terms for information examination. The search directories used were: CAPES, SCIELO, LILACS and ERIC, and after applying the inclusion criteria, 35 articles could be selected. Of these, most are national investigations (23) and the other research (12) are international. The analysis of the co-authorship networks revealed that there is a group that

has more prominence, because it relates and publishes on the aforementioned theme and establishes timid relationships with other groups with different subjects. In the keyword network, the main descriptor “early childhood education” exerts and receives influence from groups of the same or different subjects, such as “science teaching” and “domestic violence”. However, it is considered relevant that the theme has further research, through new partnerships between researchers, and the expansion of connections with other areas of science.

Keywords: Kindergarten Teachers. Stress. Literature Review. Bibliometric Study.

2.1 INTRODUÇÃO

As recentes mudanças legislativas sobre o reconhecimento da Educação Infantil como “a primeira etapa da Educação Básica”, segundo a LDBEN Nº 9394/1996, trouxeram melhorias na qualidade deste seguimento, como oferta de vagas para as crianças, e a preocupação com a formação pedagógica para o docente neste nível de ensino (MARTINS *et al.*, 2014). Porém, a formação dos professores de Educação Infantil ainda necessita ser repensada, desvinculada, quando necessário, do tradicionalismo do trabalho docente, e buscando-se uma prática pedagógica sólida que compreenda o processo ensino-aprendizagem do nível (RODRIGUES; SAHEB, 2015).

Pesquisas discutem que além de uma prática efetiva, por meio do desenvolvimento de jogos e brincadeiras, ferramenta indispensável na educação de crianças pequenas (LYNCH, 2015), a formação do profissional que atua na primeira infância deve levar em consideração peculiaridades de cada sujeito, como as dos que apresentam alguma deficiência (DE VITTA; DE VITTA; MONTEIRO, 2010), e a conscientização dos direitos e deveres cívicos da criança para com o meio e a sociedade em que vive (SILVA; CUNHA, 2016). Além destas, a modernidade impulsiona para que se faça o uso de novas tecnologias, como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC´s), cobrando que os professores se atualizem para incorporar tais tecnologias em suas aulas, pois já foi comprovado que estas motivam alunos pré-escolares (KONKA; OZEL; ZELYURT, 2016).

São muitos papéis atribuídos aos professores em geral, em especial aos professores da Educação Infantil. Para alguns autores, a atuação do profissional que lida com crianças de 0 a 5 anos vai além de educador formal, pois atua como mediador do processo (PEREIRA; MAIMONE; OLIVEIRA, 2012), e também observador e defensor contra a violência e a favor da integridade da criança (GARBRIN *et al*., 2010). No entanto, se o profissional não estiver consciente do processo ensino-aprendizagem suas práticas acabam não surtindo o efeito positivo esperado, levando a fragmentação de sua identidade para si e perante a sociedade,

pois não consegue estabelecer relação dos seus atos com os objetivos a serem atingidos com os alunos em sala de aula (JESUS *et al*., 2013), gerando frustração e sentimentos depreciativos.

A Educação Infantil possui caráter próprio, e por se tratar das primeiras interações da criança com o ambiente escolar, as habilidades sociais devem ser bem-sucedidas, valorizando integralmente a criança, e portanto o profissional que atende meninos e meninas dessa faixa-etária necessita estar apto para lidar com diferentes demandas (MAIA; SOARES; VICTORIA, 2009). Segundo Martins *et al*. (2014), estas demandas são de natureza burocráticas, morais, pessoais, profissionais, técnicas etc., e se forem somadas às condições de trabalho insuficientes, a baixa remuneração, acabarão gerando o mal-estar docente, pois as adversidades do meio podem ser maiores do que a capacidade de lidar do docente.

Apesar do acervo teórico e legal conquistado historicamente, ainda hoje se percebe um abismo muito grande entre o que vem sendo pesquisado, o que está proposto na legislação e as práticas cotidianas observadas nas instituições de atendimento à infância, principalmente a respeito das condições do trabalho do professor de Educação Infantil (MOREIRA; TOMAZZETTI, 2018).

Na pesquisa de Martins *et al*. (2014) foi discutido que as mídia e políticos atribuem a culpa pelo fracasso escolar às professoras[4] que atuam na primeira infância, sem considerar que estas possuem uma jornada de trabalho estressante e procuram medicamentos e licenças à saúde para que consigam administrar as tensões, principalmente do trabalho. Novos estudos sobre o real trabalho dos professores de Educação Infantil devem ganhar mais visibilidade para que não sofram julgamentos e reducionismos equivocados.

Ainda são recentes as inserções de temas como resiliência, estresse, educação emocional nas escolas, e os mesmos vêm ganhando importância, pois acreditava-se que temas com valores intelectuais seriam os mais necessários em tal ambiente. Isso se deve às reflexões sobre o processo de humanização da sociedade, para que se consiga compreender o papel da subjetividade e das emoções, e o quanto estas têm sido negligenciadas nos espaços laborais. Com tal importância que a temática tem assumido perante os trabalhos acadêmicos, há ainda pesquisas que endossam tal necessidade, pois alegam que a preocupação com a saúde mental do professor deve ser discutida nas formações permanentes de professores para que haja apoio e ajuda nas transformações importantes da vida e trabalho, e não deve ser reduzida a formação

[4] Escolheu-se utilizar o termo “professora(s)” pois nesta etapa de ensino encontram-se mais profissionais do gênero feminino. Esse fato tornou-se comum no Brasil, desde o século XIX quando ocorreu a expansão do ensino, e as mulheres assumiram este trabalho. No entanto, estas foram escolhidas pois eram vistas sem qualificação, e por isso pagava-se pouco às mulheres em relação aos homens (FISCHER; PEREZ, 2018).

técnica do docente (RHODEN; RHODEN, 2014).

Estudos recentes mostram o quanto é relevante o estudo do estresse do professor, em especial, das fases em que se encontram da implicação da síndrome em outros aspectos da vida do profissional. Levando-se em consideração o grupo estudado, há trabalhos que verificaram que a síndrome do estresse pode afetar os relacionamentos dos docentes, implicando na dificuldade de relacionamento entre colegas de trabalho no ambiente laboral (FERGUSON; MANG; FROST, 2017). Em outro estudo com outra amostra, o estresse não foi um fator de distanciamento entre o professor e outros sujeitos, pelo contrário, as relações sociais e apoio social foram percebidos como fatores satisfatórios no manejo da situação pelo professor (ROCHA *et al.*, 2017).

Pesquisadores já haviam comprovado em suas investigações que nem todos os docentes em situação de estresse tem sua satisfação com o trabalho diminuída. O estudo de Skaalvik e Skaalvik (2015) procurou indicar as fontes percebidas de satisfação no trabalho e estresse de 34 professores noruegueses. Os entrevistados relataram que as fontes de seu estresse são a carga elevada de trabalho, a ausência de tempo para planejar, e a adaptação das aulas para alunos com necessidades especiais. Apesar disso, responderam possuir elevada satisfação no trabalho, motivada pela certeza da escolha certa para a carreira, o trabalho significativo com crianças, a autonomia que a educação norueguesa proporciona para que ocorram suas aulas, e o trabalho em equipe com a responsabilização do grupo de professores por alunos de determinado nível de ensino. Apesar dos entrevistados indicarem ter passado por pelo menos uma situação estressante, estes compreendem o seu trabalho com uma ação benéfica em prol dos alunos.

A solução para demandas elevadas de estresse seriam as estratégias de *coping* ou enfrentamento. Autores perceberam que os professores entrevistados em sua pesquisa, que possuíam elevados índices de estresse no trabalho, optavam por conversar com amigos, familiares e colegas professores visando o alívio da tensão. No entanto, alguns destes círculos eram os geradores do estresse, o que não surtiu bons efeitos nos entrevistados. Porém, os autores trazem tipos diferentes de apoio social que podem ser executados no ambiente social, como o uso de mídias sociais online para a discussão dos problemas de trabalho e saúde em grupos anônimos, e até mesmo uma rede de apoio de gestores para com professores, servindo de base para situações que possam estressa- los, como no caso do comportamento de alunos (FERGUSON; MANG; FROST, 2017).

No entanto, Silva e Salles (2016) apresentam como resultado de suas pesquisas que é pequeno o número de pessoas que conhecem tratamentos alternativos para lidar com o

estresse e outras síndromes, e menor ainda é o grupo de pessoas que se submetem a tais tratamentos. Fato que alerta para a falta de importância que algumas pessoas atribuem ao estresse (SILVA; SALLES, 2016). As estratégias de enfrentamento precisam ser difundidas para conhecimento de todos os profissionais, inclusive professores, pois como já mencionado, trata-se de uma atividade laboral que gera demasiados níveis de tensões nos educadores. Há estudos que indicam o uso de estratégias de *coping*, sendo as de controlo ou de confronto as promotoras do *engajament* deste profissional. Já as estratégias de escape ou evitamento que são utilizadas pelos docentes, elevam os índices de Burnout (POCINHO; PERESTRELO, 2011).

A partir da bibliografia, é perceptível a existência de pesquisas abordando tanto temáticas sobre Estresse e Professores de Educação Infantil. Seria provável que as temáticas aproximem estudiosos que possuem características e motivações diferentes. Sendo assim, torna-se crescente também a possibilidade em analisar essas colaborações (MAIA; CAREGNATO, 2008).

Uma técnica que pode fazer as mencionadas e outras análises de correlações é a Análise de Redes Sociais (ARS). Em especial, se tratando de estudo de palavras-chave e de coautoria, utiliza-se uma vertente desta técnica, a Análise de Redes Semânticas. Esta executa a representação de uma teia de conceitos e a definição de um conceito em particular. Trata-se de um caminho metodológico novo, que visa compreender características complexas de fenômenos com a construção e difusão de conhecimento (JUNIOR *et al*., 2014).

Segundo um estudo realizado por Marteleto (2010), que pontuou os caminhos teóricos e metodológicos sobre a Análise de Redes Sociais, além dos estudos que utilizaram a metodologia, no campo da informação e comunicação envolvendo a Análise de Redes, tais pesquisas assumem dois focos: 1) analisar as redes de pesquisadores e de colaboração na ciência, em sua maior parte empregando a análise de coautorias, e 2) redes sociais de empresas e atores políticos, sociais e econômicos.

Portanto, torna-se importante levantar-se a produção acadêmica a respeito do Estresse e professores da Educação Infantil, pois ao se conhecer as conexões entre as temáticas, pode-se verificar como este campo de estudo está constituíduo e interagindo a partir das redes de coautoria, as limitações das investigações utilizando tais temáticas, e quais outros aspectos estão sendo discutidos em âmbito nacional e internacional sobre a saúde mental de doecentes pré-escolares. Quando estabelecidas as conexões dos termos, busca-se a compreensão das relações ennvolvendo conceitos e significados na construção e difusão de conhecimentos em estudos de Revisão da Literatura (SANTOS JÚNIOR, 2015). Consequentemente, esta

pesquisa objetivou levantar dados a respeito da produção acadêmica sobre Estresse e Professores de Educação Infantil no período de 2008 a 2018, com enfoque em redes de termos e redes de coautoria.

2.2. MÉTODO

2.2.1. *Natureza da Pesquisa*

A investigação é de **Natureza Aplicada**, pois segundo Gil (2008) ela está interessada na aplicação prática dos conhecimentos originados referentes a locais específicos. Quando levantados os dados a respeito das publicações sobre Estresse e Professores de Educação Infantil, pretende-se a sua utilização para próximas pesquisas. Quanto à abordagem do problema é do tipo **Quanti-qualitativa**, porque além de trazer a análise de dados estatísticos, o fenômeno será interpretado para atribuição de significado ao mesmo a partir de elementos textuais (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010). Quanto aos objetivos, o estudo possui caráter **Exploratório** e **Descritivo,** pois realizou levantamento bibliográfico e estabeleceu-se relações entre as variáveis escolhidas para estudo. Em relação aos procedimentos é do tipo pesquisa bibliométrica.

A pesquisa bibliométrica possui relevância na análise da produção científica, pois por meio desta pode-se obter um panorama a respeito do desempenho das publicações sobre uma determinada área do conhecimento. Buscam-se com esta técnica as respostas considerando variáveis: pesquisadores/autores; instituições ou temas; tipos de pesquisa; objetivos das investigações, dentre outras (ARAÚJO; ALVARENGA, 2011).

Para Junior *et al*. (2014), ao se observar um conceito, a posição, a importância e os significados de uma palavra dentro de um texto, levando-se em consideração o contexto textual no qual a palavra está inserida. Por isso, esta pesquisa examinou como variáveis os títulos e as palavras-chave dos artigos, a fim de verificar-se a importância de temáticas em comum nos estudos, pesquisando as conexões que possam haver entre as mesmas.

2.2.2. *Delimitação das fontes e Procedimentos de coleta*

Primeiramente foram definidos os descritores das temáticas que seriam pesquisados. Estes foram divididos em duas categorias: (1) Estresse (*Stress*), (2) Professores de Educação Infantil (*Kindergarten Teachers*), tanto em português como em inglês, as quais foram pesquisados de forma isolada e por cruzamentos entre os mesmos e seus sinônimos nos referidos diretórios (Quadro 1). Procurou-se realizar um levantamento da literatura, por meio

de buscas por pesquisas empíricas nos diretórios da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO) e *Education Resources Information Center* (ERIC).

Quadro 1: Palavras-chave em português e inglês utilizadas para busca de artigos sobre Estresse em Professores de Educação Infantil, nos diretórios de pesquisa da CAPES, LILACS, SCIELO E ERIC, no período de 2008 a 2018

Descritores (em português e inglês)	
Estresse	Professores de Educação Infantil; Professores Pré-escolares
Stress	*Kindergarten teachers*; *Preschool teachers*
Cruzamentos realizados para buscas nas bases de dados (em português e inglês)	
Estresse x Professores de Educação Infantil	*Stress* x *Kindergarten Teachers*
Estresse x Professores pré-escolares	*Stress* x *Preschool teachers*

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Os parâmetros de inclusão para a escolha dos artigos atenderam aos seguintes critérios: (1) Publicados nos últimos 10 anos; (2) Somente artigos; (3) em Português e Inglês; (4) Com descritor principal no título ou palavras-chave; (5) Disponível gratuitamente; (6) Na íntegra; (7) Revisado por pares; e (8) Que se referissem a Professores. Os artigos que não obedeceram a esses critérios de inclusão foram automaticamente descartados.

Para obtenção de informações utilizou-se de técnicas de coleta de **Pesquisa Bibliométrica**, pois como já mencionado, as fontes foram artigos científicos. Estes foram lidos e algumas variáveis foram extraídas para análise: a) autores e coautores; b) palavras-chave; c) qualis das revistas; e d) tipo de pesquisa.

2.2.3. *Análise dos dados*

Para análise dos dados utilizou-se estatística descritiva, com resultados organizados cuidadosamente em forma de tabelas ou gráficos para os dados quantitativos, que permitiram a elaboração de um resumo e descrição das caracterísiticas dos dados apresentados (GUIMARÃES, 2008). Para as informações textuais aplicou-se análise de rede semântica com

auxílio da Teoria dos Grafos. As categorias coletadas foram inseridas na ferramenta *Microsoft Excel* e executadas no *software NodeXL*, para obtenção dos escores, análise das métricas e construção dos grafos resultantes.

As Métricas são medidas matemáticas que geram e ajudam a descrever os Grafos, e ambos, são ferramentas oriundas da Teoria dos Grafos, que segundo Higgins e Ribeiro (2018) e Ramos (2015) corresponde a um tipo de geometria, conhecida de forma específica como topologia, para estudar relações entre objetos, e que vem ganhando expansão devido a diversos usos aplicados. O Quadro 2 apresenta um resumo das principais métricas utilizadas e seus conceitos para análise de redes.

Quadro 2: As métricas mais utilizadas em Análise de Redes e seus conceitos, Brasil, 2019

Métricas	Conceito
Degree	Grau de centralidade, que corresponde ao número de arestas que incidem em determinado vértice. Se o grafo for orientado por setas, a métrica pode ser de dois tipos:
	In Degree, corresponde ao número de arestas que um vértice recebe.
	Out Degree, implica no número de arestas que saem de um vértice.
Betweenness Centrality	Calcula a importância de intermediação de um nó na rede, considerando as perdas ou não que a retirada deste possa causar a rede.
Closeness Centrality	Verifica a proximidade entre dois vértices na rede, assumindo o menor valor possível de 1 (distância geodésica), ou seja, a menor distância entre dois nós.
Eigenvector Centrality	Calcular o grau de relevância do nó na rede, tendo como referência valores que variam entre 0 (menor relevância) e 1 (maior relevância).
Page Rank	Calculada somente em grafos direcionados, é uma métrica que também aponta a importância do nó na rede, mostrando o quanto esta está ligada aos demais vértices, que compõem a rede.

Fonte: Adaptado de HANSEN, SHNEIDERMAN e SMITH (2011) e RAMOS (2015).

Na atualidade, as métricas podem ser aplicadas em técnicas de análises de redes sociais, redes semânticas, ou mesmo em análise de termos-chave e coautoria, como é o caso

da pesquisa em questão.

2.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as buscas realizadas nos quatro diretórios com descritores de forma isolada e por cruzamentos, aplicou-se os critérios de inclusão que resultaram em 52 artigos, que foram lidos e avaliados. A Tabela 1 apresenta o resumo do número de artigos resultantes da busca em cada base de dados.

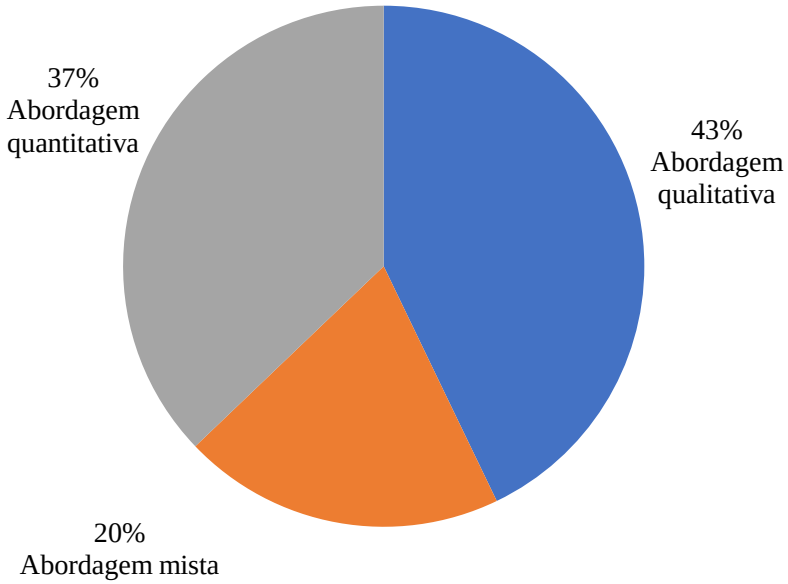
Tabela 1: Resultado detalhado da quantidade de artigos sobre Estresse e Professores da Educação Infantil encontrados nas bases de dados CAPES, LILACS, SCIELO, ERIC, Brasil, no período de 2008 a 2018.

DIRETÓRIOS	Busca inicial de artigos	Artigos selecionados após aplicação dos critérios	Artigos repetidos	Pesquisas nacionais	Pesquisas internacionais
CAPES	9	8			
LILACS	14	5			
SCIELO	13	10	17	23	12
ERIC	16	12			
Total	52	35			

Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

Como apresentado, dos 52 artigos encontrados, 17 eram artigos repetidos, o que indica a submissão simultânea do mesmo trabalho em revistas diferentes, haja vista o demorado processo para publicação. Após a leitura dos objetivos e metodologias de cada trabalho, chegou-se à conclusão de que somente 35 correspondiam a temática da pesquisa. Dentre este total, 23 são pesquisas nacionais, e 12 pesquisas internacionais. Como acompanhado no Gráfico 1, o tipo de pesquisa mais empregado foi a de abordagem qualitativa, sendo percebida em 15 artigos (43%), seguida da abordagem quantitativa, empregada em 13 artigos (37%), e a menos utilizada foi a abordagem mista, encontrada em 7 artigos (20%).

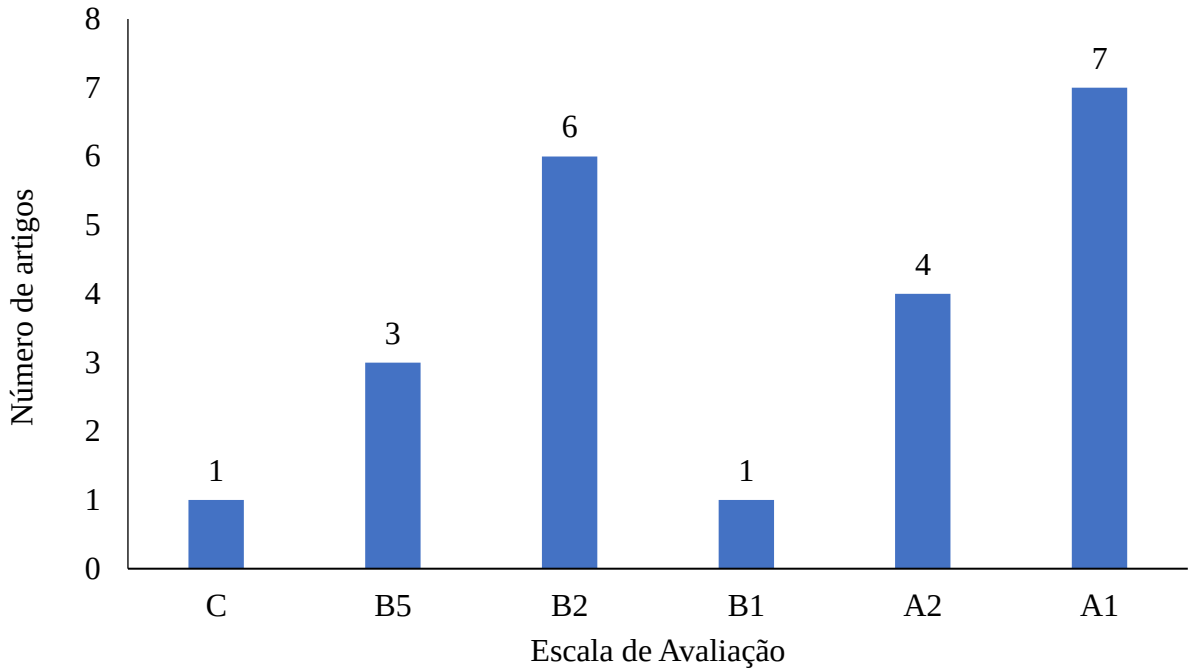
Gráfico 1: Porcentagem dos tipos de pesquisa mais utilizados nas metodologias dos artigos sobre Estresse e Professores da Educação Infantil, levantados nos diretórios da CAPES, LILACS, SCIELO e ERIC, no período de 2008 a 2018



Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

Outra característica do conjunto de artigos encontrados é a avaliação das revistas nas quais foram publicados. Esta classificação é feita pela Qualis-Periódicos, sistema pertencente a CAPES, para identificar a qualidade da produção científica da pós-graduação, por meio da avaliação dos periódicos em que são publicados. Cada revista precisa obedecer a critérios definidos por comitês de consultores de cada área em avaliação que classificam as revistas em uma das 8 categorias, de acordo com a soma dos critérios estipulados. Sendo assim, para ser classificada como A1 e A2, a revista precisa alcançar as pontuações 100 e 85 respectivamente, para serem consideradas revistas de alta qualidade; para as classificações B1 e B2, e serem considerados periódicos de boa qualidade, precisam obter os valores 70 e 55 pontos. Revistas com Qualis B3, B4, B5 e C, pontuam respectivamente 40, 25, 10 e 0, as quais são consideradas de baixa qualidade. O Gráfico 2 apresenta o Qualis dos periódicos dos artigos encontrados nesta investigação.

Gráfico 2: Quantidade de artigos sobre Estresse e Professores da Educação Infantil e a classificação Qualis dos periódicos nos quais foram publicados, no período de 2008 a 2018



Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

Dos periódicos em que os estudos foram publicados existem 13 não possuem classificação no site da Capes. Os demais periódicos aos quais pertencem os artigos achados neste estudo a avaliação Qualis tem a seguinte distribuição: A1: 7 revistas; A2: 4 revistas; B1: 1; B2: 6 revistas; B5: 3 revistas e C: 1 revistas.

2.3.1. *Análise de redes de termos-chave e coocorrências de autorias*

Para visualização das relações entre as variáveis levantadas nos estudos aplicou-se um estudo das redes de termos-chave e das parcerias entre autores (co-autoria), com apoio das ferramentas *Nodexl* e *Microsoft Excel*. O *Nodexl* é uma ferramenta que possui linguagem computacional e matemática para observar as conexões entre objetos em estudo, visualizados em Grafos (RAMOS, 2015). Ainda segundo a autora, os grafos correspondem a visualização da aplicação da técnica para análise dos resultados, que são representados por meio de diagramas. Nestes as relações são constituídas por linhas (arestas) e os pontos (vértices) que são os objetos que estabelecem conexões. Neste estudo utilizaram-se as seguintes variáveis: autores e coautores, e palavras-chave. A estas foram aplicadas métricas para que se percebessem nestas relações as medidas de centralidade, intermediação e importância.

2.3.2. *Rede de coocorrência de autorias*

A constatação da relevância de um vértice em uma rede social pode ser feita com auxílio da técnica de Análise de Redes. Por meio desta, é possível estabelecer o caráter que determinado ator possui na estrutura de uma rede, identificando a sua posição de poder ou centralidade. Quando o autor é central na rede, isso corresponde a mais aberturas para relações de trocas e comunicações e menos ressalvas, o que lhe proporciona poder nas relações (MAIA; CAREGNATO, 2008). A seguir apresenta-se o Quadro 3 que representa os escores para a métrica Eigenvector Centrality, e Grafo 1 (Figura 1) a representação estrutural das relações com maior e menor importância na rede, respectivamente.

Quadro 3: Valores obtidos por cada autor para a métrica *Eigenvector Centrality*, suas parcerias, seu papel na rede e o número de artigos sobre Estresse e Professores da Educação Infantil que publicou em parcerias, no período de 2008 a 2018 (Continua)

Autores e co-autores	**Eigenvector Centrality**	**Parceria**	**Forma de associação In degree (←) Out degree (→) In/Out degree (↔)**	**Número de artigos que indica a co-autoria**
SILVA	0,146	Lima	→	2
		Rocha	←	1
		Filho	←	1
		Boscari	→	1
		Amer	→	1
		Almeida	→	1
		Fernandes	←	1
		Chiaparini	←	1
		Cunha	←	1
ROCHA	0,128	Filho	→	1
		Silva	→	1
		Boscari	→	1
		Amer	→	1
		Almeida	→	1
		Buss-Simão	←	1
FILHO	0,124	Rocha	←	1
		Silva	→	1
		Boscari	→	1
		Amer	→	1
		Almeida	→	1

Quadro 3: Valores obtidos por cada autor para a métrica *Eigenvector Centrality*, suas parcerias, seu papel na rede e o número de artigos sobre Estresse e Professores da Educação Infantil que publicou em parcerias, no período de 2008 a 2018 (Continua)

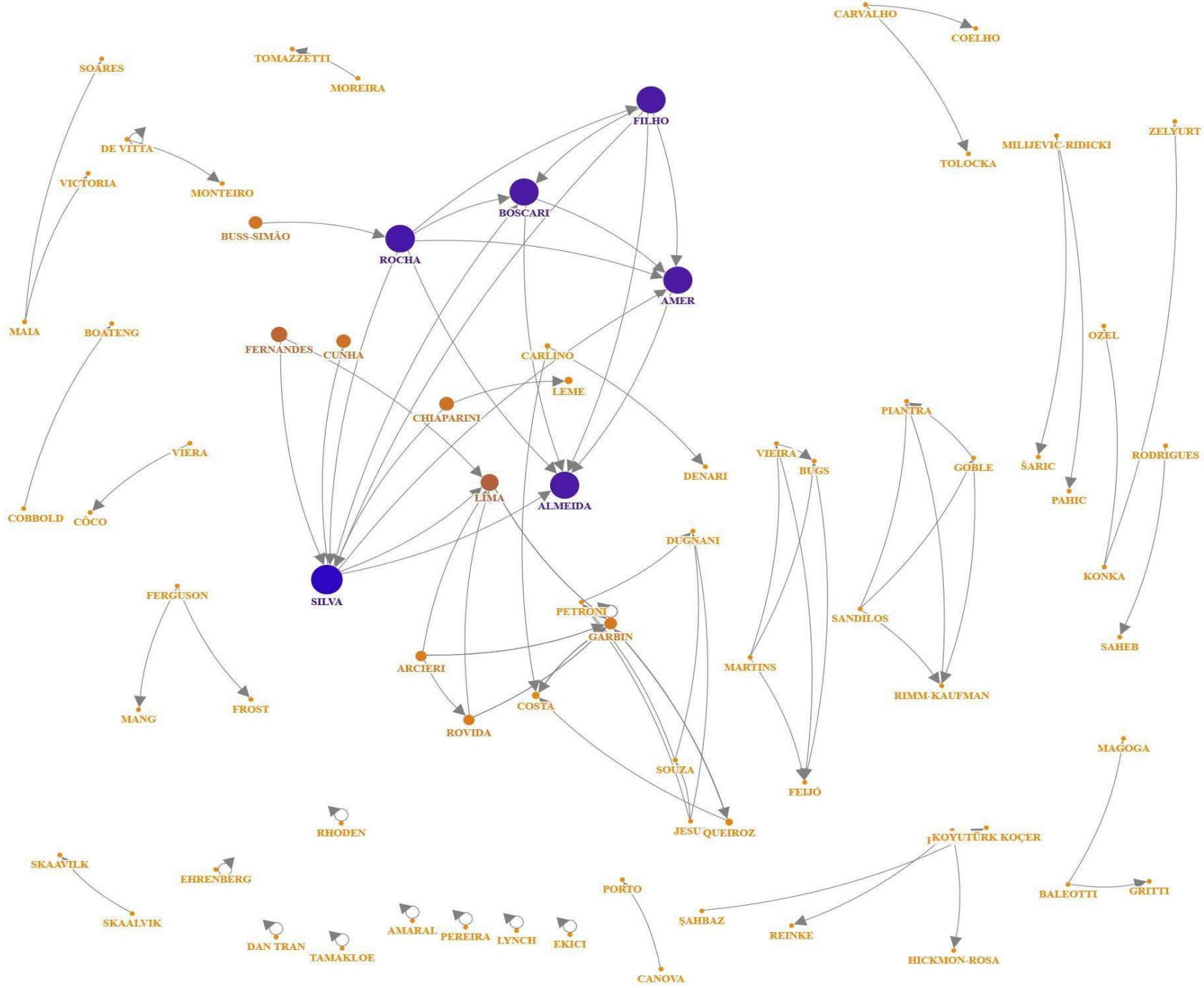
Autores e co-autores	**Eigenvector Centrality**	**Parceria**	**Forma de associação In degree (←) Out degree (→) In/Out degree (⟷)**	**Número de artigos que indica a co-autoria**
BOSCARI	0,124	Rocha	←	1
		Filho	←	1
		Silva	←	1
		Amer	→	1
		Almeida	→	1
AMER	0,124	Rocha	←	1
		Silva	←	1
		Filho	←	1
		Boscari	←	1
		Almeida	→	1
ALMEIDA	0,124	Rocha	←	1
		Filho	←	1
		Silva	←	1
		Boscari	←	1
		Amer	←	1

Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

O ponto de corte para escolha dos termos obedeceu aos escores que possuíam valores ≥0,124 na métrica *Eigenvector Centrality*, que corresponde à importância do vértice na rede, e é calculada por meio da variação dos valores entre 0 e 1. Quanto mais próximo de zero for o valor, menos relevante é o vértice, do contrário, quanto mais próximo de 1 estiver o valor, mais importância possui este vértice. Sendo assim, os autores que pontuaram com escores

entre 0,146 e 0,124 são os que representam maior relevância nos estudos a respeito das temáticas Estresse e Professores de Educação Infantil, mesmo que estes valores estejam muito próximos a zero. A representação estrutural pode ser percebida com a observação da Figura 1.

Figura 1: Multigrafo das relações entre coautores, e dos autores de artigos sobre Estresse de Professores da Educação Infantil, que possuem maior e menor importância na rede, no período de 2008 a 2018



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Podem-se perceber seis vértices (nós) que estão em destaque pelo tamanho e cor azul, e correspondem aos maiores valores encontrados para a métrica aplicada. Os demais vértices com tamanho menor e cor alaranjada correspondem a autores que possuem escores menores que 0,124 ou não pontuaram nesta métrica. Quanto maior for a esfera mais elevado é o escore do vértice na métrica de corte escolhida, e mais destaque possui o autor por suas publicações em parceria. Vale ressaltar que mesmo que os autores em evidência no vértice assumam destaque estrutural, do ponto de vista dos valores obtidos na métrica, percebe-se que estes ainda não possuem notoriedade, pois os escores estão distantes de um. No entanto, as poucas conexões entre autores já indicam o início para este novo caminho a ser investigado.

Os seis vértices em maior evidência correspondem a um grupo específico de autores "Rocha, Filho, Silva, Boscari, Amer e Almeida (2017)" que publicaram um trabalho em conjunto. Estes possuem interações com outros grupos, por meio de relações que são orientadas, ou seja, as setas indicam que se estabeleceram parcerias entre "Buss-Simão e Rocha (2018)", "Fernandes, Lima e Silva (2017)", "Silva e Cunha (2016)", Silva e Lima (2014), "Chiaparini, Silva e Leme (2018)" para publicar.

No estudo do grupo em destaque, os autores analisaram a relação do estresse com sintomas osteomusculares em docentes da educação básica. A pesquisa mostrou que 48% dos professores apresentam tais sintomas físicos em diferentes partes do corpo: joelhos (67%), tornozelo/pés (61%) e pescoço (57%). Quanto aos sintomas de estresse, verificou-se que 42% dos participantes se encontravam em algum nível de estresse, com a incidência dos sintomas psicológicos sobre os físicos. Apesar de estes percentuais elevados apontarem para um quadro de doença, a pesquisa concluiu que esse quadro não implica na qualidade de vida dos professores do estudo, pois estes alegaram que suas relações sociais e sentimentais não são tão afetadas, quando comparadas a questões físicas e do meio ambiente, as quais não conseguem administrar (ROCHA *et al*., 2017).

Sobre as parcerias, percebe-se que duas destas possuem trabalhos com o objetivo de apresentar a formação do futuro professor da Educação Infantil, suas características, peculiaridades e fragilidades. Além disso, ambas as pesquisas mostram a necessidade de investimento na formação e valorização do profissional, visando a contribuição na construção de sua identidade (CHIAPARINI; SILVA; LEME, 2018; BUSS-SIMÃO; ROCHA, 2018).

Em outras parcerias (FERNANDES; LIMA; SILVA, 2017; SILVA; CUNHA, 2016) os autores enfatizam a respeito da ausência de encontros formativos adequados, pois estes poderiam contribuir com a compreensão e atuação dos profissionais frente a temas como Meio Ambiente (SILVA; CUNHA, 2017), e sobre a interdisciplinaridade da Educação

Infantil, aproximando outras áreas como a da saúde com a do trabalho pedagógico, visando qualidade de vida do indivíduo. Na parceria de Silva e Lima (2014) a ênfase é dada para os benefícios sociais da prática de inclusão iniciados com crianças na idade da Educação Infantil.

Além destes, há grupos como os de "Tomazzetti e Moreira (2018)" e "Ferguson, Mang e Frost (2017)", por exemplo, que compartilharam a autoria de trabalhos, mas não possuem elevados escores de centralidade, e não se conectam com os demais grupos. Isso pode ser explicado pelo fato de alguns pesquisadores estarem preocupados com temáticas voltadas a saúde do professor, levantando dados sobre o estresse da profissão, sua repercussão e falta de apoio no ambiente de trabalho, desvinculando-se da temática sobre formação do profissional (FERGUSON; MANG; FROST, 2017). Outros estudiosos investigaram a necessidade de outras questões, como a avaliação na Educação Infantil serem abordadas em encontros de professores, com objetivo de atualizá-los, sendo esta uma proposta para o surgimento de novas parcerias (TOMAZZETTI; MOREIRA, 2018).

Existem também os autores que não compartilharam a autoria de seus trabalhos com outros co-autores, e portanto, aparecem sem conexão na rede. Estes discutem a respeito da formação de qualidade que devem ter os professores para atuar na Educação Infantil, ofertada tanto a nível profissional (AMARAL, 2011), como continuada, no exercício da profissão (PEREIRA, 2017).

Em síntese, a estrutura da rede de co-autoria revela que os autores destacados não concentram muitas publicações em conjunto quando se observa o número de autores disponível para tais parcerias, e talvez isso indique o motivo das pesquisas envolvendo os termos Estresse e Educação Infantil ainda não ganharem difusão. Ainda assim, as poucas parcerias possuem tímidas publicações, mas que já caracterizam o início de novas possibilidades envolvendo as áreas da saúde e educação.

2.3.3. *Análise de conexões de termos-chave*

No estudo das relações entre as palavras-chave utilizou-se como ponto de corte valores que apresentaram escores ≥0,024, também na métrica *Eigenvector Centrality*, como já apresentada, trata-se de uma medida utilizada para evidenciar a importância do nó na rede, tendo como parâmetros valores entre 0 e 1 para destacar menor relevância ou maior relevância, respectivamente. Os resultados indicaram que na medida sobre importância do vértice as palavras que apresentaram maiores escores variaram entre 0,024 e 0,111. É perceptível o destaque nos valores entre as palavras, pois a palavra- chave "educação infantil"

tem um escore bem mais elevado quando comparado os valores das demais. Na Tabela 2 dá-se a melhor visualização para esta comparação.

Tabela 2: Apresentação decrescente dos escores obtidos com a métrica Eigenvector Centrality para apontar as palavras-chave com maior destaque nos estudos sobre Estresse e Professores de Educação Infantil, encontrados nos diretórios CAPES, LILACS, SCIELO e ERIC, no período de 2008 a 2018

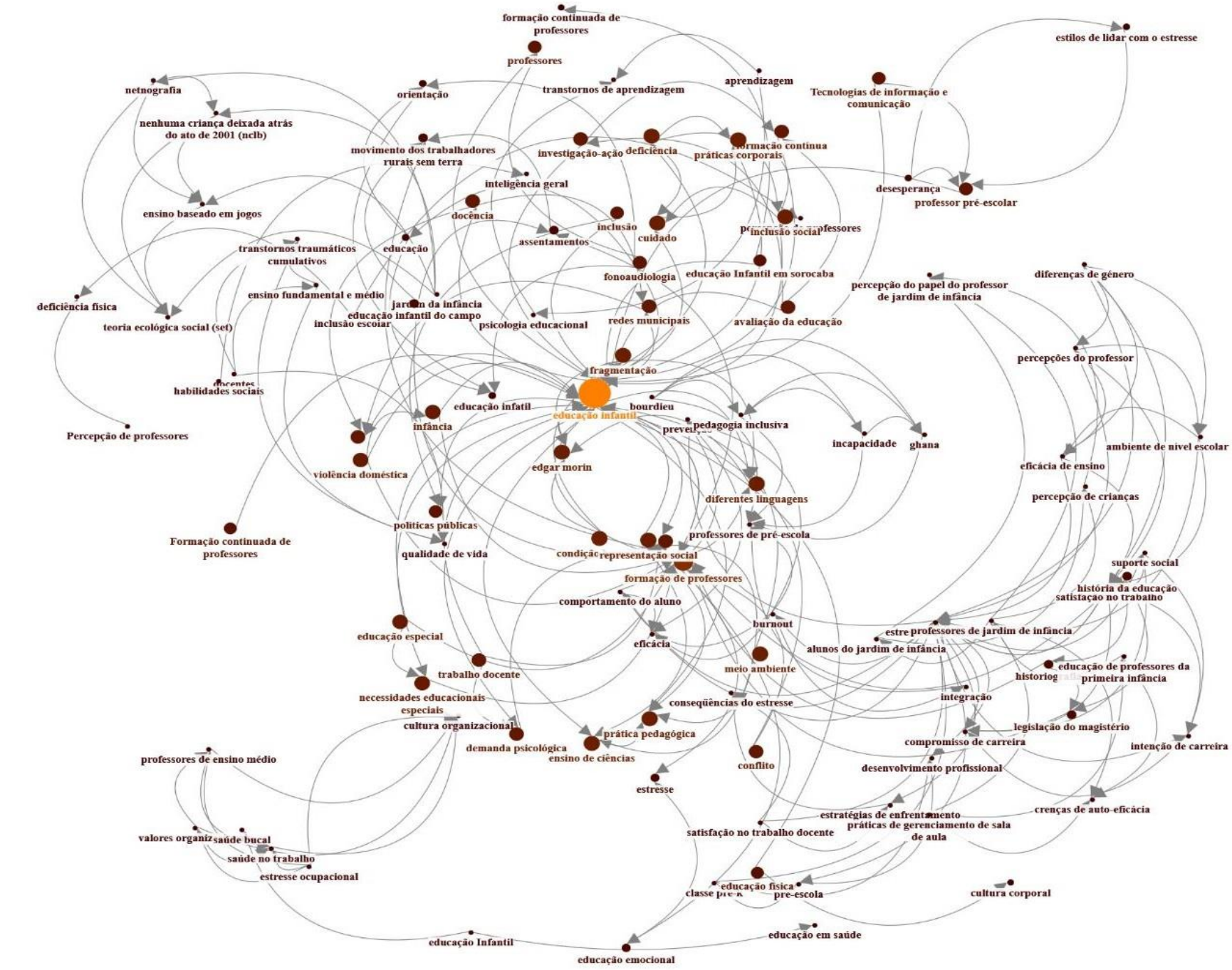
Palavras-chave	***Eigenvector Centrality***
Educação infantil	0,111
Formação de professores	0,039
Condição humana	0,026
Fragmentação	0,026
Diferentes linguagens	0,026
Edgar morin	0,026
Deficiência	0,026
Inclusão social	0,026
Cuidado	0,026
Práticas corporais	0,026
Meio ambiente	0,026
Representação social	0,026
Ensino de ciências	0,026
Prática pedagógica	0,026
Educação especial	0,024
Necessidades educacionais especiais	0,024
Violência doméstica	0,024
Infância	0,024

Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

Na Tabela 2, percebe-se que o termo “educação infantil” possui maior importância na rede, por apresentar um vértice com tamanho e cor destacados dos demais, já que seu escore resultante foi 0,111. Isto pode ser explicado, pois se trata de uma palavra-chave que foi utilizada como descritor principal de busca, sendo esperada a evidência deste termo. Ainda assim, a topografia (Figura 2) indica o destaque da palavra, mas o escore obtido ainda está

longe do valor que caracteriza importância. Os vértices que representam palavras que possuem tamanhos médios com cores escuras também indicam os temas que aparecem com relevância nos estudos, com escores que variam entre 0,024 a 0,039. Já os vértices pequenos possuem escores inferiores a 0,024, aparecem nos estudos, mas estão pouco conectados nas pesquisas sobre as temáticas.

Figura 2: Conexões entre termos-chave referentes às temáticas dos artigos sobre Estresse e Professores de Educação Infantil, no período de 2008 a 2018



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O nó “educação infantil” apresenta arestas em dois sentidos, que representam a influência do vértice, com a sua direção ressaltada por setas direcionadas. As setas que incidem no vértice indicam a influência que o mesmo está sofrendo de outros vértices e pode ser analisada por meio da medida *in degree.* Há também setas que saem do nó principal em direção a outros nós, mostrando a influência que tem sobre os mesmos, ponderada pela métrica *out degree*. A Figura 3 mostra, por meio de uma nuvem de palavras, os termos-chave que mais foram publicados em associação ao termo principal “educação infantil”.

Figura 3: Nuvem de palavras dos termos-chave relacionados à “educação infantil”, nos artigos sobre Estresse e Professores de Educação Infantil, no período de 2008 a 2018

Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

As palavras apresentam tamanhos diferentes pois sua incidência nos artigos possui frequências diferentes, portanto, quanto maior estiver a palavra, mais frequente/incidente ela é nos artigos investigados, sendo as mais notórias: formação continuada de professores (f=5); professor pré-escolar (f=3); inclusão social (f=3); educação especial (f=3); trabalho docente (f=3); Políticas públicas municipais (f=3); Ensino de ciências (f=2); avaliação na educação infantil (f=2); conflito psicológico (f=2). As demais expressões aparecem uma única vez por estudo, tais como: Edgar Morin, violência doméstica, diferentes linguagens, fragmentação, dentre outras. As pesquisas que mostram a associação dos termos-chave, ainda se encontram em estágio inicial, porém são um marco para investigações nesses campos.

Levando em consideração as direções das setas que incidem sobre o vértice, percebe-se que as palavras-chave “*cuidado, inclusão, prática corporal, Edgar Morin, representação social, formação de professores, prática pedagógica, ensino de ciências, necessidades*

educacionais, condição humana", são termos ligadas ao vértice "educação infantil" com maior importância, e estabelecem coocorrências nos artigos investigados.

Tal fato pode ser comprovado nas relações que trazem os estudos que abordam a prática dos professores de educação infantil frente aos desafios da educação especial (CARVALHO; COELHO; TOLOCKA, 2016), sobre a necessidade de se romper com o exacerbado tradicionalismo com crianças pequenas, fazendo-as refletir a respeito do seu espaço como indivíduo (RODRIGUES; SAHEB, 2015), além de trazer a formação contínua de qualidade para o docente como fortalecedora de sua prática interdisciplinar (SILVA; CUNHA, 2016).

Ao se observar sobre a influência do descritor "educação infantil", percebe-se que o termo também se conectou as palavras-chave "*infância, violência doméstica, educação especial, meio ambiente*" estabelecendo ocorrência conjunta.

Esta influência pode ser evidenciada quando os resultados das investigações trazem a importância do aprimoramento dos professores atuantes na primeira infância, com a finalidade de preparo para compreender e lidar com situações ainda pouco palpáveis pelos docentes, como a violência familiar sofrida pelas crianças (GARBIN; QUEIROZ; COSTA; GARBIN, 2010). Este assunto tem se expandido, chegando à sala de aula, necessitando que professores possam estar cada vez mais preparados para atuar ao perceberem situações de violência sofrida pelos alunos. Estas situações exigem que os professores assumam papéis além daquele que lhes são solicitados na sala de aula, o que pode trazer situações desagradáveis, implicando em sua saúde mental.

A pesquisa de De Vitta, De Vitta e Monteiro (2010) destaca que uma prática efetiva na Educação Infantil, demanda o conhecimento e respeito às necessidades das crianças, especialmente se tratando das crianças com deficiências, que segundo as informações, são pouco compreendidas pelos educadores. Outra relação que parece não ser característica da Educação Infantil, e a que esta detém com o termo *ensino de ciências.* O estudo de Silva e Cunha (2016) indica que a formação específica para o ensino de ciências é necessária para que as crianças se aproximem de práticas de interação com o meio ambiente. No entanto, os professores que precisam participar destas formações não dispõem de tempo livre, pois possuem um regime de trabalho integral, outra situação que pode implicar na qualidade do ensino e na saúde do professor.

Sendo assim, observa-se que o tema "educação infantil" tem conexões com diferentes áreas e temas, mas ainda são necessárias novas aproximações para que assuntos que relacionem professores de educação infantil e saúde docente possam ser cada vez mais

investigadas.

2.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a utilização da técnica de Análise de Redes de termos-chave e coautoria, pode-se vislumbrar um panorama dos últimos 10 anos a respeito das pesquisas publicadas sobre Estresse em professores de Educação Infantil. Por meio da técnica de visualização de grafos e escores identificou-se como estão as publicações científicas que abordam as áreas da saúde e educação, mais precisamente na área da Educação Infantil e do estresse docente. A rede de coautoria indica um ligeiro crescimento das principais parcerias entre os autores, na qual um grupo tem maior relevância nos estudos, estabelecendo poucas conexões com outros pesquisadores. Quanto à rede de termos, constatou-se que o descritor principal foi: “educação infantil” termo intencionalmente utitlizado na busca, que estabeleceu conexões com muitas outras variáveis, tais como “violência doméstica”, “meio ambiente”, “deficiência” que possuem alta e baixa relevância na rede. Mesmo que as estruturas indiquem a importância de termos e autores e coautores, os resultados das métricas se distanciam de 1, o que faz-se refletir que ainda são necessários estudos para que pesquisas sobre saúde e educação se desenvolvam, e mais pesquisadores estabeleçam parcerias.

Um grupo de pesquisadores que estabelece maior número de conexões é o que possui maior importância na rede investigada, pois estabelecem conexões com outros pesquisadores de temas relacionados ou não à temática do Estresse em professores de Educação Infantil. O estudo deste grupo em destaque refere-se à relação dos problemas de saúde física com sintomas de estresse em docentes da educação básica. Nas inter-relações que estabelecem com pesquisadores parceiros, as temáticas dos estudos originadas de tais parcerias vão de estudos sobre a saúde mental à formação inicial e continuada do professor da Educação Infantil. Estes estudos e parcerias entre autores trazem, ainda timidamente, para discussão a relação que existe entre a prática docente e o estresse, que pode acarretar em sintomas físicos, como evidenciado no estudo.

Com relação às redes de temáticas, como já mencionado, o termo “educação infantil” se relaciona a uma porção de outras palavras que pertencem as mais distintas áreas. Algumas podem ser associadas ao termo-chave, como *infância* e *educação especial*, pois compõem assuntos pertinentes a esta área. Por outro lado, o termo *violência doméstica* está associado à área em destaque, pois a violência doméstica tem ganhado proporções e a identificação dos sinais pode ser feita em ambiente escolar, onde estas crianças podem sentir-se seguras. Esta é

uma demanda com a qual o professor também precisa lidar, pois são assuntos extracurriculares, dos quais precisam estar a par visto o número crescente de violência contra a criança, fazendo com que o professor assuma posturas que não lhes correspondem para atuar em prol dos seus alunos. Estas demandas extras podem acarretar no estresse do docente.

O termo *ensino de ciências* está timidamente relacionado a área da educação infantil, pois é uma área que está sendo incorporada às práticas dos professores, por meio de formações continuadas. A formação destes professores é polivalente, o que muitas vezes dificulta o conhecimento específico, por isso, formações em serviço são necessárias para que novas práticas possam ganhar espaço no currículo da Educação Infantil. Entretanto, os professores não possuem tempo livre, pois sua jornada de trabalho é dupla, o que pode implicar no desgaste físico e mental.

No entanto, sugere-se que se amplie a rede de coautoria, para que os pesquisadores de temáticas em comum e até mesmo diferentes possam estreitar relações, levando ao aumento de produções científicas relevantes. Percebeu-se que alguns estudos não tiveram autoria compartilhada nem entre coautores de mesmo grupo, muito menos com os coautores de outras áreas. Outra sugestão seria a análise da rede do ponto de vista de outras métricas, que tragam diferentes visões sobre as conexões das relações ocorridas entre pesquisadores e as palavras-chave de tais estudos.

2.5. REFERÊNCIAS

AMARAL, S. R. R. do. A formação de professores para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental: permanências e rupturas decorrentes das dinâmicas sociais e da legislação do magistério. **Revista HISTEDBR On-line**, n. 43, p. 103-117, set. 2011.

ARAÚJO, R. F.; ALVARENGA, L. A bibliometria na pesquisa científica da pós-graduação brasileira de 1987 a 2007. **R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf**., v. 16, n. 31, p.51-70, 2011.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BUSS-SIMÃO, M.; ROCHA, E. A. C. Docência na educação infantil: uma análise das redes municipais no contexto catarinense. **Revista Brasileira de Educação**. v. 23, e 230021, 2018.

CARVALHO, A. F.; COELHO, V. A. C.; TOLOCKA, R. E., Professores de educação infantil e temas sobre inclusão de crianças com deficiência no ensino regular. **Educ. Pesqui.**, v. 42, n. 3, p. 713-726, jul./set. 2016.

CHIAPARINI, C.; SILVA, I. M. M.; LEME, M. I. da S. Conflitos interpessoais na educação

infantil: o olhar de futuros professores e egressos. **Psicologia Escolar e Educacional.** v. 22, n. 3, set/dez. 2018.

DE VITTA, F. C. F.; DE VITTA, A.; MONTEIRO, A. S. R. Percepção de professores de educação infantil sobre a inclusão da criança com deficiência. **Rev. Bras. Ed. Esp**., v.16, n.3, p.415-428, Set.-Dez., 2010.

FERGUSON, K.; MANG, C.; FROST, L., Teacher Stress and Social Support Usage. **Brock Education Journal**, 26(2), 2017.

FERNANDES, D. M. Z.; LIMA, M. C. M. P.; SILVA, I. R. A percepção de professores de educação infantil sobre a atuação fonoaudiológica na escola**. Distúrb. Comun**, 29(1): 86-96, março, 2017.

GARBIN, C. A. S.; QUEIROZ, A. P. D. de G. e; COSTA, A. A.; GARBIN, A. J. I.Formação e atitude dos professores de educação infantil sobre violência familiar contra criança. **Educar em Revista**, n. especial 2, p. 207-216, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, P. R. B. **Métodos Quantitativos Estatísticos:** conceitos e aplicações – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

HANSEN, D. L.; SHNEIDERMAN, B.; SMITH, M. A. **Analysing social media networks with NodeXL:** insights from a connected world. Morgan Kaufmann (Elsevier), p. 284, 2011.

HIGGINS; S. S.; RIBEIRO, A. C. A. **Análise de redes em Ciências Sociais.** – Brasília: Enap, 2018.

JESUS, J. S. de; SOUZA, V. L. T. de; PETRONI, A. P.; DUGNANI, A. P. da C. Os sentidos da aprendizagem para professores da educação infantil, ensino fundamental e médio. **Rev. Psicopedagogia**, v.30, n. 93, 201-11, 2013.

JUNIOR, R. P. dos S. *et al*. Análise de diferentes conceitos de educação por meio das redes semânticas. **Revista de Informação**, v.15, n.3, jun. 2014.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa:** guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KONCA, A.S., OZEL, E.; ZELYURT, H. Attitudes of preschool teachers towards using information and communication technologies (ICT). **International Journal of Research in Education and Science (IJRES),** 2(1), 10-15. 2016.

LYNCH, M. The Perspective of Kindergarten Teachers on Play in the Classroom. **American Journal of Play**, v. 7, n. 3, p.374-370. 2015.

MAIA, M. de S. F; CAREGNATO, S. E. Coautoria como indicador de redes de colaboração científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n.2, p.18-31, maio/ago. 2008.

MAIA, R. C. C.; SOARES, A. B.; VICTORA, M.S. da. Um estudo com professores da

educação infantil e do ensino fundamental sobre suas habilidades sociais e inteligência geral. **Estudos e pesquisas em psicologia**, ano 9, n. 2, p. 464-479, 2009.

MARTELETO, R. M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Pesq. bras. ci. inf**., Brasília, v.3, n.1,p.27-46, jan./dez. 2010.

MARTINS, M. F. D; VIEIRA, J. S.; FEIJÓ, J. R.; BUGS, V. O trabalho das docentes da Educação Infantil e o mal-estar docente: o impacto dos aspectos psicossociais no adoecimento. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 17, n. 2, p.281-289, 2014.

MOREIRA, J. C.; TOMAZZETTI, C. M. Avaliação na educação infantil e formação contínua de professores. **Estud. Aval. Educ**., São Paulo, v. 29, n. 71, p. 504-527, maio/ago. 2018.

PEREIRA, M. C. A formação continuada de professores da educação infantil em Sorocaba/SP. **Laplage em Revista (Sorocaba),** v.3, n.3, p.190-199, set.-dez. 2017.

PEREIRA, H. de O. S.; MAIMONE, E. H.; OLIVEIRA, A. P. Avaliação do perfil mediacional de uma professora da educação infantil. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, jan/jun. 2012.

POCINHO, M.; PERESTRELO, C. X. Um ensaio sobre burnout, engagement e estratégias de coping na profissão docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 513 - 528, set./dez.2011.

RAMOS, M. F. H. **Modelo Social Cognitivo de Satisfação no Trabalho e Eficácia Coletiva:** Percepções sobre a Docência. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. UFPA. Belém, 2015.

RHODEN, J. L. M.; RHODEN, V. Formação de professores: um espaço que possibilita trabalhar a educação emocional e compreender o estresse do professor. **Rev. Ciênc. Ext**. v.10, n.2, p. 118-135, 2014.

ROCHA, R. E. R da; FILHO, K. P.; SILVA, F. N. da; BOSCARI, M.; AMER, S. A. K,; ALMEIDA, D. C. de. Sintomas osteomusculares e estresse não alteram a qualidade de vida de professores da educação básica. **Fisioter Pesqui**., v. 24, n. 3, p. 259-266, 2017.

RODRIGUES; D. G.; SAHEB, D. A concepção dos professores e educadores de educação infantil sobre o saber de Morin: ensinar a condição humana. **Rev. bras. Estud. pedagog. (online),** Brasília, v. 96, n. 242, p. 180-197, jan./abr. 2015.

SILVA, F. D. A; CUNHA, A. M. de O. Representações sociais de professores da Educação Infantil sobre o desenvolvimento da prática pedagógica em meio ambiente. **Ciênc. Educ., Bauru**, v. 22, n. 4, p. 1013-1026, 2016.

SILVA, L. C. da; LIMA, G. E. de. Educação infantil nos desdobramentos do processo de inclusão: perspectivas de professores e equipe gestora. **Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.** v. 3 n. 8 jul./dez. 2014.

SILVA, L. C. da; SALLES, T. L. de A. O estresse ocupacional e as formas alternativas de tratamento. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 6, n. 2, Mai/Jun/Jul/Ago, 2016.

SKAALVIK, E. M.; SKAALVIK, S. Job Satisfaction, Stress and Coping Strategies in the Teaching Profession—What Do Teachers Say? **International Education Studies**. v. 8, n. 3. 2015.

SEÇÃO III

SEÇÃO III

ESTUDO 2

CARACTERIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: UM ESTUDO A PARTIR DOS DADOS DO CENSO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Resumo

Nos últimos anos, o campo político e científico tem demonstrado preocupações com a Educação Básica, especialmente na etapa da Educação Infantil. Esta pesquisa tem por objetivo caracterizar a Educação Infantil no Brasil, a partir de dados obtidos por meio da pesquisa do Censo da Educação Básica (2018). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem quantitativa, exploratória e descritiva, que se utilizou de coleta em fontes documentais secundárias. Todos os comparativos das variáveis correspondem ao período de 2014 a 2018, e indicam que ocorreu um aumento nas matrículas na Educação Infantil (5,3%) com a oferta da creche. No entanto, crianças de 4 anos correspondem a terceira faixa-etária que menos frequenta a escola. Sobre as condições infraestruturais das unidades responsáveis por este nível de ensino, os números apontam que apenas 27% das escolas municipais dispõem de área verde para os seus alunos e nas redes estadual (36,8%) e privada (30,9%) esse percentual também é baixo. A respeito da formação do profissional da educação de crianças pequenas, é perceptível o aumento, ocorrido nos últimos 5 anos, de profissionais que possuem formação em nível superior (69,3%), porém quando visualizado o Estado do Pará, a situação demonstra que nem a metade da meta estipulada para o estado foi alcançada. Conclui-se, portanto, que o processo para se obter melhorias nesta etapa está em andamento, sendo necessário o acompanhamento dos investimentos políticos nos diferentes aspectos da Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação de crianças pequenas. Infraestrutura. Qualidade da Educação Básica.

Abstract

In the last years, the political and scientific field has shown preoccupations with the Basic Education, especially in the stage of Infantile Education. This research aims to characterize Infant Education in Brazil, based on data obtained through the Census of Basic Education (2019). It is a bibliographical research, of quantitative, exploratory and descriptive approach, that was used of collection in secondary documentary sources. All comparisons of the variables correspond to the period from 2014 to 2018, and indicate that there was an increase in enrollments in Early Childhood Education (5.3%) with the daycare offer. However, 4-year-olds are the third-lowest age group. The figures show that only 27% of municipal schools have a green area for their students and in the state (36.8%) and private (30.9%) networks.

percentage is also low. Regarding the training of the professional of the education of small children, it is noticeable the increase, in the last 5 years, of professionals that have formation in higher level (69.3%), however when the State of Pará is visualized, the situation shows that nor half of the stipulated goal for the state was achieved. It is concluded, therefore, that the process to obtain improvements in this stage is in progress, being necessary the monitoring of the political investments in the different aspects of Early Childhood Education.

Keywords: Education of young children. Infrastructure. Quality of Basic Education.

3.1. INTRODUÇÃO

A escola é considerada uma das mais importantes instituições sociais, por fazer a mediação entre o indivíduo e a sociedade (MAIA; SOARES; VICTORA, 2009). Por esse motivo, tais instituições possuem a incumbência de oferecer alternativas para que o indivíduo se sinta motivado, encontre seu lugar, e se perceba parte do universo (RODRIGUES; SAHEB, 2015). Seguindo este pensamento, a escola assume sua função, quando repassa às novas gerações o legado histórico da cultura adquirido a partir das experiências das gerações antepassadas, permitindo que o sujeito, ao compreender o mundo, possa reconhecer a si mesmo (JESUS *et al*., 2013).

Como uma das instituições responsáveis pela efetivação do direito à educação, o Estado assume seu dever quando são apresentadas suas responsabilidades legais por meio da Constituição Federal em seu Art. 208, alterado pela Emenda Constitucional Nº 53/2006, que garante a oferta da "Educação Infantil, em creche e pré-escola às crianças até 5 (cinco) anos de idade" (BRASIL, 1988). A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, a Educação Infantil ganhou destaque, sendo conhecida a partir deste marco como a primeira etapa da Educação Básica, e cabe aos municípios a responsabilidade por sua qualidade e a oferta (BRASIL, 1996).

A partir deste entendimento, tem sido perceptível o surgimento da temática acerca da educação infantil na pauta das discussões nos cenários político e acadêmico, sendo percebida como um potente campo para investigações. Tais pesquisas concernentes a essa etapa educativa têm se voltado a compreender a articulação entre as ações governamentais, as práticas pedagógicas e a competência dos contextos de Educação Infantil destinados ao atendimento de crianças na faixa-etária de 0 a 5 anos (MOREIRA; TOMAZZETTI, 2018).

Segundo Nascimento e Lira (2017), as mudanças socioeconômicas pelas quais a

sociedade passou interferiram diretamente na percepção e atendimento as crianças. Implicando na concepção da criança e infância, a qual não poderia ser atendida em um espaço qualquer, sendo necessária a reconfiguração destes ambientes para atender adequadamente à criança pequena. Os autores discutem que a qualidade nos processos formativos e práticas pedagógicas deveriam se assentar na perspectiva de emancipação humana.

Sobre a concepção de criança, este é um conceito historicamente construído, que sofreu mudanças ao longo da história. Para Ehrenberg (2014, p. 148) "A criança é um sujeito histórico-social e, inserida em determinada sociedade e cultura em um determinado momento histórico, faz parte de uma organização familiar". A autora discute que as crianças possuem uma forma de pensar e sentir o mundo, de maneira muito característica e típica de sua fase, pois interpretam a realidade que compõem de maneira própria, atribuindo significados singelos para experimentar e compreender o meio ao qual pertencem. Para isto, utilizam as mais diferentes linguagens para entender e comunicar, além de criar e recriar sua realidade. Compreender estas características do aprendizado das crianças pode ser um dos desafios para os profissionais que atuam com crianças que frequentam a Educação Infantil.

Os dados sobre as características e aprendizado das crianças levam às reflexões de pesquisadores nacionais e internacionais, como americanos. A pesquisadora americana Meghan Lynch (2015) realizou um estudo netnográfico, o qual realizou uma análise das respostas a fóruns de discussão de professores de jardim de infância na internet, com o objetivo de analisar as discussões sobre brincadeiras na educação infantil, relacionando-as com os achados na literatura. A autora constatou nas falas dos respondentes que os mesmos se sentem pressionados por figuras externas para focarem em práticas que alcancem objetivos acadêmicos, que refletem em números nos resultados dos testes nacionais. Sendo assim, o jogo e a brincadeira representam ferramentas essenciais para os professores da Educação Infantil de escolas americanas, no entanto, estas ferramentas são vistas pela administração escolar como incompatíveis para as salas de aulas de crianças nesta fase, pois as considera perda de tempo.

Pesquisas discutem que para que o direito das crianças de expressão (ex.: brincar) se efetivarem o desafio para as instituições atuais, responsáveis pela formação de professores da educação infantil, é repensar a forma como conduzem o processo de formação, e trabalhar em prol de desarticular princípios reprodutivistas e desumanizados (GUIMARÃES; ARENHART; SANTOS, 2017; CHIAPARINI; SILVA; LEME, 2018). Afinal, é primordial reconhecer os docentes como sujeitos também possuidores de direitos com a valorização de suas experiências e ao refinamento delas. Outros estudos apontam para a importância das

formações continuadas ou em serviço, bem como o diagnóstico das salas de aula para que sejam delineados assuntos a serem abordados nessas ocasiões, visando fornecer auxílio nas práticas com crianças pequenas (BUSS-SIMÃO; ROCHA, 2018; PEREIRA; MAIMONEOLIVEIRA, 2014; MOREIRA; TOMAZZETTI, 2018). No entanto, assim como a formação continuada é vista como elemento estratégico de melhorias para prática, coexiste a ideia de que esse processo é compreendido como responsável pela baixa aprendizagem devido à estrutura fragmentada, e pouca articulação entre teoria e prática (AMARAL, 2011).

Em nível internacional, a problemática a respeito da formação dos educadores adequada inicialmente ou em serviço, também têm sido alvo de pesquisas, e sua implementação se torna necessária. Um estudo realizado por Cobbold e Boateng (2016) com professores da educação infantil, de escolas particulares ou públicas de Kumasi – Gana, objetivou investigar as crenças de eficácia, ou seja, a crença das capacidades que os professores da educação infantil possuem para o gerenciamento de sala de aula. Os resultados mostram que os docentes que receberam ou não treinamentos para lidar com a realidade da sala de aula, sentem-se capazes de organizar o ambiente de sua sala de aula para gerenciar suas ações de ensino e manter a ordem dos alunos. A crença em si mesmo pode influenciar na qualidade do ensino ministrado por educadores e na aprendizagem dos alunos.

Outras pesquisas verificaram que para a criação de uma instituição escolar precisam ser levados em consideração aspectos referenciais de qualidade, como “estrutura e funcionamento, trabalhadores e trabalhadoras em educação, gestão democrática e acesso e permanência na escola” (PEIXOTO; ARAÚJO, 2017, p. 250). Para Araújo (2005, p.60) a formação inicial dos professores é de suma importância, pois a “capacitação em serviço, a construção da identidade profissional e a regulamentação” precisam atender aos padrões mínimos de qualidade na educação infantil.

A literatura evidencia que apesar de criadas com o intuito de melhorar o ensino e o cuidado com as crianças pequenas, as instituições de ensino infantil tem mostrado que seus professores possuem uma sobrecarga de responsabilidade pela qualidade do atendimento (MARTINS *et al*., 2014). Investigações concluíram que a maior parte do quadro docente é dominada por mulheres, principalmente na educação infantil, fato que foi se constituindo de maneira histórica, quando as mulheres eram contratadas para o cuidado assistencialista, pois se acreditava que estas estavam naturalmente preparadas para lidar com demandas do lar e da família (ZIBETTI; PEREIRA, 2010; MARTINS *et al*., 2014). Recentemente, busca-se romper com a separação entre o cuidar e educar, pois são indissociáveis no processo de educação das crianças, e assim, avançar para a construção da identidade da profissional docente

(EHRENBERG, 2014; GUIMARÃES; ARENHART; SANTOS, 2017).

Estas mulheres que assumem diferentes papéis como o de mãe, professora, dentre outros, precisam lidar com o trabalho em condições precárias, e o alto índice de rotatividade devido à desvalorização profissional, fatores que podem colaborar para o mal-estar das professoras da educação infantil (MARTINS *et al*., 2014; ROMANEK; ROCHA, 2015).

Toporosky e Silveira (2018) realizaram uma pesquisa, por meio de documentos jurídicos de Tribunais de Justiça do Brasil, que mostrou que existem ações coletivas nas quais se exige o direito à Educação Infantil que, em determinada medida, fazem discussões relacionadas às condições de oferta em tais unidades. Segundo os pesquisadores, ao negar o cumprimento das ações, está se limitando esse direito, uma vez que o mesmo pode ser solicitado de maneira individual ou coletiva.

Outras ações reivindicavam a construção de escolas, para que houvesse o aumento de vagas próximas às residências dos alunos. Para tanto, novas escolas ampliariam o número de vagas, demandaria a contratação de novos profissionais, entre outras condições necessárias para que pudesse ser proporcionada uma educação de qualidade para este público. Contudo, em algumas situações este direito foram negados frente às alegações do Estado e dos municípios pela ausência de recursos. Além disso, quando solicitadas ações que envolvem denúncias das condições estruturais dos prédios, a análise a sua concessão é feita com base no Art. 70 da LDBEN, que trata a respeito das despesas com a manutenção de desenvolvimento do ensino, e ratificando a responsabilidade do Estado para executar a manutenção infraestrutural dos prédios que oferecem a educação infantil (TAPOROSKY; SILVEIRA, 2018).

No Brasil, o governo federal tem demonstrado preocupação com as fragilidades e avanços na educação básica, quando investiga por meio de pesquisas a nível nacional, como o Censo Escolar, as reais condições em o ensino tem sido produzido. A pesquisa do Censo Escolar trata-se de um levantamento estatístico anual, de responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), juntamente com as secretarias estaduais e municipais de educação e as escolas públicas e particulares de todo o Brasil. Este levantamento obtém estatísticas que esclarecem as condições de oferta e atendimento do sistema educacional brasileiro, na educação básica, reunindo informações sobre todas as suas etapas e modalidades de ensino, e divulgando um quadro detalhado sobre os números de alunos, profissionais escolares em sala de aula, as turmas e as escolas (INEP, 2019).

O INEP ressalta a necessidade de pesquisas como as do Censo Escolar, pois servem de

fonte referencial de dados e as informações para que as esferas do governo (federal, estadual e municipal) possam se apropriar de tais fontes para criar e operacionalizar políticas públicas, programas governamentais, dentre outras ações, direcionadas a determinado alvo. Além do mais, os dados do Censo são analisados tendo por referência os quatro últimos anos, permitindo um comparativo para percepção da evolução ou retrocesso que o setor educacional esteja experimentando.

Com na contextualização, objetiva-se caracterizar a Educação Infantil no Brasil, a partir de dados obtidos por meio da pesquisa do Censo da Educação Básica de 2018, haja vista que o resultado desta pesquisa traz informações relevantes a serem discutidas e ampliadas.

3.2 MÉTODO

3.2.1 *Natureza da Pesquisa*

O referido trabalho possui ***Natureza Aplicada***, pois visa o aproveitamento de conhecimentos originados para solucionar problemas particulares e locais, (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010), como é o caso dos problemas enfrentados pela área da Educação Infantil no Brasil, com destaque aos vivenciados no estado do Pará. A forma de abordagem do problema é ***Quantitativa***, uma vez que traz e analisa dados estatísticos para obter-se informações (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

Quanto aos seus objetivos, a investigação é ***Exploratória*** e ***Descritiva,*** que segundo Gil (2008), em alguns tipos de pesquisa como esta, ambas se complementam. A pesquisa exploratória necessita de levantamento bibliográfico e documental, e pretende "desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias", que resultará na melhor compreensão do problema e em novos questionamentos. A pesquisa é também descritiva, quando estabelece relação entre variáveis (GIL, 2008, p.27). Quanto aos procedimentos técnicos este artigo é do tipo ***Pesquisa Bibliográfica*** pois analisa dados secundários.

3.2.2 *Delimitação das Fontes*

As fontes foram **documentais secundárias** originadas da pesquisa do Censo da Educação Básica (2019), realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira ─ INEP, e os dados do site de monitoramento do Plano

Nacional da Educação (2014-2024) ─ PNE em Movimento, que acompanha os avanços das Metas que compõem o plano.

3.2.3 *Procedimentos de coleta de dados*

Para a coleta os dados foram acessados em sites de domínio público, com acesso livre e virtual. As categorias de análise coletadas do ***Censo da Educação Básica*** foram: a) Número de escolas rurais e urbanas; b) Percentual de escolas segundo dependência administrativa; c) Número de escolas por oferta e etapa de ensino; d) Evolução no número de matriculas na Educação Infantil; e) Matrícula em creche por dependência administrativa da escola; f) População de 4 a 17 anos que não frequenta escola; g) Número de docentes, segundo ano; h) Escolaridade dos docentes na Educação Infantil. Já no site do ***PNE em movimento***, as categorias de análise escolhidas correspondem: a) Indicador IA e IB da Meta 1 pertencente ao PNE; b) Indicador 15 da Meta 15 pertencente ao PNE.

3.2.4 *Analise de dados*

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, com o levantamento de frequências e percentuais, visualizados em gráficos e tabelas a partir da ferramenta Microsoft Excel 2016. Ao utilizar-se a Estatística Descritiva objetiva-se realizar um resumo das principais características dos dados apresentados por meio de tabelas, gráficos e resumos numéricos. Por isso, a análise deve ser feita adequadamente contando com organização minuciosa das informações (GUIMARÃES, 2008).

3.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas mudanças ocorridas nos anos 90 com a Reforma do Estado[5], a preocupação com a Educação Infantil é parte das transformações que aconteceram no cenário político. Contudo, tais mudanças também implicaram no setor do mercado e produção, levando a visualização das instituições de educação de crianças pequenas como subsídio aos trabalhadores para que

[5] Trata-se de uma reforma ocorrida nos anos 90, que teve por objetivo a modernização do Estado, para que os serviços públicos pudessem ser melhorados em prol das demandas da globalização, enxugar a máquina estatal, além de transferir a administração dos serviços públicos, como saúde e educação para a iniciativa privada, com vistas a promover o crescimento da economia.

suas crianças pudessem se desenvolver e assim diminuir-se a desigualdade social (LAMARE, 2017). É importante ressaltar que os primeiros estudos realizados sobre a qualidade de tais instituições que atendiam a essa faixa-etária, apontaram a preocupação com a baixa qualidade do atendimento, pois suas estruturas eram precárias tanto prédios como equipamentos, ausência de aparato pedagógico, formação inadequada de educadores, e a falta de projetos pedagógicos (CAMPOS; FULLGRAFF; WIGGERS, 2009).

Segundo Campos *et al.* (2011) com a expansão do acesso, em 1998, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, e da Pesquisa Domiciliar por Amostra de Domicílio – PNAD constatou um crescimento na frequência à creche, chegando a dobrar entre os anos de 1998 e 2008. Os autores discutem que esse dado poderia ser comemorado se as mesmas pesquisas feitas em escolas de Educação Infantil de diversas regiões brasileira, não trouxessem uma informação complementar sobre a real situação do acesso, que seria a maneira desigual que o mesmo ocorre para diferentes segmentos da população. Além disso, em muitas regiões do país as creches ainda estão sendo incorporadas aos sistemas educacionais, tanto na rede particular quanto na rede pública, visando à qualidade na Educação Infantil, porém, tanto creches como pré-escolas necessitam adequar-se em sua infraestrutura, formação de pessoal, tanto em nível das escolas quanto das secretarias.

Dados recentes, obtidos a partir do Censo Escolar de 2018, apresentam a configuração atual das estruturas da Educação Básica Brasileira. Primeiramente, como mostra a Tabela 1, percebe-se que o Brasil possui um total de 181.939 escolas de Educação Básica sendo 124.330 (68,3%) encontradas na zona urbana, e 57.609 (31,6%) em zona rural.

Tabela 1: Número de escolas, segundo localização, Brasil, 2018

Localização da escola	Número de escolas
Urbana	124.330
Rural	57.609
Total	181.939

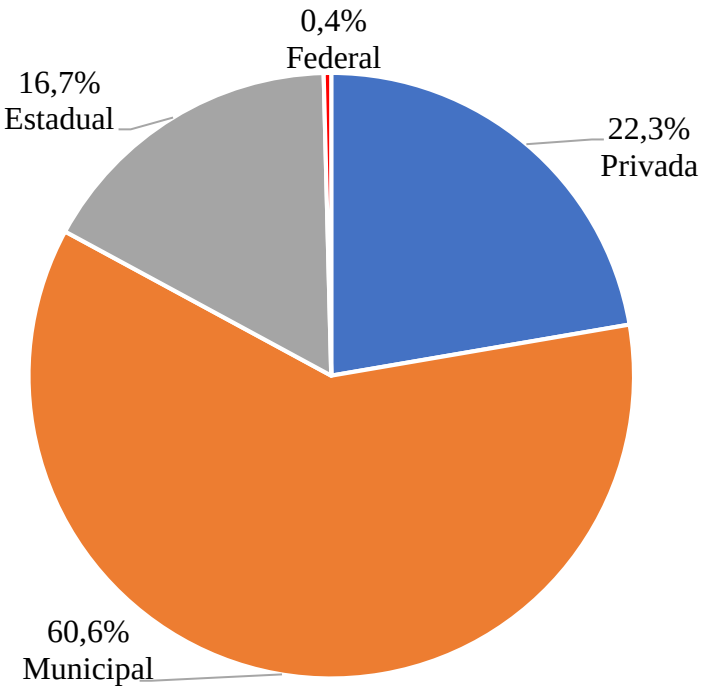
Fonte: Adaptado do Censo da Educação Básica (INEP, 2018).

De acordo com a Tabela 1, percebe-se que o Brasil possui um total de 181.939 escolas de Educação Básica, sendo 124.330 (68,3%) encontradas na zona urbana, e 57.609

(31,6%) em zona rural. Estas escolas possuem dependências administrativas diferentes, ou seja, podem ser apoiadas financeiramente pelo poder federal, estadual, municipal ou iniciativa privada. No Gráfico 1, é possível observar esta divisão.

Estas escolas possuem dependências administrativas diferentes, ou seja, podem ser apoiadas financeiramente pelo poder federal, estadual, municipal ou iniciativa privada. No entanto, os dados do Gráfico 1 mostram que a rede municipal é responsável pelo maior número de escolas (60,6%), seguida da rede privada (22,3%). A maior oferta destina-se para as etapas dos anos iniciais do ensino fundamental (61,6%), e da pré-escola (56, 8%). Este dado é perceptível no Gráfico 2, que evidencia que a oferta da Educação Infantil, somando-se a creche com 69.745 escolas, e a pré-escola com 103.260 instituições, é a etapa com maior número de vagas ofertadas em um total de 173.005 escolas, em relação as demais etapas da Educação Básica.

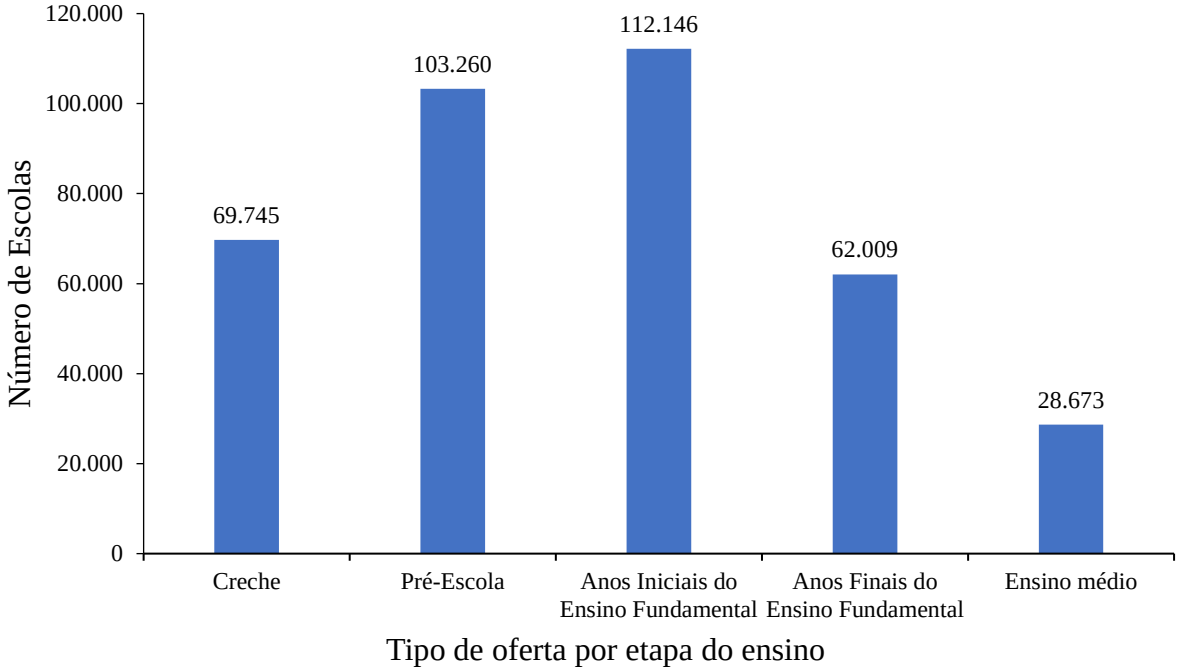
Gráfico 1: Percentual de escolas por dependência administrativa, Brasil, 2018



Fonte: Adaptado do Censo da Educação Básica (INEP, 2018).

Os dados do Gráfico 1 mostram que a rede municipal é responsável pelo maior número de escolas (60,6%), seguido da rede privada (22,3%). No Gráfico 2, é possível visualizar a distribuição do número de escolas por oferta de etapa de ensino.

Gráfico 2: Número de escolas por oferta de etapa de ensino, Brasil, 2018

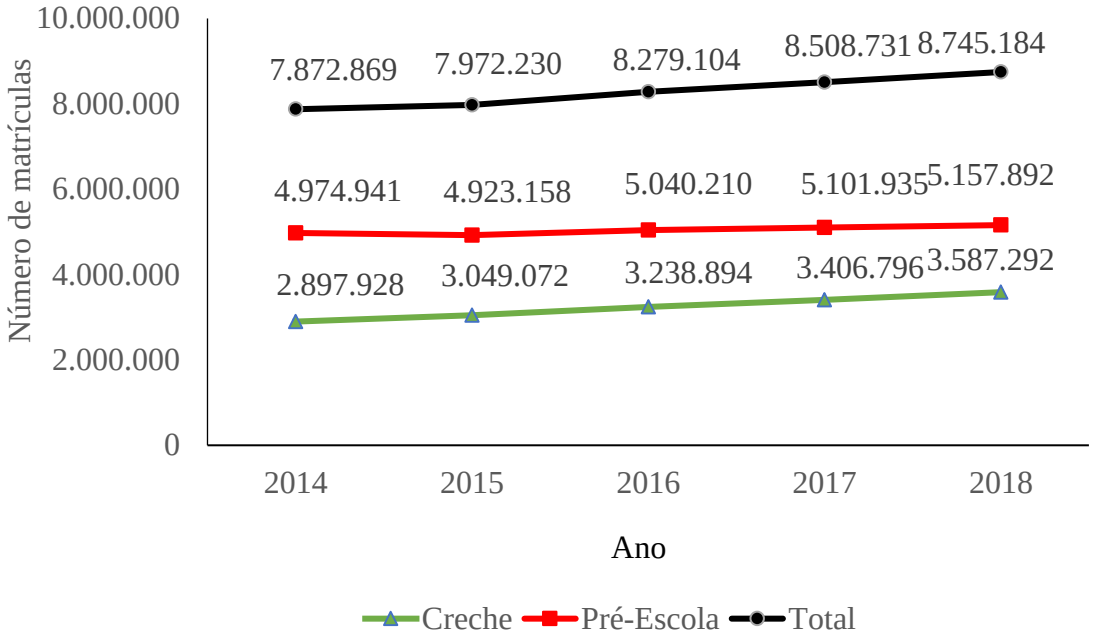


Fonte: Adaptado do Censo da Educação Básica (INEP, 2018).

De acordo com o Gráfico 2, a maior oferta destina-se para as etapas dos anos iniciais do ensino fundamental (61,6%), e da pré-escola (56, 8%). Este dado evidencia que a oferta da Educação Infantil, somando-se a creche com 69.745 escolas, e a pré-escola com 103.260 instituições, é a etapa com maior número de vagas ofertadas em um total de 173.005 escolas, em relação às demais etapas da Educação Básica. As escolas de Educação Infantil, que contemplam a creche e a pré-escola, podem funcionar em regime integral ou parcial, sob responsabilidades dos estados ou municípios, podendo atender a uma demanda localizada na região urbana ou rural.

Tais espaços deveriam valorizar as experiências do cotidiano, pois a infância deveria ser entendida como um momento único e determinante no desenvolvimento do sujeito, "difundindo-se a concepção de que as creches e pré-escolas não devem ser "escolas" ou espaços de perpetuação e produção do conhecimento, mas de socialização, inclusão e coesão social" (LAMARE, 2017, p. 12). Para tanto, a oferta deve estar de acordo com a demanda de crianças que ainda não usufruem destes espaços. A seguir, o Gráfico 3 traz resultados a respeito do avanço das matrículas na Creche e Pré-Escola entre os anos de 2014 e 2018.

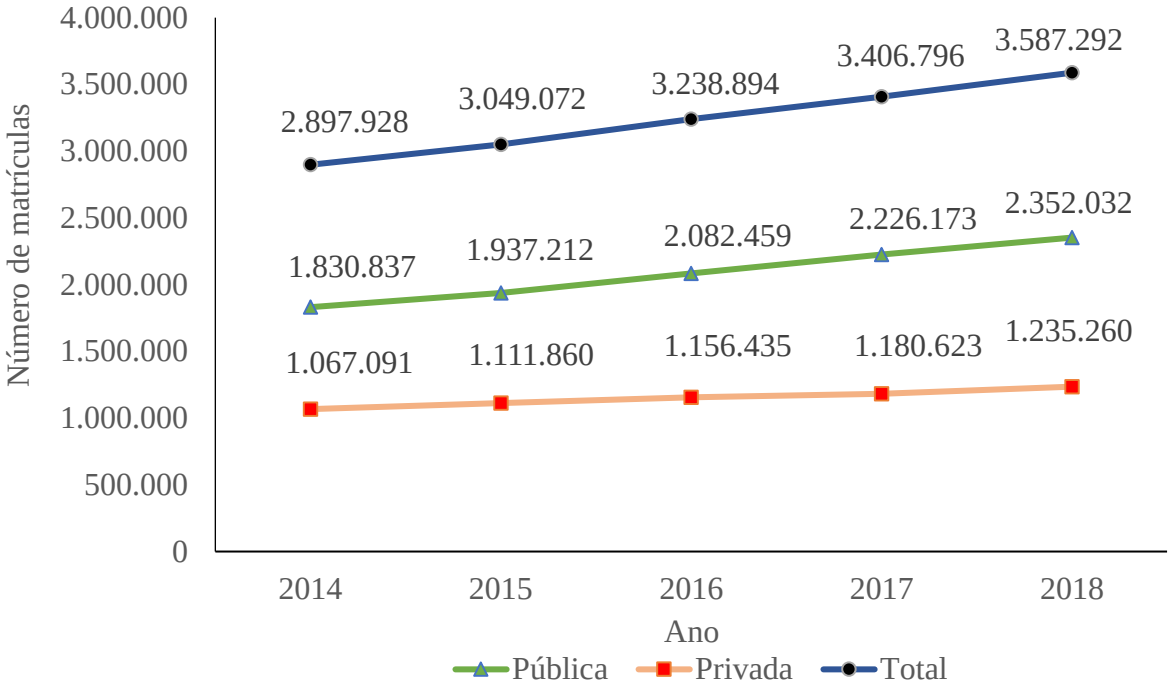
Gráfico 3: Número de matrículas na Educação Infantil, Brasil, 2014 – 2018



Fonte: Adaptado do Censo da Educação Básica (INEP, 2018).

Informações do Censo Escolar 2018 mostram que ocorreu um crescimento de matrículas na Educação Infantil, devido ao aumento das matrículas em creche, avançando 23,8% as matrículas em 2014, e em 2018 o aumento foi de 5,3%. Com um total de 69,7 mil creches no Brasil, 74,8% das creches estão na zona urbana. No Gráfico 4 é possível observar o número de matrículas em creche por dependência administrativa da escola.

Gráfico 4: –Número de matrículas em creche por dependência administrativa da escola, Brasil, 2014-2018

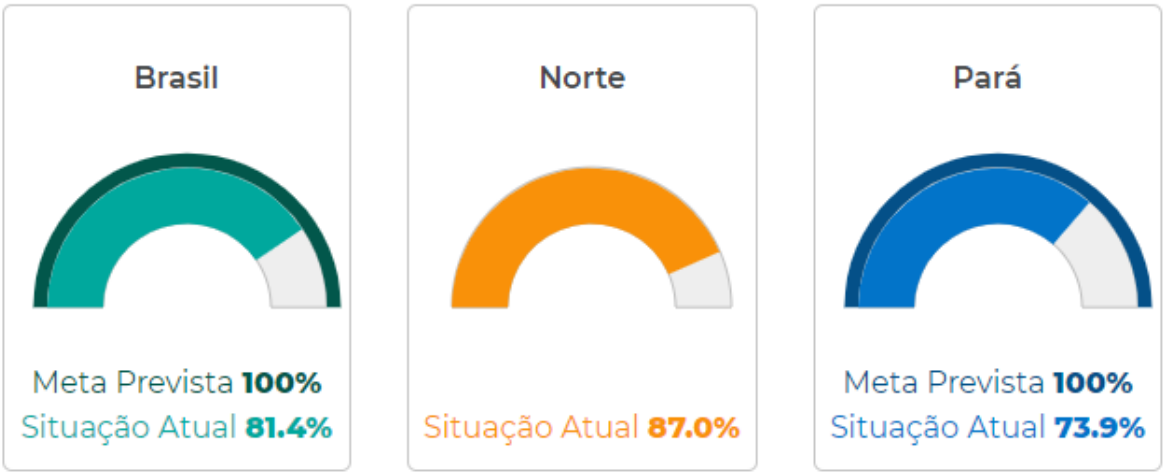


Fonte: Adaptado do Censo da Educação Básica (INEP, 2018).

O Gráfico 4 evidencia que 59,4% das matrículas são municipais e 40,4% são privadas, sendo 25% das creches privadas são conveniadas com estados e/ou municípios. Outros dados apontam que na Educação Infantil, as creches que funcionam em tempo integral na rede municipal urbana são as que mais obtiveram adesão às matrículas. Enquanto que na pré- escola, o número maior de matrículas ocorreu para a rede municipal urbana, mas de funcionamento parcial.

A efetivação da garantia do direito a educação vem sendo promovida pelo do cumprimento das metas do Plano Nacional de Educação (2014-2024), que em sua **Meta 1** pretende, até 2016 estender o acesso a educação infantil na pré-escola para as crianças que correspondem a faixa-etária de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade, e para as crianças de até 3 (três) anos, o direito a creche deve ser ofertado para que atenda a 50% (cinquenta por cento) das crianças até o fim do prazo de vigência do PNE. Essa responsabilidade perpassa por estados e municípios que precisam estar caminhando quanto ao cumprimento desta meta, como mostra a Figura 1.

Figura 1: Situação da concretização do **Indicador 1A** no Brasil, Região Norte, especificamente no Estado do Pará, 2019.

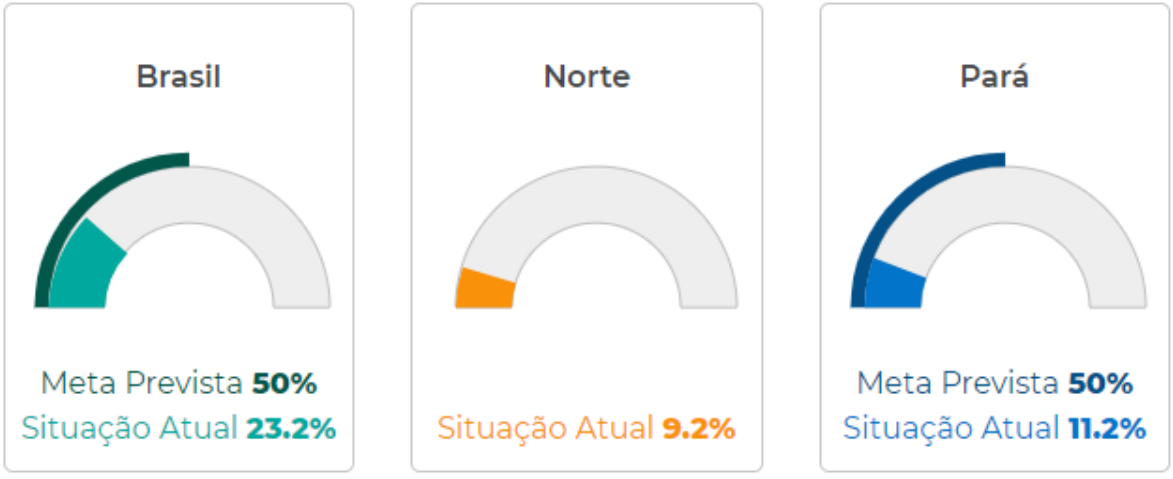


Fonte: SIMEC (2019).

Sobre a porcentagem alcançada a respeito do **Indicador 1A:** Percentual da população de 4 a 5 anos que frequenta a escola/creche (Taxa de atendimento escolar), em relação à percentagem alcançada nacionalmente, pela região Norte e especificamente o estado do Pará. É perceptível na Figura 1 que, a situação da pré-escola é satisfatória, pois nota-se um avanço nacional e regional para a conclusão desta meta.

No *site* de acompanhamento do Plano Nacional de Educação em Movimento, é possível encontrar também dados referentes à situação do acesso à creche, sendo monitorada a partir do **Indicador 1B**: Percentual da população de 0 a 3 anos que frequenta a escola/creche (Taxa de atendimento escolar), apresentado na Figura 2.

Figura 2: Situação da concretização do **Indicador 1B** no Brasil, Região Norte, especificamente no Estado do Pará, 2019

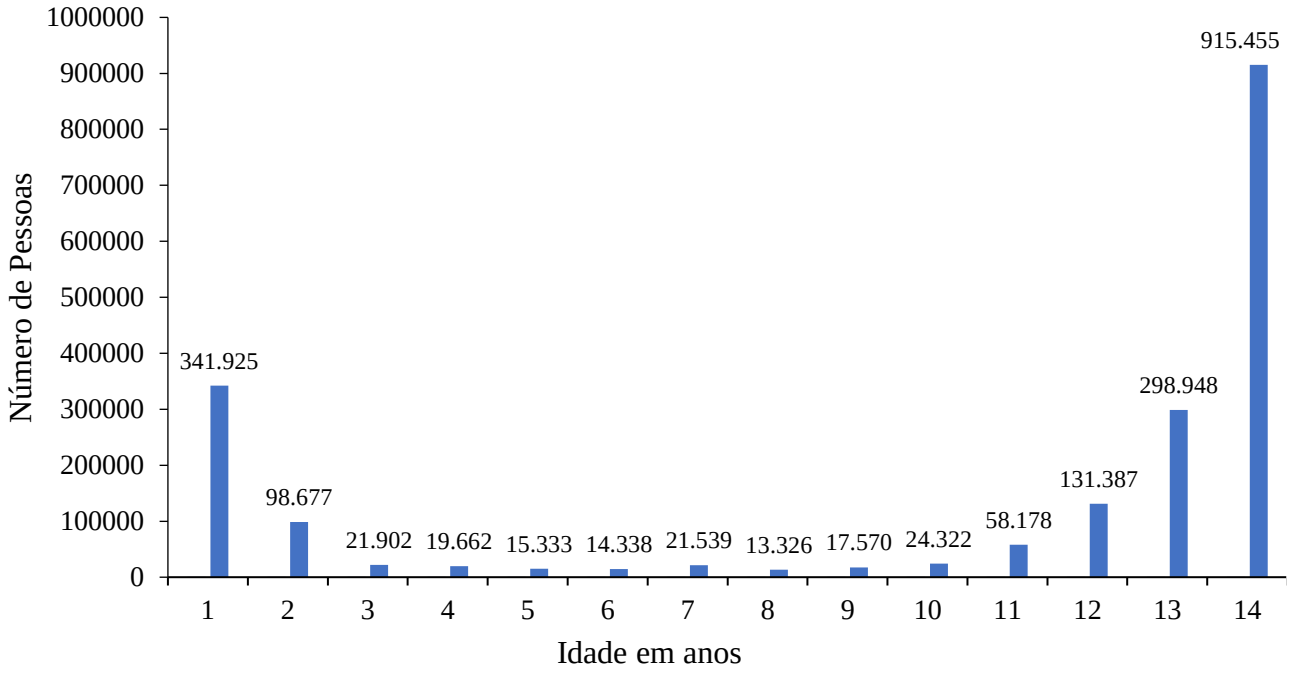


Fonte: SIMEC (2019).

No entanto, a Figura 2 exibe a pouca progressão da situação deste indicador são preocupantes, visto que o prazo para seu alcance é 2024, ainda representam pouco avanço em relação ao acesso a creche. No caso do Pará, somente 11,2% foi alcançado da meta de 50% prevista para este estado.

Pesquisas feitas por Peixoto e Araújo (2017), a partir da matriz de referência do Custo-Aluno-Anual, demonstram que há necessidade de mais e novos recursos a serem investidos na área da educação, pois os autores concluíram que se os valores por aluno forem mantidos até o término de vigência do PNE, a expansão das matrículas representará mais acesso, porém menos recurso por aluno. Outro dado também preocupante, encontrado no Censo 2018, é o total de alunos por idade que não frequenta a escola.

Gráfico 5: População de 4 a 17 anos que não frequenta escola, Brasil, 2018



Fonte: Adaptado do Censo da Educação Básica (INEP, 2018).

O Gráfico 5 aponta que são 2 milhões de crianças fora da escola, sendo que as idades de 17, 16 e 4 anos as três faixa-etárias que menos frequentam a escola. Chama a atenção a idade de 4 anos, por ser a fase de ingresso na Educação Infantil, porém mesmo com um número considerável de escolas e indicadores mostrando o avanço no acesso a pré-escola, percebe-se que ainda há muito a ser feito para que este número elevado de crianças possa usufruir do ambiente escolar.

Ainda que bastasse o número cada vez mais crescente de escolas, a infraestrutura das mesmas é fator mantenedor da qualidade da educação. Segundo a literatura especializada sobre a educação da criança, há o entendimento de que para a criança se desenvolver satisfatoriamente em cada fase da vida, objetivando ser um sujeito produtor de conhecimento, participante e criativo, é necessário que este tenha à disposição condições reais nos ambientes educacionais, no caso da creche e pré-escola, para que exerça esse direito, durante o período que permanece nestes locais (CAMPOS *et al*., 2011; PEIXOTO; ARAÚJO, 2017).

No entanto, informações sobre a infraestrutura das escolas de educação infantil trazem um comparativo em relação às escolas da rede municipal e da rede privada. Nesse sentido, os dados mostram que, enquanto 38,1% das escolas municipais possuem banheiro adequado às crianças, na rede particular esse percentual chega a 84,3%. Sobre a disponibilidade de parque infantil, percebe-se um percentual muito bom nas escolas federais e da rede privada, com 91,3% e 81,5% de disponibilidade, respectivamente, enquanto que nas redes estadual (39,8%)e municipal (31,6%) o percentual está abaixo da média. Em relação ao berçário nas creches, observam-se percentuais relativamente baixos, variando de 20,8% na rede estadual até 57,9% na rede federal. Também é de grande importância que as pré-escolas e creches apresentem área verde, porém constitui um recurso pouco comum. Os dados apontam que apenas 27,0% das escolas municipais de educação infantil dispõem de área verde para os seus alunos e nas redes estadual (36,8%) e privada (30,9%) esse percentual também é baixo. Somente nas escolas federais esse recurso possui um percentual de disponibilidade significativo com 69,6% (INEP, 2019).

Além de necessitarem de condições de infraestrutura adequada, as escolas deveriam estar cada vez mais preparas com um quadro de profissionais de qualidade, que possuam pelo menos, formação mínima exigida por lei. Na Tabela 2, pode-se inferir o número de docentes por etapa de ensino.

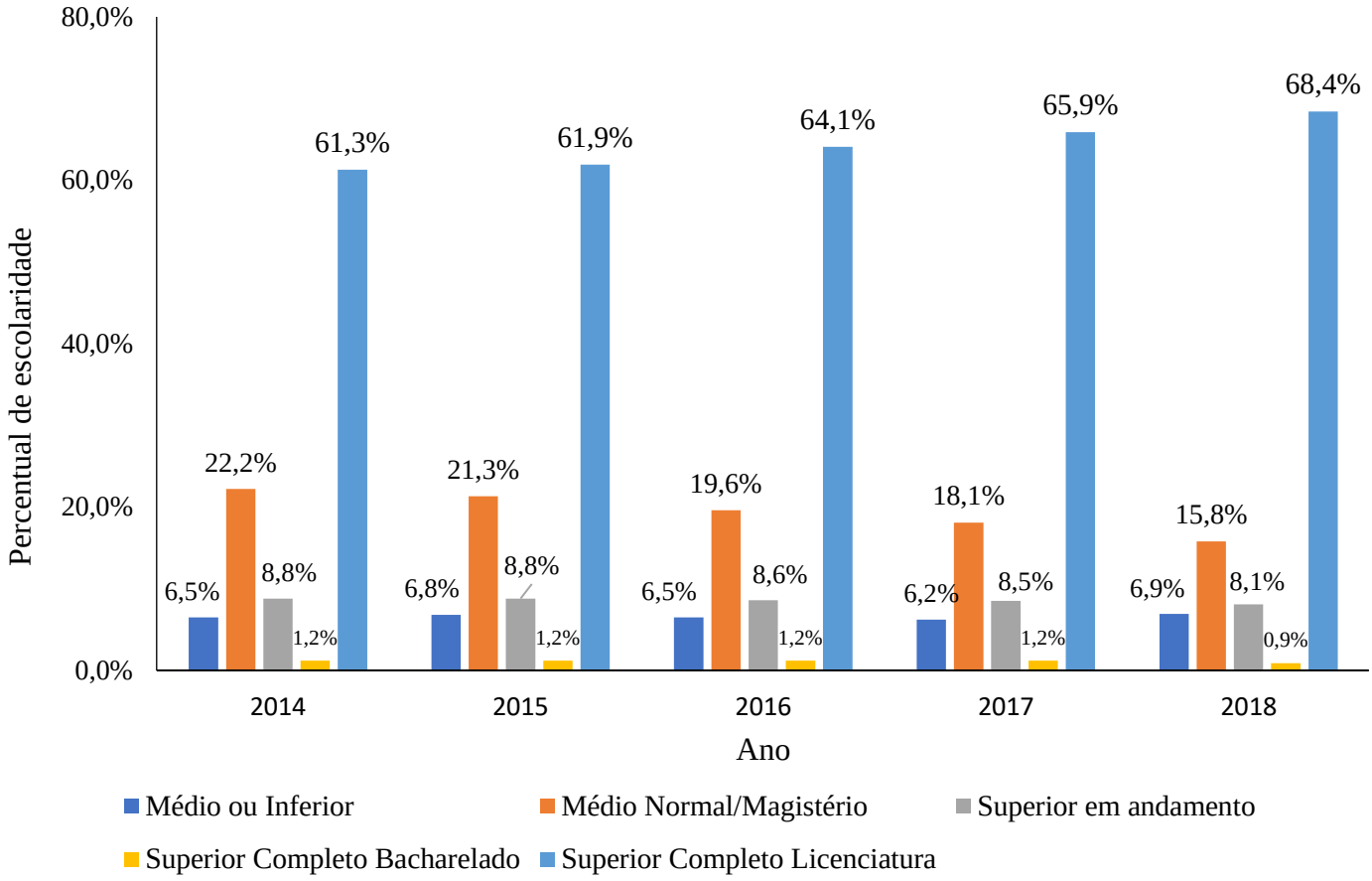
Tabela 2: Número de docentes, segundo a Etapa de ensino, da Educação Básica no Brasil, no período de 2014 a 2018

Ano	Etapa de Ensino					
	Total	Educ. Infantil	Ens. Fund.	Ens. Méd.	Prof. Com/sub	EJA
2014	2.184.267	502.445	1.425.316	522.426	84.171	259.111
2015	2.187.154	518.308	1.415.588	522.826	81.400	249.171
2016	2.196.397	540.567	1.413.495	519.883	74.862	247.830
2017	2.192.224	557.541	1.399.114	509.814	70.985	248.956
2018	2.226.423	589.893	1.400.716	513.403	72.146	244.799

Fonte: Adaptado do Censo da Educação Básica (INEP, 2018).

Quanto aos professores que atuam na educação básica, foi registrado um aumento no número de docentes atuantes no ano de 2014, em que havia 2.184.267 docentes, e para o ano de 2018 registrou-se o número de 2.226.423 professores. A atuação da maioria, no ano de 2018, ocorre no ensino fundamental (62,9%), onde se encontram 1.400.716 profissionais. Um aumento nítido é observado na etapa da educação infantil, na qual em 2014 havia 502.445 docentes atuantes, e em 2018 infere-se um total de 589.893 professores que atuavam na etapa (TABELA 2). No Pará, segundo dados do Censo (2018), dos 84.664 professores da educação básica existentes no estado, 16.371 (19,33%) estão somente na Educação Infantil, divididos na pré-escola onde atuam 12.059 (73,66%), e na creche com 4.956 (30,27%) docentes. Estes profissionais possuem formações diversas, as quais ainda são aceitas para que os mesmos possam atuar no ensino infantil, como se observa no Gráfico 6.

Gráfico 6: Percentuais de progressão da escolaridade dos docentes na Educação Infantil do Brasil, 2014-2018



Fonte: Adaptado do Censo da Educação Básica (INEP, 2018).

O Gráfico 6 dispõe os percentuais da formação dos docentes que atuam na Educação Infantil brasileira, sendo que, em 2018, 69,3% possuem nível superior completo (68,4% em grau acadêmico de licenciatura e 0,9%, bacharelado). Dos profissionais desta etapa de ensino, 8,1% estão com o curso superior em andamento e 15,8% têm curso de ensino médio normal/magistério. Foram identificados ainda 6,9% com nível médio ou fundamental completo. É evidente o crescimento gradual, desde 2014, no percentual de docentes com nível superior completo atuando na Educação Infantil, que passou de 62,5%, em 2014, para 69,3%, em 2018.

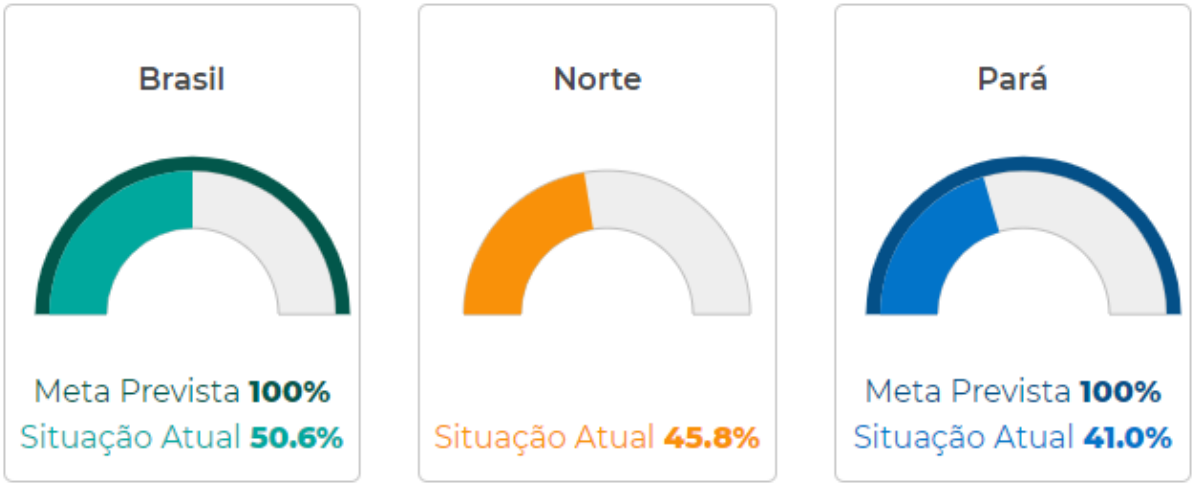
Este crescimento em relação ao número de professores vem sendo percebido em levantamentos de anos anteriores (no período de 2000 a 2013), principalmente em relação aos professores da educação infantil que buscaram elevar seus níveis de formação. Se nos anos

2000 o número de professores que atuavam com crianças de 0 a 5 anos, possuindo nível superior correspondia a 11%, em 2013 este número teve um crescimento para 60% docentes com formação superior. Todavia, como naquele período, na contemporaneidade não se percebe a transformação na qualidade da educação na mesma dinâmica que se percebe a evolução na formação dos docentes, pois os professores elevam seu entendimento, mas aprática adequada é vista como algo somente idealizado. Fatores como, as condições necessárias para que a formação docente ocorra, podem indicar o motivo para o crescimento lento da qualidade da educação de crianças pequenas (TEIXEIRA; MELLO, 2015).

Há esforços, por meio da Meta 15 do Plano Nacional de Educação, de garantir a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação, prevista no Art. 61 da LDBEN/96. Essa garantia deve ocorrer por meio do regime de colaboração entre os entes federados (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) assegurando que todos os professores e professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam.

A Figura 3 traz o percentual do **Indicador 15**: *Proporção de docências com professores que possuem formação superior compatível com a área de conhecimento em que lecionam na educação básica*, em relação ao avanço percentual nacional, da Região Norte, e do estado do Pará a respeito desta padronização da formação para atuação.

Figura 3: Situação da concretização do **Indicador 15** no Brasil, Região Norte, e especificamente no estado do Pará, 2019



Fonte: SIMEC (2019).

De acordo com a Figura 3, é notório que a Região Norte e o estado do Pará ainda não

alcançaram nem mesmo 50% da meta estipulada, ou seja, os investimentos em formação dos profissionais da educação básica necessitam ser realizados, para o cumprimento das metas e melhoria na qualidade da educação pelos professores e oferecida aos mesmos.

Pesquisas apontam que para o alcance da qualidade da educação e cuidado das crianças pequenas aconteça, é preciso que alguns problemas sejam considerados, por exemplo, a formação inicial deficiente, precariedade da infraestrutura escolar e esgotamento dos profissionais no ambiente de trabalho (ARAÚJO, 2005; CAMPOS, 2008; LANTHEAUME, 2012). Para alguns pesquisadores o ambiente relacional e de atividades cotidianas das creches pode implicar na saúde mental e física dos professores e no ensino e aprendizagem das crianças. Sobre os conflitos relacionais, os autores discutem que os desentendimentos gerados nas relações entre os educadores de crianças pequenas podem representar um fator negativo para os mesmos, pois a má qualidade de relações pode gerar mal-estar, visto que os professores de educação infantil fazem parte de diferentes círculos sociais, podendo receber e exercer influências dentro dos mesmos (PESSANHA; CORRÊA, 2015).

3.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa traz para discussão os dados obtidos a partir do Censo da Educação Básica que avaliam os avanços em diferentes aspectos da Educação Brasileira entre os anos de 2014 e 2018. Com maiores detalhes, são apresentados os dados de alguns indicadores da Educação Infantil, a primeira etapa da Educação Básica. Ao analisar indicadores percebe-se que quando se avança em determinado ponto, como no caso do *Número expressivo de escolas* e a *Evolução no número de matrículas na Educação Infantil*, em outro indicador como *População de 4 a 17 anos que não frequenta escola*, não se percebe grande evolução. Em outra variável analisada, também se percebe a relação entre a infraestrutura municipal precária quando comparada às escolas da rede privada, e no número de crianças que está fora do ambiente escolar, que segundo os dados obtidos, as crianças na idade de 4 anos apresentaram-se em grande número fora da escola, sendo as mais prejudicadas com a ausência da oferta de uma escola adequada.

Outra reflexão importante a se fazer, corresponde à formação dos profissionais que lecionam para as crianças na creche e pré-escola. Embora ainda se aceite a atuação com professores que possuem a formação em curso de Magistério, a Política Nacional de

Formação dos Profissionais da Educação visa à equiparação da formação dos docentes atuantes, para que no mínimo possuam nível superior. No caso do Estado do Pará este *déficit* é notório, visto que, o alcance desta meta não chega a 50%. O prazo para o alcance das metas estipuladas no Plano Nacional de Educação finda no ano de 2024, sendo necessário o acompanhamento dos investimentos políticos nos diferentes aspectos da Educação Infantil.

No caso dos professores pré-escolares são indipensáveis estudos que abordem suas condições de trabalho e seus impactos na saúde física e mental, assim como estudos que abordem as relações sociais no ambiente laboral, já que os professores possuem diversos relacionamentos no ambiente profissional: com seus alunos, gestores, pais de alunos, colegas de trabalho, etc. Estudar o impacto destas relações interpessoais dos professores da Educação Infantil em nível local e global trará soluções para problemas que impactam no desempenho dos educadores e na saúde mental, como no enfrentamento de situações de estresse.

Os dados resultantes de pesquisas nacionais devem ser cada vez mais analisados e acompanhados por toda a população que usufrui deste direito. Sendo assim, sugere-se que outros níveis da educação brasileira, como fundamental, e médio, possam ser investigados para que se discuta até que ponto apresenta evolução, além da observação das mudanças perceptíveis em outras variáveis levantadas pelo Censo da Educação Básica, como as condições de acesso e permanência de alunos com inclusão, visando à qualidade na educação e a garantia deste direito.

3.5. REFERÊNCIAS

AMARAL, S. R. R. do. A formação de professores para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental: permanências e rupturas decorrentes das dinâmicas sociais e da legislação do magistério. **Revista HISTEDBR On-line**, n.43, p. 103-117, set. 2011.

ARAÚJO, R. M. B. de. A formação dos professores para a educação infantil: novos olhares. **Revista de Educação do Cogeime**, ano 14, n. 27, dez. 2005.

BRASIL. Congresso Nacional. Constituição Federal de 1988. **Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BUSS-SIMÃO, M.; ROCHA, E. A. C. Docência na educação infantil: uma análise das redes municipais no contexto catarinense. **Revista Brasileira de Educação,** v. 23 e 230021. 2018.

CAMPOS, M. M. Educar crianças pequenas. Em busca de um novo perfil de professor. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 121-131, jan. /dez. 2008.

CAMPOS, M. M.; ESPOSITO, Y. L.; BHERING, E.; GIMENES, N.; ABUCHAIM, B. A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais brasileiras. **Cadernos De Pesquisa**, v.41, n.142, jan. /Abr. 2011.

CAMPOS, M. M.; FULLGRAF, J.; WIGGERS, V. A qualidade da educação infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 87-128, jan./abr. 2006.

CHIAPARINI, C.; SILVA, I. M. M.; LEME, M. I. da S. Conflitos interpessoais na educação infantil: o olhar de futuros professores e egressos. **Psicologia Escolar e Educacional.** v. 22, n. 3, set/dez. 2018.

COBBOLD, C.; BOATENG, P. How Confident are Kindergarten Teachers in Their Ability to Keep Order in the Classroom? A Study of Teacher Efficacy in Classroom Management. **Journal of Education and Practice,** v. 7, n. 36, 2016.

EHRENBERG, M. C. A linguagem da cultura corporal sob o olhar de professores da educação infantil. **Pro-Posições**, v. 25, n. 1, p. 181-198, jan. /abr. 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, D. de O.; ARENHART, D.; SANTOS, N. de O. Educação infantil pós-LDB/1996: formação inicial de professores e práticas pedagógicas. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 12, n. 24, mai/ago de 2017.

GUIMARÃES, P. R. B. **Métodos Quantitativos Estatísticos:** conceitos e aplicações – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Básica 2018.** Brasília: INEP, 2019. Disponível em: http://portal.inep.gov.br. Acesso em: 05 maio 2019.

JESUS, J. S. de; SOUZA, V. L. T. de; PETRONI, A. P.; DUGNANI, A. P. da C. Os sentidos da aprendizagem para professores da educação infantil, ensino fundamental e médio. **Rev. Psicopedagogia**, v.30, n. 93, 201-11, 2013.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa:** guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAMARE, F. F. Parâmetros nacionais de qualidade para educação infantil no processo histórico. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 24, mai/ago, 2017.

LANTHEAUME, F. Professores e dificuldades do ofício: preservação e reconstrução da dignidade profissional. Cadernos de Pesquisa, v.42 n.146 p.368-387, maio/ago. 2012.

LYNCH, M. The Perspective of Kindergarten Teachers on Play in the Classroom. **American Journal of Play**, v.7, n. 3, p.374-370, 2015.

MAIA, R. C. C.; SOARES, A. B.; VICTORA, M.S. da. Um estudo com professores da educação infantil e do ensino fundamental sobre suas habilidades sociais e inteligência geral. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, ano 9, n.2, p. 464-479, 2009.

MARTINS, M. F. D; VIEIRA, J. S.; FEIJÓ, J. R.; BUGS, V. O trabalho das docentes da Educação Infantil e o mal-estar docente: o impacto dos aspectos psicossociais no adoecimento. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, vol. 17, n. 2, p.281-289, 2014.

MOREIRA, J. C.; TOMAZZETTI, C. M. Avaliação na educação infantil e formação contínua de professores. **Estud. Aval. Educ**., São Paulo, v. 29, n. 71, p. 504-527, maio/ago. 2018.

NASCIMENTO, S. M. B.; LIRA, A. C. M. Marcos legais para a formação de professores da educação infantil e desafios à docência. **Revista Zero-a-seis**, v. 19, n. 35 p. 99 – 116, jan-jun 2017.

PEREIRA, H. de O. S.; MAIMONE, E. H.; OLIVEIRA, A. P. Avaliação do perfil mediacional de uma professora da educação infantil. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, jan/jun. 2012.

PESSANHA, Q. P. L.; CORRÊA, C. P. Q. Estresse docente na Educação Infantil: um estudo sobre professores de creches públicas de uma cidade do Estado do Rio de Janeiro. **Revista Zero-a-seis**, v. 17, n. 32 p. 240-263, Florianópolis, jul-dez 2015.

PEIXOTO, E. M.; ARAÚJO, V. C. de. Educação de qualidade na educação infantil: quanto custará aos municípios capixabas esse direito a partir do PNE 2014-2024? **RBPAE**, v. 33, n. 1, p. 241 - 259, jan./abr. 2017.

RODRIGUES; D. G.; SAHEB, D. A concepção dos professores e educadores de educação infantil sobre o saber de Morin: ensinar a condição humana. **Rev. bras. Estud. pedagog. (online),** Brasília, v. 96, n. 242, p. 180-197, jan./abr. 2015.

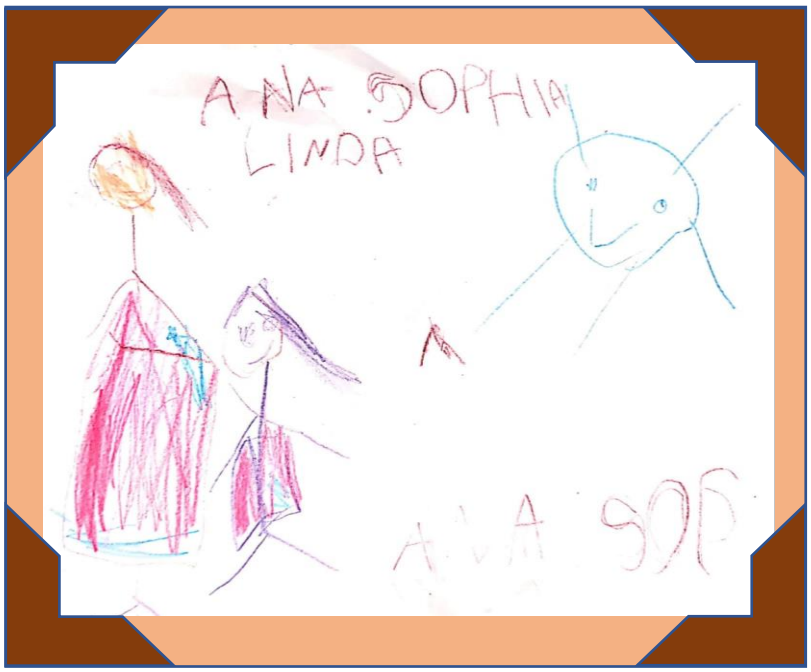
SIMEC. Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle do Ministério da Educação (Simec). Disponível em: http://simec.mec.gov.br/pde/graficopne.php. Acesso em: 23 abril 2019.

ROMANEK, L. W.; ROCHA, L. Diagnóstico do estresse entre professores através do teste de Lipp. In: Congresso de Administração da América Latina. **Anais [...]**. Ponta Grossa: Se, 2015.

TEIXEIRA, S. R. dos S.; MELLO, S. A. Formação De Professores: uma teoria para orientar as práticas. **CEPECH - Grupo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil na Perspectiva Histórico-Cultural**, Belém – PA, 2015.

TAPOROSKY, B. C. H.; SILVEIRA, A. A. D. A qualidade da educação infantil como objeto de análise nas decisões judiciais. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.34, e18, 2018.

ZIBETTI, M. L. T.; PEREIRA, S. R. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista**, n. especial 2, p. 259-276, 2010.



SEÇÃO IV

SEÇÃO IV

ESTUDO 3

REDES SOCIAIS PESSOAIS E NÍVEIS DE ESTRESSE DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo

As relações interpessoais dos indivíduos podem implicar no desenvolvimento de sua personalidade e em seu comportamento. O estudo apresentado tem por objetivo identificar e comparar as redes interpessoais de professores da Educação Infantil, que possuem altos e baixos índices de estresse. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, descrita e explicativa, para os dados estatísiticos sobre níveis de estresse, e um estudo sociométrico, que utiliza de técnicas da Análise de Redes Sociais para compreender a estrutura relacional das redes. A coleta foi dividida em dois momentos: o primeiro com 102 professores de educação infantil do município de Ananindeua para identificar os níveis de estresse desses participantes; posteriomente, foram selecionadas professores pertencentes ao grupo anterior, sendo 5 com índices elevados e 5 com baixos níveis de estresse, para a reconstituição de suas redes sociais pessoais. Os resultados indicam que 89,2% da amostra convive com um estresse leve, enquanto 10,7% dos entrevistados apresentam estresse de moderado a forte. Todos os participantes, de ambos os grupos, são mulheres, e os atores mencionados pelas entrevistadas são pessoas de sua confiança para falar sobre situações estressantes. O grupo constituído por 5 professoras com estresse leve apresentou redes interações em diferentes subgrupos (família, amizade, colegas de trabalho, vizinhos, conhecidos), enquanto que o grupo formado por 5 docentes com elevado estresse possui relações restritas a apenas três grupos (família, amizade, colegas de trabalho). Conclui-se que, aparrentemente, as relações de trabalho interferem pouco no estresse das professoras quando comparadas às relações familiares, fato que pode ser explicado devido aos inúmeros papéis que estas mulheres podem desempenhar.

Palavras-chave: Estresse docente. Redes egocêntricas. Ensino de crianças pequenas.

Abstract

The interpersonal relationships of individuals may imply the development of their personality and behavior. The present study aims to identify and compare the personal networks of preschool teachers, which have high and low stress levels. This is a quantitative, described and explanatory research for the statistical data on stress levels, and a sociometric study that uses Social Network Analysis techniques to understand the relational structure of networks. The collection was divided into two moments: the first with 102 preschool teachers from Ananindeua municipality to identify the stress levels of these participants; Subsequently, teachers from the previous group were selected, 5 with high rates and 5 with low stress levels, to reconstitute their personal social networks. The results indicate that 89.2% of the sample

live with mild stress, while 10.7% of respondents present moderate to strong stress. All participants in both groups are women, and the actors mentioned by the interviewees are people they trust to talk about stressful situations. The group of 5 teachers with mild stress presented networks interactions in different subgroups (family, friendship, co-workers, neighbors, acquaintances), while the group of 5 teachers with high stress has relationships restricted to only three groups (family, friendship, co-workers). It is concluded that, apparently, the work relations interfere little in the stress of the teachers when compared to the family relations, fact that can be explained due to the numerous roles that these women can play.

Key-words: Teaching stress. Egocentric network. Teaching young children.

4.1. INTRODUÇÃO

Atualmente discute-se que "o ensino é uma profissão estressante" (HERMAN; HICKMON-ROSA; REINKE, 2018). O estresse sentido pelo profissional do ensino pode ser originado de diferentes fontes, que ao exercerem influencia permanente sobre o sujeito, podem levar a sintomas mais graves. Para Ekici (2017), alguns dos fatores de risco para o surgimento do estresse correspondem ao excesso de alunos por turmas, e aos relacionamentos negativos vivenciados com colegas. A pesquisa de Tran (2015) discute que outra fonte de estresse do docente pode ser o ambiente em que trabalha, pois há uma correlação significativa entre níveis elevados de estresse e a crença que o educador tem em si mesmo para alcançar seus objetivos, planos de aula, etc., afetando sua satisfação no trabalho. Portanto, é desejável que no meio laboral, tanto o professor quanto o aluno recebam, o apoio necessário, bem como recurso materiais e imateriais, que percebam uma gestão coerente.

O clima de sala de aula pode ser afetado quando os docentes que apresentam estresse não detêm dos recursos emocionais para enfrentar os desafios do ensino, e esta ausência de recursos implica negativamente na qualidade das interações com seus alunos, pois estes podem apresentar comportamentos indisciplinados que criam um clima estressante dentro da classe (SANDILOS *et al.*, 2017). Pesquisadores indicam que os professores que participam de programas de formação continuada voltados a promover melhorias em sua atuação, têm mais propensão a saber lidar com situações estressantes em sala de aula, pois estarão mais bem preparados para relacionarem-se com as crianças, já que nestas formações são estimulados a identificar as fontes do estresse em sua prática cotidiana e a manejar tais fontes (SANDILOS *et al.*, 2017).

Um estudo recente (HERMAN; HICKMON-ROSA; REINKE, 2018) comprovou que os professores com altos níveis de estresse e que não conseguem lidar adequadamente com esta síndrome, necessitam de serviços de apoio social. Estes profissionais podem ser alvo de críticas e carregam a responsabilidade pela má qualidade na educação, cobrados por seus gestores, pais, sociedade, para que os alunos apresentem os melhores resultados, sendo que muitas vezes não usufruem de recursos materiais e emocionais para tanto. É necessário que as instituições de ensino disponibilizem a presença de profissionais preparados para orientar os professores quanto ao exercício do enfrentamento ao estresse, assim como estender esse auxílio aos alunos que podem vivenciar ou serem afetados por algum tipo de estresse.

Os relacionamentos que o docente da Educação Infantil estabelece podem ter reflexos negativos em sua saúde. No estudo de Weber *et al.* (2015) foi percebido que se os colegas de trabalho pouco se apoiam ou não se auxiliam, mais os professores irão sofrer manifestações emocionais e de cansaço em momentos de tensão. A ausência nos relacionamentos de indivíduos com seus amigos e familiares infelizmente acarreta doenças sérias (COSTA, 2005).

Há necessidade da construção de relacionamentos que tragam algum tipo de apoio ao indivíduo que enfrenta estressores em sua rotina diária, todavia, os indivíduos não são afetados da mesma forma e aquilo que pode ser um suporte para um, acaba não sendo para outro. Isso pode ser constatado no estudo de Ferguson, Mang e Frost (2017), quando mostram que há uma diferença entre gênero quanto à busca de ajuda para desabafar em relação ao estresse. Os homens responderam não dialogarem com sua família, amigos e colegas professores sobre o estresse. Em contrapartida, as mulheres fazem uso com maior frequência deste recurso. Isso está relacionado ao fato de as mulheres que responderam a tal pesquisa, apresentarem elevados níveis de estresse, e por isso encontraram em suas redes pessoais um suporte emocional.

As pesquisas que relacionaram estresse e docência (PESSANHA; CORRÊA, 2015; GOULART JUNIOR; LIPP, 2008; DALAGASPERINA; MONTEIRO, 2016), constataram que as tensões e o adoecimento podem alcançar professores de todas as etapas da educação básica e do nível superior. Em se tratando da Educação Infantil, mesmo com os avanços legais historicamente constituídos, os profissionais que atuam neste nível de ensino ainda lutam em prol de sua identidade e reconhecimento, programas de formação inicial e continuada de

qualidade, condições adequadas de trabalho, assim como uma remuneração justa, pois estas situações implicam em seu sofrimento e somatizações[6].

Entre a saúde e o aparecimento de doenças relacionadas ao estresse, como, por exemplo, úlceras, pressão alta, psoríase, vitiligo e o Burnout, o indivíduo passa por uma fase intermediária chamada sofrimento. Segundo Fischer e Perez (2018), o sofrimento é intrínseco ao mundo do trabalho, pois ocorre o encontro da história pessoal do sujeito e das normas da organização do trabalho, e o mesmo precisa ajustar-se saudavelmente ao sistema sem perder as características próprias. No caso das instituições escolares, são apontados como fatores de sofrimento: a imposição da organização do trabalho, a falta de autonomia, o excesso de trabalho e a ausência de diálogo entre os membros da comunidade escolar, entre outros. Mesmo com tais adversidades, os professores de crianças pequenas encontram prazer nas relações de troca de afeto entre crianças e do aprendizado com os colegas de profissão (FISCHER; PEREZ, 2018).

Contudo, além do ambiente físico, o relacional da escola pode afetar a saúde do docente, como também a convivência interpessoal. Ou seja, suas relações com sujeitos com os quais estabelece uma interação interatuante dentro dos diferentes grupos, comunidades, aos quais pertence e constituem suas "redes sociais pessoais". Este é um conceito que vai além de "comunidade", pois envolve laços sociais e sistemas informais de troca de recursos como dinheiro, objetos, e informações (GUADALUPE, 2010; SATUR, *et al.*, 2015). Na atualidade, vem se buscando a compreensão da composição e da dinâmica de tais redes, a "atividade desses coletivos, a forma como comportamentos e ideias se propagam, o modo como notícias afluem de um ponto a outro do planeta, etc" (COSTA, 2005, p. 236).

As relações ocorrem entre os indivíduos por meio de interdependências, que seguem regras de trocas ou de pertencimento de determinado grupo. No entanto, há diferenças nos laços ou vínculos que são estabelecidos entre as pessoas. Estes podem ocorrer de maneira individual ou pessoal, que envolve a amizade, parentesco ou respeito; também podem ocorrer trocas materiais que se dão por meio de compra e venda, parcerias, favores; as trocas imateriais, com envio de mensagem eletrônica e trocas de informações; e a associação ou afiliação, quando se procura participar em atividades afins ou em comum, organizadas em entidades, clubes, eventos, estudos, emprego, *hobby*. Há uma diferença também entre laços

[6] Segundo Fischer e Perez (2018), este processo ocorre quando o indivíduo apresenta sintomas físicos sem que exista uma doença de ordem física, entretanto, possuem origem psicológica.

formais, constituídos entre o indivíduo e seu chefe e outras autoridades, e os laços informais que podem dar-se entre amigos, colegas, familiares e outros (MATHEUS; SILVA, 2009).

Para fins de melhor compreensão da referência a redes sociais apresentada nesta pesquisa, é necessário fazer-se a distinção entre este conceito e a associação que possa ser feita às redes socias na era digital. As redes socias correspondem a sistemas de relações sociais, que são um canal por meio do qual ocorrem as trocas de recursos e a posição estratégica de alguns parceiros para que haja as permutas (LAZEGA; HIGGINS, 2014). Sua arquitetura reflete as interações de um universo relacional. Já a conceituação de redes sociais online refere-se a grupos de indivíduos que utilizam mídias de comunicação para relacionar-se, como exemplo: *MySpace*, *Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, etc. (BENEVENUTO, ALMEIDA; SILVA, 2011). O estudo das redes sociais online ainda está em crescimento, mas a quantidade de conteúdo produzido por meio das mídias é relevante, pois permitem o registro em larga escala de diversos aspectos da natureza humana relacionados à comunicação, à interação entre as pessoas e ao comportamento humano.

Para compreender como as interações se estabelecem socialmente, estudiosos como o antropólogo John Barnes (1987) buscaram uma definição para redes sociais. Barnes realizou análises de relações informais e interpessoais, para compreender sua constituição social, que ocorrem quando um conjunto de pontos (nós, atores, vértices) está ligado por linhas (arestas, laços, relações), representando uma "radiografia" da disposição social. Estudar uma rede social significa conhecer as relações dentro de um grupo, que são mencionadas por todos os participantes da mesma, configurando uma rede social completa. Além disso, pode-se procurar identificar a percepção de um membro de tal círculo (Ego) sobre as relações que ele estabelece direta ou indiretamente com outros indivíduos (atores). Ao analisar uma rede social pessoal objetiva-se conhecer a influência de cada membro da rede no comportamento do Ego. Para McCarty (2010), os atores (alters) de uma rede pessoal são mencionados pelo Ego, e segundo a percepção deste, tais membros não influenciam na sua personalidade e no comportamento de maneira igual.

O estudo e a concepção da estrutura de uma rede social são realizados por meio do uso da metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS). Esta abordagem metodológica utiliza apoio de ferramentas computacionais (*softwares*), que permitem a visualização gráfica por meio de grafos[7], que apresentam os nós (atores) e as ligações (relações) entre estes, além da

[7] Grafos são diagramas, e na ARS recebem o nome de sociogramas, pois representam as relações estruturalmente. Sua visualização acontece a partir do processamento dos dados nas ferramentas

elaboração de cálculos matemáticos que originam valores para serem analisados conforme o padrão das métricas, analisadas estatisticamente para a compreensão de padrões de comportamentos, relações de troca e poder que possam existir na rede (ANJOS *et al.,* 2015). Os resultados da aplicação desta técnica de análise não são conclusivos, e necessitam da complementação de abordagens qualitativas ou quantitativas para que possibilitem maior aproximação com a realidade estudada (ANJOS *et al.,* 2015). Uma investigação recente (FREIRE, 2018) que utilizou a técnica ARS permitiu a compreensão da forma que as redes sociais atuam para a proteção ou risco à saúde das participantes entrevistadas.

Entende-se que a classe de trabalhadores da Educação Infantil faz parte de diferentes grupos, que se relacionam por meio de trocas características de cada círculo social. Apesar de serem evidenciados os fatores de risco para o estresse no ambiente laboral, é importante analisar se as relações neste, e em outros contextos que este profissional faz parte (relações interpessoais), implicam em seu índice de estresse. Pesquisas realizadas com militares constataram níveis de estresse, porém, não estavam relacionados ao trabalho, mas sua origem era de outra natureza, como por exemplo a pessoal, como dificuldades pessoais, familiares, sociais, etc. (LIPP; COSTA; NUNES, 2017). Quando se busca conhecer as características que os atores podem assumir na relação com o outro em um grupo, esforços devem ser feitos para que as relações sejam benéficas para o próprio grupo. O estudo do relacionamento interpessoal assume papel de tornar as relações dos círculos sociais cada vez mais harmônicas e prazerosas, conjugando cooperação, integração, conhecimentos e experiências (LANDIM *et al.,* 2005). Por esse motivo, esta pesquisa tem por objetivo identificar e comparar as redes pessoais de professores da Educação Infantil, que possuem altos e baixos índices de estresse.

4.2. MÉTODO

4.2.1. *Natureza da Pesquisa*

A investigação é de ***Natureza Aplicada***, pois procura produzir informações para serem empregadas em demandas práticas locais, do município de Ananindeua, Pará, particularmente de professores da educação infantil desta cidade. Trata-se de um estudo ***Quantitativo, Descritivo*** e ***Explicativo***, pois as informações foram obtidas por meio de cálculos estatísticos,

---

computacionais, que executam cálculos matemáticos correspondentes às métricas de análise (RAMOS, 2015; LINO; GOMIDE, 2015).

que resultaram em variáveis que puderam ser relacionadas para obterem-se características da amostra em estudo. Além disso, pretendeu explicar a ocorrência do fenômeno do estresse no grupo estudado, buscando representar uma realidade (GIL, 2008; KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

Também foram utilizados pressupostos da ***Análise de Redes Sociais*** **(ARS)**. Trata-se de uma técnica que estuda as Relações Sociais, que são os contatos que os indivíduos estabelecem entre si, que se dá por algum tipo de interdependência (regras de parentesco, normas, valores, disciplina, trocas e pagamento, etc.). Estas redes possuem características estruturais e relacionais que precisam ser estudadas, pois visam aproximar-se de uma realidade social (LAZEGA; HIGGINS, 2014; HIGGINS; RIBEIRO, 2018).

4.2.2. *Definição e caracterização das Amostras*

As amostras deste estudo foram coletadas em dois momentos e grupos distintos, a saber: (*i*) Grupo 1 (amostra maior) – dados referentes à caracterização do estresse; (*ii*) Grupo 2 (amostra menor) informações sobre as redes sociais pessoais. A amostra do grupo 1 foi do tipo não probabilística, por conveniência, constituída por 102 professores de Educação Infantil que atuam em escolas públicas do município de Ananindeua, no estado do Pará. Os critérios de inclusão foram: ser professor no município de Ananindeua e lecionar para crianças de 0 a 5 anos. Este grupo de participantes é composto totalmente por mulheres, que possuem faixa-etária entre 24 a 62 anos. Além disso, uma parcela dos entrevistados (21,57%) respondeu ter ingressado recentemente na função docente, possuindo de 5 meses a 2 anos de experiência, e os demais participantes (78,43%) já possuem maior tempo de experiência, variando entre 3 e 32 anos exercendo a profissão de professor da educação infantil.

Já para a obtenção da amostra do grupo 2, por meio da qual foi possível a construção das redes sociais pessoais, foram identificados 5 participantes com baixo e 5 com alto nível de estresse, a partir dos valores obtidos na primeira fase (grupo 1).

4.2.3 *Procedimentos Éticos*

Este estudo faz parte de um projeto “guarda-chuva” intitulado “Estresse, Burnout e Regulação emocional: Implicações para Professores e Alunos”, o qual foi submetido à

avaliação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, e aprovado com o parecer de número 3.026.005, em 19 de novembro de 2018 (ANEXO A).

Na aplicação da pesquisa foram respeitadas as regras que envolvem investigações com seres humanos, indicadas pela Resolução de número 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, vinculado ao Ministério da Saúde.

A Resolução Nº 466/12 (BRASIL, 2012) esclarece os direitos e deveres do pesquisador e dos participantes de um estudo. Para tanto, foi apresentado o documento Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice A), para que o participante pudesse estar a par das condições de participação na pesquisa, com relação ao anonimato de suas informações, e dúvidas que pudessem surgir ao longo da aplicação dos questionários. Ainda neste primeiro momento foram expostos os benefícios dos resultados para melhoria dos trabalhos em escolas e no trabalho docente. O documento contém uma cláusula a respeito da interrupção pelo participante em qualquer momento da pesquisa. Ao final, o documento foi assinado pelos participantes e devolvido juntamente com os questionários para a pesquisadora. Este documento serve para respaldo e esclarecimentos de quaisquer dúvidas relativas a aspectos ético-legais (jurídico).

4.2.4. *Procedimentos de Coleta*

Foi solicitado à Secretaria municipal de Educação de Ananindeua, por meio de Ofício (Apêndice B), o acesso a informações e às escolas, para entrevistas com as professoras. Depois de deferido, no dia 11 de Abril de 2018, foram feitos contatos com os gestores da escola, e o convite foi estendido a todos os professores de Educação Infantil do Município de Ananindeua, Pará, perfazendo um total de 250 docentes no ano de 2018. O convite ocorreu por meio de um evento de formação promovido pela secretaria de educação do município, momento no qual foram distribuídos 250 kits de pesquisa contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os instrumentos de coleta.

Dos 250 formulários entregues, retornaram 90 kits. Além deste procedimento, os questionários mencionados foram viabilizados numa versão online, o que permitiu a realização paralela da pesquisa por meio da plataforma *GoogleForms*, que admite a elaboração de questionários objetivos e subjetivos. Somando-se os formulários online e impresso, resultaram 102 kits respondidos para análise.

A coleta ocorreu em dois momentos, utilizando-se diferentes instrumentos. O primeiro, com vistas a recolher dados demográficos e os níveis de estresse docente, aconteceu com a apresentação e esclarecimento aos participantes sobre informações referentes à pesquisa, elucidações sobre a função do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e orientações para preenchimento dos outros dois instrumentos. A coleta ocorreu de forma presencial e virtual: a presencial aconteceu de forma coletiva, em grupos por escolas que estavam recebendo formação continuada. A coleta virtual se deu por meio de formulário eletrônico para aqueles que não compareceram à formação, ou os que solicitaram esta maneira para responder em outro momento. Esta primeira etapa permitiu identificar 5 professores que possuem maior nível de estresse, e 5 professores com baixos níveis de estresse.

O segundo período de coleta foi destinado à aplicação do Questionário Sociométrico, para a construção das redes dos participantes. Os 10 participantes que foram identificados com maior e menor grau de estresse foram contatados para verificar-se a disponibilidade e local para participar da pesquisa. Os que não aceitaram o convite foram imediatamente substituídos pelo próximo participante da lista de escalonamento por nível de estresse dos professores respondentes.

As entrevistas para aplicação do Questionário Sociométrico, ocorreram em lugar agendado pelos participantes, que responderam às perguntas feitas pela pesquisadora, que por sua vez preencheu ao estudo inserido no *Software EgoNet*.QF.2014. Este programa foi desenvolvido por Christopher McCarthy, é gratuito, e tem o intuito de criar o questionário para a coleta de dados, realizar o cálculo das métricas para a análise das redes egocêntricas, e a elaboração dos grafos, que são a visualização estrutural das redes.

4.2.5. *Instrumentos de Coleta*

Os instrumentos utilizados para a coleta das informações desta pesquisa foram: Questionário de caracterização do participante (GUERREIRO-CASANOVA, 2011), o Inventário do Estresse do Professor (WEBER *et al*., 2015), e o Questionário Sociométrico, que serão descritos na sequência.

***a. Questionário de caracterização do participante* (GUERREIRO-CASANOVA, 2011)**

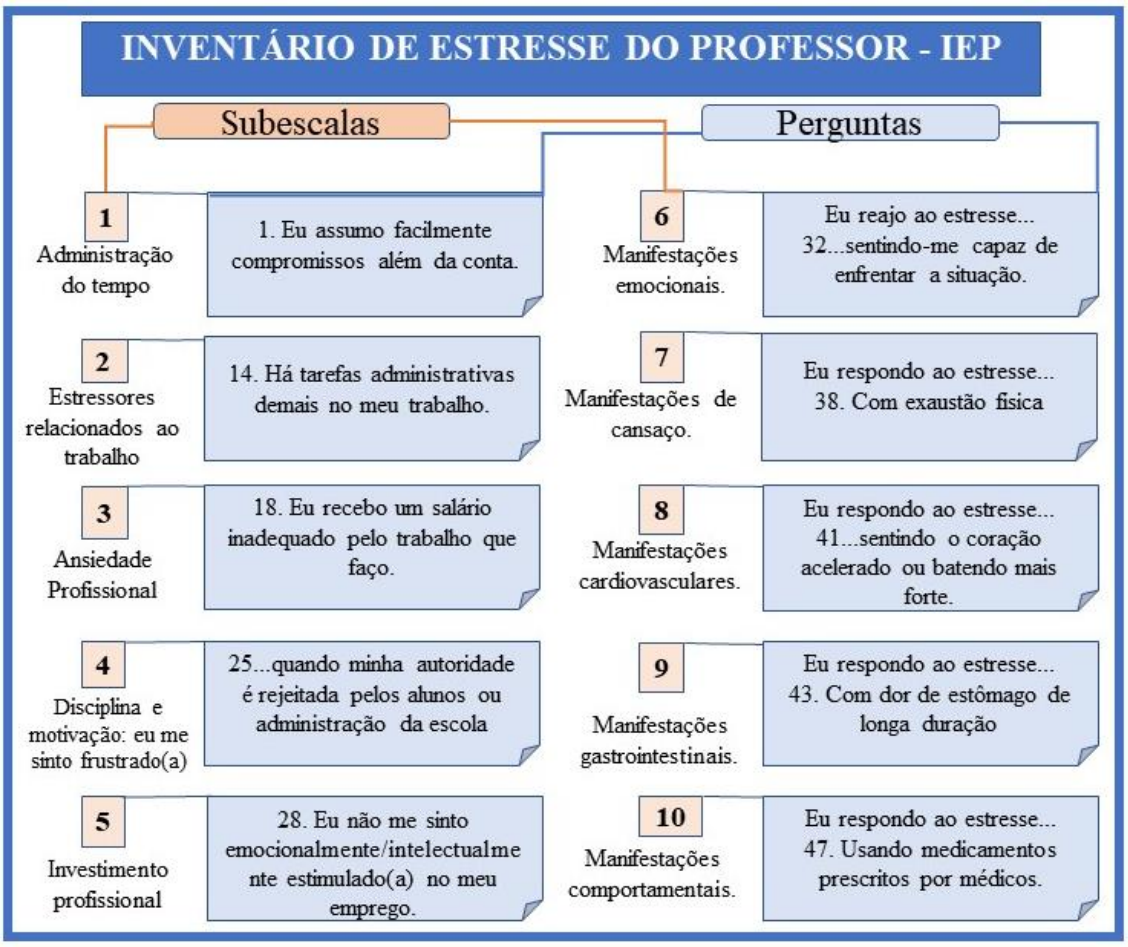
Será utilizado o Questionário de Caracterização dos Participantes, de autoria de Guerreiro-Casanova (2011), que é constituído por 14 perguntas, divididas entre objetivas e subjetivas, que questionam a respeito de: "*Formação*"; "*Função*"; "*número médio de alunos por turma";* "*infraestrutura da escola*"; "carga horária", entre outros (Anexo B).

***b. Inventário do Estresse do Professor* (WEBER et al., 2015)**

Para obtenção dos valores sobre os níveis de estresse, utilizou-se a versão do Teacher Stress Inventory (TSI) (FIMIAN, 1988) traduzida por Weber *et al*. (2015) e autorizada pelos autores para uso nesta pesquisa por meio de uma Declaração (Anexo C). O inventário é composto por 63 questões, sendo 49 perguntas fechadas do tipo Likert divididas em 10 subescalas que verificam a intensidade dos sentimentos em relação às preocupações docentes e 7 perguntas abertas, melhor apresentadas no mapa conceitual (Figura 1).

As respostas são do tipo Likert em uma escala de 1 a 5, sendo que o número 1 representa menor intensidade percebida dos sentimentos e o número 5 a maior intensidade, ou seja, quanto ele é sentido de maneira extremamente forte na situação mencionada na subescala. A confiabilidade alfa total da escala foi de 0,93 para a amostra de professores de ensino regular. Além destas, o IEP faz uso de perguntas que buscam obter dados pessoais dos entrevistados, como: *Sexo:* ( ) F ( ) M; *Idade; Quantos alunos você têm por dia?* E perguntas discursivas, para obter respostas a respeito da concepção do professor, como exemplo: "*Escreva três palavras que você acha que estão associadas a "ser professor/a"*; "*O que é ser um/a bom/boa professor/a?";* e "*O que mais gostaria de acrescentar?*", que visam compreender como os entrevistados percebem seu trabalho. O Inventário pode ser visualizado na seção dos anexos (Anexo D).

Figura 1: Representação esquemática das subescalas e exemplificação de perguntas que compõem o Inventário de Estresse do Professor, Brasil, 2019



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

c. Questionário Sociométrico

É um tipo de coleta primária, pois extrai diretamente do participante as informações a serem tratadas. Sua composição depende da criatividade do pesquisador, e para esta pesquisa o instrumento possui uma estrutura própria. O Questionário Sociométrico é composto de três partes:

1) **A Caracterização,** composta por atributos monádicos compostos por variáveis independentes e dependentes. Lazega e Higgins (2018) ressaltam que seria inapropriado proceder um estudo de rede sem variáveis à montante (independentes) e a jusante (dependentes) dos dados relacioais. Variáveis independentes ajudarão a explicar as escolhas sociométricas observadas, que busca informações do tipo: a idade, o gênero, a raça, a origem social, o nível salarial, ou qualquer outro dado que possa complementar na compressão do problema. Por outro lado, as variáveis dependentes irão explicar o comportamento dos atores, utilizando a posição que estes assumem e a opinião quem possuem em determinado grupo, ou

mesmo os valores das métricas obtidas.

2) **Gerador de Nomes:** o tipo mais comumente utilizado, pois consiste em uma técnica que visa estimular os participantes a identificarem os sujeitos com os quais estabelecem interações. Nesta investigação, os participantes puderam mencionar os membros de suas redes respondendo a questão: *"Cite* 20 *pessoas com as quais você mantém/manteve algum tipo de contato (pessoal/virtual, como telefone ou whatsapp, por exemplo) no último mês. Você pode mencioná-las utilizando seus nomes, apelidos, ou como "conhecidos", mas devem ser pessoas com as quais você se sentiria à vontade para iniciar uma conversa informal caso necessário".* Embora autores como McCarty (2010) defenda que neste tipo de pergunta sejam citadas 30 nomes, optou-se por utilizar um gerador de 20 nomes para reduzir o custo cognitivo do respondente e a otimização da pesquisa.

3) **Atributos diádicos:** trata-se de perguntas relacionais mais complexas, para esta pesquisa serão de escolha fixa para as relações, pois se quer saber as relações causadoras de estresse ao entrevistado. Por esse motivo foram utilizadas perguntas, como a exemplificada a seguir: (i)*"Supondo que ao final do dia, depois de sua rotina estressante, você queira desabafar com alguém a respeito do estresse que vem sentindo. a. Você procuraria esta pessoa para lhe ajudar a diminuir o seu estresse?";* (ii) *"Qual o nível de estresse esta pessoa lhe causa ?* (0)*nenhum estresse* (1)*pouco estresse* (2) *moderado estresse* (3) *muito estresse* (4) *Extremo estresse".* Este instrumento pode ser encontrado na íntegra nos apêndices (Apêndice C).

4.2.6 *Análise dos dados*

Os valores obtidos com a primeira amostra da pesquisa foram calculados a partir de indicações da literatura, para constatação dos índices de estresse por subescala e total. Para a obtenção dos escores do IEP por subescala, obedeceu-se a recomendações de FIMIAN (1988), que construiu o referido instrumento, indicando para essa estimativa a seguinte regra: soma-se o valor assinalado pelo participante que varia de 1 a 5, e depois dividir pelo número de itens da subescala. O Cálculo do escore total do inventário segue o mesmo princípio: somar o valor obtido por cada subescala e depois dividir pelo número total de subescalas.

Para a análise dos escores obtidos verificou-se que a literatura apresenta pontos de corte para classificação do nível de estresse. Segundo Fimian (1988), considera-se que o estresse de professores do ensino regular possui "força média" quando alcança a marca 3,50

na somatória das pontuações do inventário IEP. Sendo assim, são considerados com baixo nível, com os estressores quase imperceptíveis, os participantes que possuem pontuações inferiores à média, caracterizando como "força leve" o indivíduo com escore < 3,50. Já os docentes considerados com alto nível de estresse são aqueles que possuem valores > 3,50, considerado como "significativamente forte".

Tanto as respostas do Questionário de Caracterização como as do Inventário de Estresse foram tabuladas com auxílio da ferramenta SPSS 20, que permitiu o cálculo da porcentagem das características demográficas dos investigados, e dos valores por subescala do IEP. Os valores do estresse total foram calculados por meio da ferramenta *Microsoft Excel*.

As redes pessoais foram analisadas observando-se suas propriedades estruturantes e relações a partir das métricas (medidas). Cada uma desta possui um objetivo de análise, para que se possa interpretar as relações, por exemplo: quando se busca compreender a coesão de uma rede, analisa-se a medida da **densidade** que considera a proporção entre as ligações existentes e as possíveis conexões de uma rede. Uma comunidade muito coesa/densa pode indicar, por exemplo, que os membros se conhecem e podem interferir na vida uns dos outros, gerando estresse. Outra métrica, como a **centralidade de grau,** busca ressaltar o número de relações que um ator ou relação entre dois sujeitos (díade) possui e sua hierarquia na rede. Além desta, temos a **centralidade de intermediação**, que indica o papel de um ator ou da relação diádica numa rede, a partir da possibilidade de fluidez da informação, o que pode levar ao surgimento de subgrupos conectados a atores com grande poder de difusão de uma mensagem.

4.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, far-se-a a apresentação e discussão dos resultados de estresse total dos 102 professores de Educação Infantil que compõem a amostra. Em seguida, serão visualizados os grafos das redes pessoais dos 5 professores com níveis baixos e 5 professores com níveis altos de estresse.

4.3.1 *Níveis de Estresse de Professores da Educação Infantil*

Os dados a respeito dos níveis de estresse foram obtidos por meio do IEP (WEBER, *et al.,* 2015) e calculados conforme orientação de Fimian (1988). A Tabela 1 apresenta os escores

detalhados dos níveis de estresse dos professores investigados.

Tabela 1: Estatística dos valores por nível de estresse (baixo/alto) dos professores da Educação Infantil do município de Ananindeua, 2019

Nível do estresse	Prevalência – No. de participantes	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Estresse Alto	11	3,54	4,22	3,88	0,27
Estresse Baixo	91	1,17	3,49	2,52	0,60

Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

Os escores visualizados na Tabela 1 revelam variação entre 1,17 e 3, 46 (Média = 2,51) para professoras com "estresse leve" (N=90) e entre 3,54 e 4,22 (Média = 3,88) para as que sentem "alto estresse" (N=11). Há ainda uma participante que obteve escore de 3,49, o que classifica o estresse sentido por ela como "moderado". As informações apresentadas mostram que boa parte das participantes (89,22%) convivem com níveis leves de estresse, porém existe uma parcela (10,78%) que tem convivido com um estresse de moderado a alto. No estudo de Weber *et al.* (2015) que, possui a maioria de participantes do sexo feminino, utilizou-se o mesmo instrumento para identificar níveis de estresse, e os professores da Educação Infantil e dos primeiros anos do ensino fundamental também apresentaram escores baixos de estresse, em comparação com os que atuavam nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio. Sendo assim, pode-se dizer que as professoras menos estressadas conseguem enfrentar seu estresse diário, porém este não é inexistente, sendo necessárias medidas para diagnóstico das fontes de estresse e suas possíveis soluções ou tratamentos.

O indicativo de haver um número pequeno de professoras com níveis moderados a alto de estresse não minimiza a importância que deve ser dada a esta parcela. Afinal, no estudo de Weber *et al.* (2015) observou-se que ocorreu uma relação significativa entre níveis de estresse e o gênero feminino. Outras pesquisas ressaltam uma relação entre estresse e gênero, visto que as mulheres são as mais sujeitas ao estresse quando comparadas a grupos masculinos, "e isso diferencia sua percepção ao ambiente escolar, a eficácia do ensino, o estresse do professor e a satisfação no trabalho" (TRAN, 2015, p. 154, tradução nossa; SADIR, BIGNOTTO, LIPP, 2010). Além disso, este estudo reitera o que a literatura aponta a respeito das mulheres estarem sob maior influência de estressores, que podem estar relacionados ao

trabalho, mas para Romanek e Rocha (2015), isso pode estar associado aos diferentes círculos sociais aos quais pertence, podendo exercer papéis diferentes em cada um destes como mães, “donas de casa”, esposas, profissionais da educação, dentre outros. Portanto, saber quais são as relações estressantes para estas mulheres torna-se fundamental.

4.3.2 Caracterísiticas das participantes por grupo investigado: forte estresse e leve estresse

Neste subtópico são apresentadas as características e estruturas das redes sociais pessoais dos 10 professoras de Educação Infantil que participaram da segunda fase desta pesquisa, sendo assim, 5 participantes que pontuaram com menor grau de estresse e 5 que obtiveram alto grau de estresse. Na Tabela 2 apresentam-se algumas caracterísitcas pessoais de cada grupo de participantes por nível de estresse.

Tabela 2: Caracterização dos professores de Educação Infantil do município de Ananindeua, por grupo: estresse forte e estresse leve, 2019

Caracterísiticas das professoras entrevistadas					
Estresse Leve					
Participante	**Faixa-etária**	**Estado civil**	**Carga horária Semanal**	**Precisou pedir afastamento**	**Estresse total**
P48	37 anos	União estável	40 h/s	Sim	2,24
P51	56 anos	Casada	40 h/s	Sim	2,19
P61	51 anos	Casada	40 h/s	Não	1,94
P08	37 anos	Solteira	20 h/s	Sim	1,65
P27	26 anos	Casada	40 h/s	Sim	1,62
Estresse Forte					
Participante	**Faixa-etária**	**Estado Civil**	**Carga horária Semanal**	**Precisou pedir afastamento**	**Estresse total**
P34	32 anos	Solteira	44 h/s	Sim	4,22
P32	20 anos	Solteira	40 h/s	Não	4,17
P49	35 anos	Solteira	40 h/s	Não	3,70
P73	42 anos	Solteira	40 h/s	Sim	3,90
P33	32 anos	Solteira	40 h/s	Não	3,62

Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

Como já mencionado, esta investigação possui uma amostra totalmente de mulheres, justificando-se o uso do termo “professora(s)” ou outros termos no gênero feminino quando são feitas referências aos dados obtidos neste estudo. As paticipantes estão identificadas pela letra “P” referente a “professora” e o número correspondente ao código que lhe foi atribuído no momento de preenchimento do instrumento de caracterização, assim, conferindo o anonimato das respondentes.

As características do grupo que apresenta escores baixos de estresse indicam que: as idades dessas participantes variam de 26 a 56 anos, a maioria (*f*=3) é casada e possui filhos (*f*=4). No entanto, uma pesquisa realizada com diferentes adultos em atendimento em uma clínica psicológica identificou que os profissionais casados revelaram maiores índices de estresse quando foram feitas as correlações entre estresse e estado civil (SADIR; BIGNOTTO; LIPP, 2010). Quanto a sua atividade profissional, as componentes do grupo desenvolvem sua função entre 20 e 40 horas/semanais. Além disso, boa parte da amostra (*f*=4) já precisou pedir afastamento do seu trabalho, e o motivo mais apontado foram “problemas vocais”. Sabe-se que o instrumento de trabalho dos professores é a voz, que precisa muitaz vezes competir com extressores externos, como ruídos em sala de aula, elevando a intensidade vocal para que sejam compreendidos pelos alunos, o que acarreta alterações em tecidos e musculatura da laringe, afetando sua saúde vocal, o que implica em licenças para cuidar da sáude (COSTA, *et al.,* 2013). No entanto, os problemas vocais das professoras que poderiam elevar o estresse, não as influenciaram, pois as pesquisadas possuem baixo estresse, o que indica que conseguiram administrar tais situações.

Das participantes, a maioria (*f*=4) afirma ter vivenciado situações de desvio de função. Isto pode estar relacionado ao fato de que exige-se que os profissionais da educação possam solucionar problemas sociais, como a violência doméstica, exigindo-se que estes tenham formação extracurricular para amparar crianças e suas famílias que estejam enfrentando tais situações (GARBIN *et al.,* 2010). Quanto aos níveis de estresse que experimentam em diferentes ambientes que possam frequentar, os membros dos grupos responderam de maneira distinta. Para o agrupamento com níveis leves de estresse, o ambiente que mais lhe causa estresse é sua “casa”, com intensidades de moderado (*f*=3) a muito estresse (*f*=1). Os “ambientes comerciais”, como supermercados, farmácias, comércio, shopping, entre outros, também causam estresse para esse grupo, variando sua intensidade entre pouco (*f*=2), moderado (*f*=1) e muito estresse (*f*=2). Já o “trabalho” causa pouco estresse para maioria deste grupo (*f*=3), porém, as demais participantes (*f*=2) assinalaram que

o trabalho lhe causa muito estresse.

O grupo de participantes com elevado estresse, por sua vez, possui as seguintes características: as idades variam de 32 a 42 anos, e estado civil mais comum é “solteiro(a)” (*f*=4), porém a maioria já é mãe (*f*=3). Apesar deste grupo possuir participantes com alto estresse e faixa-etária menor quando comparado ao outro grupo, a literatura (WEBER *et al*., 2015) indica que o estresse pode afetar o professor em qualquer idade. Referente ao exercício da profissão, a carga horária do grupo varia entre 40 e 44 horas/semanais, sendo que parte das professoras (*f*=3) não precisou pedir afastamento do trabalho. Quanto a experiência de já ter vivenciado desvio de função, a maioria das respontes (*f*=3) disse já ter executado funções que não lhes correspondiam.

As respostas do grupo com nível elevado de estresse indicam que os ambientes que lhes causa maior tensão foram os “ambientes comerciais”, com intensidades que vão de pouco (*f*=1), moderado (*f*=2), e extremo estresse (*f*=1). Já o segundo e terceiro ambientes mais assinalados foram o “famíliar” com intensidades entre “pouco” (*f*=3) e “moderado” (*f*=2), e “trabalho”, com frequências entre moderado (*f*=3) e muito estresse (*f*=2). Um dado interessante nesta amostra é que a maioria indicou que em sua “casa” sente pouco estresse (*f*=3).

Um dado em comum aos dois grupos (estresse leve/forte) é o fato de todas as participantes assinalarem que sua rotina diária é intensa. Este fato pode estar relacionado à carga horária intensa da maioria das pesquisadas, que possuem uma jornada de trabalho de 20 a 44 horas/semanais, o que a literatura indica como as causas para a ausência das professoras em formações (SILVA; CUNHA, 2016) e participação em outros eventos que possam auxilia-las no enfrentamento às tensões.

4.3.3 *Características estruturais e origem do estresse nas redes sociais pessoais*

As redes pessoais ou egocêntricas fornecem informação das relações diretas de um agente. Além disso, as redes interpessoais informais estão constituídas pelas relações que os indivíduos estabelecem com seu grupo mais ampliado: familiar, amigos, vizinhança, etc. Os vínculos que compõem as redes pessoais das 10 professoras entrevistadas estão apresentados na Tabela 3.

Tabela 3: Vínculos que compõem as redes sociais pessoais das professoras de Educação Infantil do município de Ananindeua, 2019

Tipo de Relação	Percentual	Desvio Padrão
Colega de Trabalho	36	0,25
Familiar	32	0,16
Amizade	26	0,14
Conhecido	4	0,05
Vizinho	3	0,05

Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

Como indicado na Tabela 3, as redes possuem a distribuição dos vínculos nas redes obtidas a partir das respostas das professoras, têm maior composição de colegas de trabalho (36%), seguido das relações familiares (32%), de amizade (26%), e em menor quantidade compostas por conhecidos (4%) e vizinhos (3%). As redes interpessoais podem servir de suporte informativo, ou seja, conceder informações, conselhos, orientações, pois são o recurso mais frequentemente utilizado para ajudar as pessoas a resolver problemas da vida cotidiana e na tomada de decisões nos mais diferentes campos: pessoal, familiar, acadêmico, trabalho, dentre outros (LANDIM *et al*., 2010; ANDRADE; VAITSMAN, 2010).

Além desta distribuição dos vínculos, é importante analisar-se estruturalmente as redes interpessoais das professoras, por meio da estatística descritiva. Para tanto, pode-se observar na Tabela 4 os resultados a partir das métricas de Densidade, Centralidade de Grau e Centralidade de Intermediação.

Tabela 4: Resultados das estruturas das redes, a partir do cálculo das métricas e da estatística descritiva, Brasil, 2019

Grupo	Densidade		Centralidade de Grau	Centralidade de Intermediação
	Média	Desvio Padrão (DP)		
Estresse Leve				
P08	0,82	0,01	0,18	47,80
P27	0,49	0,08	0,15	8,25
P48	0,44	0,10	0,13	45,49
P51	0,58	0,01	0,15	49,21
P61	0,58	0,01	0,14	27,39
Estresse Alto				
P32	0,72	0,01	0,18	15,66
P33	0,72	0,01	0,18	15,59
P34	0,62	0,15	0,17	5,95
P49	0,51	0,18	0,10	20,42
P73	0,51	0,22	0,10	19,48
Média Geral	0,60	0,08	0,15	25,52
DP Geral	0,12	0,08	0,03	16,33

Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

Observando-se a métrica da densidade, procura-se uma analogia entre as conexões encontradas na rede e as conexões que podem existir. Na tabela 4 pode-se observar as médias por rede pessoal, sendo a primeira a densidade, cujo valor deve estar entre 0 (menos densa/coesa) e 1 (mais densa/coesa). A densidade média das redes obtidas possui valor de 0,60, o que indica que boa parte das redes é densa. Assim como na pesquisa de Freire (2018) as redes são coesas, e as relações são pouco variáveis, restringindo-se a poucos vínculos, o que leva a uma sensação de pertencimento e integração de um indivíduo a um grupo, contudo, pode indicar também maior controle da coletividade sobre o sujeito, limitando suas individualidades.

Por outro lado, Costa (2005) discute que uma baixa densidade indica que as sociedades contemporâneas estão vivendo laços mais transitórios e específicos, onde os indivíduos tendem ao isolamento e a buscar seus próprios recursos para solucionar problemas, reforçando assim sua autonomia identitária. Fato este que precisa ser contornado com a abertura da rede para novos intercâmbios de ideias e informações para solucionar problemas cotidianos (LANDIM *et al*., 2010). Isso ressalta que as redes das professoras estudadas são menos diversificadas e precisam ser expandidas para novos grupos que lhes concedam algum

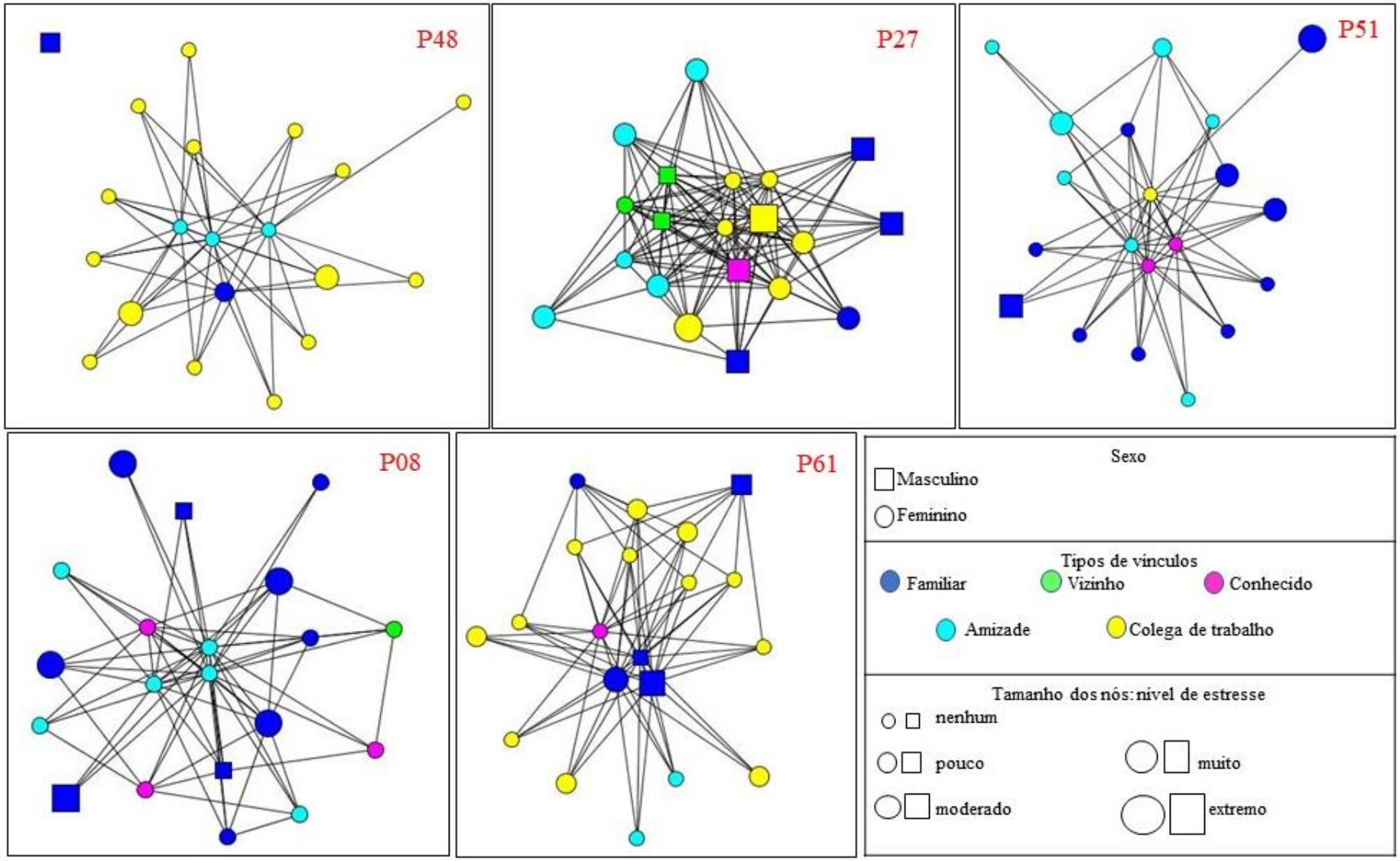
tipo de apoio, ou lhes permitam novas experiências, possibilitando auxílio ou redução ao estresse.

Outra métrica analisada foi a centralidade de grau, que calcula a quantidade de relações que um indivíduo possui na rede. Essa medida pode ser calculada por rede como percebida na Tabela 4, indicando que em cada uma há um indivíduo mais central, ou seja, que exerce maior influência (REYES JUNIOR, 2018). O valor encontrado da centralidade de grau geral das redes investigadas foi 0,15, indicando que os atores mais centrais conseguem interagir em média com 15% do total de membros de suas redes. Sendo assim, os componentes das redes das educadoras interagem pouco.

Quanto ao cálculo da medida de intermediação, esta verifica a capacidade de um determinado ator assumir a posição de "ponte" entre dois indivíduos. A média da intermediação pode ser calculada por indivíduo e de maneira geral. Esta última indica um escore baixo nessa métrica (25,52), pois como os atores das redes interagem entre si, somente 25% possuem papel de intermediários nas relações, controlando informações e recursos, fato também concluído em outros estudos, foram investigadas redes de mães de crianças com deficiência, sob estresse parental, onde 20% dos sujeitos presentes nas redes destas mães eram os que mais detinham o controle (FREIRE, 2018).) As conexões investigadas apresentam um indivíduo mais central, que controla a entrada e circulação das informações na rede, porém, como indica Marteleto (2001), é necessário que este indivíduo estabeleça conexões com o exterior da rede, para que esta se expanda.

Foram obtidos, também, dados que caracterizam a qualidade das interações entre cada professora (ego) e entre indivíduos mencionados (alters) por elas. No entanto, as redes egocêntricas geradas com auxílio do EgoNet mostram somente as relações entre os atores citados, excuíndo o Ego, pois este se inserido na rede irá assumir todas os valores de centralidade, por estabelecer relações com todos os outros. Sendo o estresse um dos problemas cotidianos que impactam o comportamento dos sujeitos, apresenta-se nas redes representadas pelas Figuras 2 e Figura 3 as relações interpessoais informais que podem afetar as professoras com estresse leve e forte.

Figura 2: Estruturas das redes de relacionamentos das professoras de Educação Infantil com estresse leve, Brasil, 2019



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

As informações sobre as professoras menos estressadas indicam que suas redes são compostas majoritariamente por pessoas do sexo feminino (85%). Boa parte das pessoas mencionadas pelas professoras podem lhes transmitir uma impressão de segurança em situações estressoras (81%).

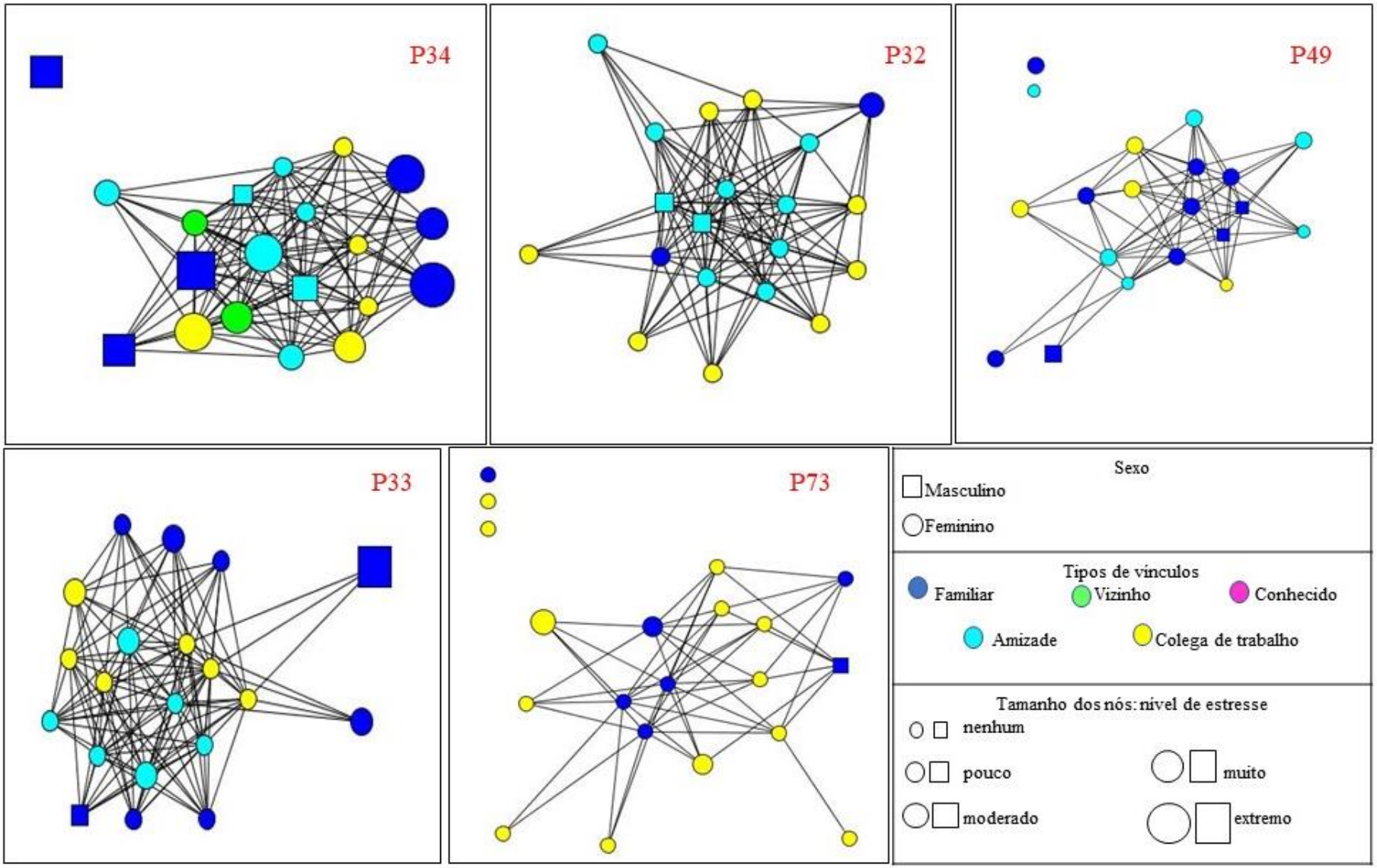
De uma maneira geral, pode-se observar nos Grafos (Figura 2) que as relações envolvem diferentes vínculos que são representados pelas cores, indicando que as professoras participam em diferentes grupos, possuindo maior número de contatos interpessoais. Mesmo se tratando de professoras que no IEP apresentaram resultados de estresse leve, percebe-se que suas redes lhe causam estresse de “pouco” a “muito”. No entanto, a composição de cada rede possui peculiaridades.

No caso de P48, sua rede é composta na maioria por pessoas do seu ambiente de trabalho, e são dessas relações que pode originar-se o estresse. Ainda nesta rede, pode-se perceber que há um indivíduo que não estabelece relações com outras pessoas da rede, somente com a entrevistada, mesmo sendo um dos pertencentes ao grupo familiar. Já na rede de P27 vê-se a composição de diferentes vínculos, mas os que mais lhe causam estresse são: colegas de trabalho e família. A estrutura de P51 também possui diferentes vínculos, porém a maioria pertence ao vínculo familiar e deste surge um estresse de “pouco” a “muito” sob a respondente. As relações de P61 são maiores com seus colegas de trabalho, e estes lhes tramitem um estresse leve, caracterísitico das atividades rotineiras. Porém, os poucos membros da rede familiar que aparcem acarretam à professora um estresse “moderado”.

Diferentemente das redes anteriores, P08 não mencionou nenhum ator pertencente ao seu trabalho. Sua rede aparece composta na maioria por familiares, e estes lhes fazem sentir um estresse com intensidade moderada. Após apresentação das redes, pode-se dizer que as relações que mais trazem tensão às professoras P48, P27, P51, P08 e P61 são as relações familiares. Este dado pode ser ressaltado com as respostas deste mesmo grupo aos ambientes que mais lhe estressam, o que neste grupo resultou em “Casa” (80%). As redes na maioria compostas por membros familiares tambémm foram evidenciadas no estudo de Freire (2018). Para a autora, as redes de parentesco têm seus laços mais permanentes, menos sujeitos a mudanças com o passar dos anos, quando comparados a outos vínculos que o indivíduo possa estabelecer.

Em relação ao segundo grupo composto por professoras com estresse mais elevado notou-se que as redes (Figura 3) são também compostas majoritariamente por pessoas do sexo feminino (85%). Em situações estressoras, as professoras contam com a maioria dos sujeitos por elas mencionados para lhes transmitir segurança em situações estressoras (77%).

Figura 3: Estruturas das redes de relacionamentos das professoras de Educação Infantil com níveis de estresse elevado, Brasil, 2019



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Quando analisadas as redes interpessoais das professoras mais estressadas, os vínculos se resumem a três (familiar, amizade, colega de trabalho), levando a reflexão de que estas respondentes costumam não interagir socialmente com outros grupos, estabelecendo restrições. As estruturas tem caracterísiticas peculiares, porém é perceptível a presença de nós maiores com intensidade chegando ao "extremo estresse", quando comparados aos das redes egocêntricas de estresse leve, e redes que se equiparam a estas.

Na rede de P34 nota-se a presença das relações entre família, amigos, colegas de trabalho, e somente nesta rede, aparece o vínculo com vizinho. Em todos os subgrupos existem relações que elevam o estresse da professora, sendo os integrantes da rede familiar os que mais causam situações estressoras, chegando a intensidade "extremo estresse". Nesta rede há um indivíduo do sexo masculino pertencente ao subgrupo familiar, que não estabelece relações com os demais membros da rede, somente com a professora por ser seu parceiro afetivo, e que lhe causa um "estresse moderado".

Já a rede de P32, possui relações mais frequentes com amigos e colegas de trabalho, porém é dos laços familiares, e que são os menos visiveis na rede, que advém as tensões para a entrevistada. Na composição da rede de P33, o número de citados está equilibrado de acordo com cada subgrupo de ralções. Mesmo assim, o subgrupo da família possui mais membros e este é o subgrupo mais responsável pela elevação do estresse na professora, chegando a gerar um "extremo estresse".

A rede de P49 também é composta na maioria por familiares, mas o nível de estresse que estes e os demais subgrupos lhe transmitem é: varia de "nenhum" a "pouco" estresse. O escore elevado obtido por meio do IEP não corresponde à rede pessoal da entrevistada, indicando que suas relações não interferem no seu estresse. A estrutura da rede P73 possui somente dois vínculos: familiar e colega de trabalho, indicando a seletividade desta entrevistada. Três pessoas estão isoladas, pois mantém contato somente com a respondente, contudo, semelhante à rede de P49, esta rede produz um estresse com intensidade de "pouco" a "moderado", o que conflita com o escore elevado obtido pela participante. Nestes dois casos, discute-se a origem do estresse, que como identificado, não se associa às relações interpessoais expostas, mas podem vir de outros grupos, ambientes, situações, etc. Afinal, o grupo com elevado estresse indicou que os ambientes que mais lhe causam tensão são os "ambientes comerciais", sendo este um motivo plausível para justificar o alto estresse e as redes poucos estressantes de P73 e P49.

Sobre a origem do estresse está associada a outras relações, fatores ou ambientes, estudos já indicavam a necessidade de trabalhadores administrarem situações pessoais com as

situações do ambiente de trabalho, pois esse desequilíbrio desencadearia o estresse (SILVA; SALLES, 2016). No caso das professoras, o estresse pode surgir do ambiente relacional laboral (ARANTES; VIEIRA, 2010), que pode se expandir às suas relações interpessoais. Contudo, como assinalado por Romanek e Rocha (2015) estes mesmos relacionamentos e ambientes onde ocorrem podem gerar tensões nas professoras, devido à posição que estas ocupam nos grupos nos quais assumem diferentes funções. Como cada posição, relacionamentos e ambientes possuem suas peculiaridades, é essencial observar individualmente cada rede, para compreender seu funcionamento e estrutura, como foi o caso deste estudo.

Assim como nas redes de estresse leve, as redes P32, P33 e P43, que se referem às professoras com estresse alto, também apresentam os subgrupos de composição familiar como os que mais implicam no estresse. O fato de parentes serem os mais estressantes, não anula a importância que estes indivíduos possam ter para as professoras, como suporte à sua saúde (FREIRE, 2018). Este suporte corresponde ao emocional no caso do estresse, pois quando o sujeito se sente pertencente a um grupo, com pessoas nas quais pode confiar e se sentir amado, como no caso da família, pode até ocorrer atritos que elevem a tensão, mas estes laços de confiança são laços de qualidade, pois foram estabelecidos por meio de interações que levaram anos para se constituírem (COSTA, 2005; LANDIM, 2010).

O fato das redes das professoras estressadas serem restritas a somente três subgrupos, indica que é necessário que haja expansão das relações das professoras para novas redes, possibilitando novas interações e informações, o que pode colaborar com seu enfrentamento às situações estressantes (ANJOS *et al*., 2005).

Infelizmente, nem todas as redes com maioria de membros pertencentes à família estão preparadas para lidar com o estresse um dos outros. No estudo de Dutra *et al*. (2013) comprovou-se que quando mulheres que sofriam abusos físicos, psicológicos e mesmo sexuais de seus maridos, sua rede social diminuía a poucos atores, que não ofereciam apoio às vítimas. Ainda sobre as redes destas mulheres, suas mães e sogras representavam um forte laço que deveria lhes transmitir apoio e segurança, mas que possuíam um caráter dúbio, pois estas interações fragilizavam estas mulheres. Contudo, percebe-se que a configuração das redes implicou no estresse dos sujeitos desta pesquisa, principalmente advindas do subgrupo familiar, não excluindo o estresse que pode originar em pequena intensidade de outros subgrupos.

4.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais pessoais como objeto da Análise de Redes Sociais visam estudar a alteração de um sujeito ou grupo, a partir das conexões estabelecidas entre os atores. Foi comprovado, por meio do levantamento da literatura, que o estresse pode alterar significativamente o comportamento dos sujeitos, no entanto, foi necessário saber se a origem dessa síndrome pode estar associada às relações que professoras de Educação Infantil estabelecem com os indivíduos de diferentes meios que frequenta.

Os resultados indicaram que boa parte das professoras que aceitaram participar respondendo ao questionário sobre estresse – IEP, convivem adequadamente com o estresse leve, o que leva a conclusão de que fazem algum tipo de administração das adversidades da sua rotina diária. Porém, mesmo que a parcela de professores com elevado estresse seja pequena (10,78%), isso não diminui a relevância da busca por soluções e identificação dos estressores. Afinal, o estresse pode acarretar outras doenças que podem levar a óbito.

Esta pesquisa procurou identificar a constituição das redes interpessoais das professoras, e se a composição destas redes seria um fator potencial no estresse das entrevistas. Observou-se que embora as professoras tenham pontuado com escores baixos no IEP, suas redes mostraram intensidades fracas originadas no seu núcleo familiar. As educadoras deste grupo também assinalaram que em sua “casa” sentem maior estresse, o que corrobora com a estrutura das redes. Por outro lado, do grupo com estresse alto somente três redes indicaram a associação entre estresse elevado e relações estressoras. Neste grupo também foram encontradas relações dos subgrupos familiares como as mais estressantes. Porém, para duas das professoras, as suas redes não influenciam seus estresse, o que leva a questionar de onde se origina tais tensões. Uma suposição é a de que relações menos frequentes, como as dos ambientes comerciais citados pelas entrevistadas como os mais estressantes, possam ser investigadas mais detalhadamente.

Os valores das métricas indicam estatisticamente como está a estrutura das redes: são redes com densidade alta perto das possíveis conexões que poderiam estabelecer. Os atores com maior centralidade de grau estabelecem poucas relações com os demais componentes, e os que possuem maior intermediação não estabelecem “pontes” nem com 50% da rede, o que explica o fato das redes serem restritas a poucos subgrupos, diminuindo as aberturas a informações e experiências novas.

Contudo, a maioria das redes estudadas implica positivamente ou negativamente

na elevação do estresse docente. Positivamente, pois as redes de parentesco ao mesmo tempo em que nas redes de estresse leve podem gerar o estresse, também podem diminuir, pois são relações mais bem estabelecidas, e servem de redes de apoio. Mas, o grande impacto é quando estas redes repercutem negativamente elevando o estresse da professora, pois infelizmente alguns familiares podem não estar preparados para relacionamentos sadios.

Portanto, as redes sociais pessoais das professoras de Educação Infantil do município de Ananindeua possuem composições específicas que lhes causam tensões. Todavia, outras relações e ambientes físicos podem ser analisados, visando compreender melhor as redes que tais professoras fazem parte. Faz-se também uma sugestão para novas pesquisas, que investiguem a relação entre professoras e gestores das unidades de Educação Infantil. Com esta pesquisa, espera-se que as autoridades escolares possam perceber o quão relevante é priorizar um ambiente relacional de qualidade, não somente no ambiente profissional, mas em todos os locais em que as professoras precisem assumir uma posição.

4.5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, G. R. B. de; VAITSMAN, J. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 7, n. 4, p. 925-934, 2002.

ANJOS, M. de C. R. dos; BAZZO, W. A.; ANJOS, A. dos; ROVEROTO, G.; WITKOSKI, J. D. A análise de redes sociais como ferramenta para o mapeamento de relações entre atores sociais de um projeto de extensão universitária. **RECIIS**, 9(1), jan/mar, 2015.

ARANTES, M. A. de A. C.; VIEIRA; M. J. F. **Estresse**. 3. ed., 1ª reimp. rev. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

BENEVENUTO, F.; ALMEIDA, J. M.; SILVA, A. S. **Explorando redes sociais online**: Da coleta e análise de grandes bases de dados às aplicações. In: Mini-cursos do Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores (SBRC). 2011.

COSTA, R. On a new community concept: social networks, personal communities, collective intelligence. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005.

COSTA, D. B. da, LOPES, L. W., SILVA, E. G., CUNHA, G. M. S. da, ALMEIDA, L. N. A., ALMEIDA, A. A. F. de. Fatores de risco e emocionais na voz de professores com e sem queixas vocais. **Rev. CEFAC**. v. 15, n.4, p. 1001-1010, 2013.

DALAGASPERINA, P.; MONTEIRO, J. K. Estresse e docência: um estudo no ensino superior privado. **Revista Subjetividades**, v. 16, n. 1, p. 37-51, abril, 2016.

DUTRA, M. de L.; PRATES, P. L.; NAKAMURA, E.; VILLELA, W. V. A configuração da rede social de mulheres em situação de violência doméstica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n.5, p. 1293-1304, 2013.

EKICI, F. Y. The Relationship between the Styles of Coping with Stress and the Levels of Hopelessness of Preschool Teachers. **Higher Education Studies**. v.7, p. 78-93, 2017.

FERGUSON, K.; MANG, C.; FROST, L., Teacher Stress and Social Support Usage. **Brock Education Journal**, v. 6, n. 2, 2017.

FISCHER, D.; PEREZ, K. V. "Eu sou quem então?": o trabalho docente na educação infantil e os impactos da organização do trabalho na dinâmica do reconhecimento. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho,** v. 21, n. 2, p.133-147, 2018.

FREIRE, V. R. B. P. **Análise da rede pessoal de mães de crianças com paralisia cerebral; estresse e apoio.** Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém-PA: Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

GARBIN, C. A. S.; QUEIROZ, A. P. D. de G. e; COSTA, A. A.; GARBIN, A. J. I.Formação e atitude dos professores de educação infantil sobre violência familiar contra criança. **Educar em Revista**, n. especial 2, p. 207-216, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOULART JUNIOR, E.; LIPP, M. E. N. Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. **Psicologia em Estudo,** v. 13, n. 4, p. 847-857, out./dez. 2008.

GUERREIRO-CASANOVA, D. C. **Eficácia Individual e Coletiva de Docentes e Gestores no Ensino Médio** . 2011. 116f. Projeto de Qualificação (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

K. C. HERMAN; HICKMON-ROSA J. ; REINKE, W. M. Empirically Derived Profiles of Teacher Stress, Burnout, Self-Efficacy, and Coping and Associated Student Outcomes. **Journal of Positive Behavior Interventions**, Vol. 20(2) 90 –100, 2018.

HIGGINS; S. S.; RIBEIRO, A. C. A. **Análise de redes em Ciências Sociais.** – Brasília: Enap, 2018.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa:** guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LANDIM, F. L. P.; FERNANDES, A. M.; MESQUITA, R. B. De; COLLARES, P. M. C.; FROTA, M. A. Análise das Redes Interpessoais: aplicação na realidade de uma equipe de enfermagem atuando em unidade de hematologia. **Saúde Soc.** São Paulo, v.19, n.4, p.828-837, 2010.

LAZEGA, E.; HIGGINS, S. S. **Redes Sociais e estruturas relacionais.** 1. ed. – Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

LIPP, M. E. N.; COSTA, K. R. da S. N.; e NUNES, V. de O. Estresse, qualidade de vida e estressores ocupacionais de policiais: Sintomas mais frequentes. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho.** 17(1), 46-53. 2017.

MCCARTY, C. La estructura en las redes personales. **REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales**. v. 19, n. 11, Diciembre 2010.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.** , v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MATHEUS, R. F.; SILVA, A. B. de O. **Fundamentação básica para a análise de redes sociais:** conceitos, metodologia e modelagem matemática. In: POBLACIÓN, Dinah Aguiar (Org.). Redes sociais e colaborativas em informação científica. São Paulo: Angellarra, p. 239-287, 2009.

PESSANHA, Q. P. L.; CORRÊA, C. P. Q. Estresse docente na Educação Infantil: um estudo sobre professores de creches públicas de uma cidade do Estado do Rio de Janeiro. **Revista Zero-a-seis**, v. 17, n. 32 p. 240-263, jul-dez, 2015.

REYES JÚNIOR, E.; REIS, A. L. N.; SOUSA COSTA, V. F.; SANTOS, Y. A. Relações interpessoais e sua influência na satisfação dos acadêmicos. **R. G. Secr.,GESEC**, v. 9, n. 3, Dez. 2018.

ROMANEK, L. W.; ROCHA, L. Diagnóstico do estresse entre professores através do teste de Lipp. In: Congresso de Administração da América Latina**,** 1. **Anais[...]** . Ponta Grossa: Se. p. 1-10. 2015.

SADIR, M. A.; BIGNOTTO, M. M.; LIPP, M. E, N. Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. **Paideia**, v. 20, n. 45, p. 73-81, jan.-abr. 2010.

SANDILOS, L.E.; GOBLE, P.; RIMM-KAUFMAN, S. E.; PIANTA, R. C. Does professional development reduce the influence of teacher stress on teacher–child interactions in pre-kindergarten classrooms? **Early Childhood Research Quarterly,** 42, p. 280–290, 2018.

SATUR, *et al.* Do físico ao virtual: relações interpessoais que geram redes sociais dos alunos de um curso de graduação. **Inf. Inf.,** Londrina, v. 20, n. 3, p. 05 - 38, set./dez. 2015.

SILVA, F. D. A; CUNHA, A. M. de O. Representações sociais de professores da Educação Infantil sobre o desenvolvimento da prática pedagógica em meio ambiente. **Ciênc. Educ., Bauru**, v. 22, n. 4, p. 1013-1026, 2016.

SILVA, L. C. da; SALLES, T. L. de A. O estresse ocupacional e as formas alternativas de tratamento. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 6, n. 2, Mai/Jun/Jul/Ago, 2016.

TRAN, V. D. Effects of Gender on Teachers' Perceptions of School Environment, Teaching Efficacy, Stress and Job Satisfaction. **International Journal of Higher Education**. v. 4, n. 4; 2015.

WEBER, L. N. D.; LEITE, C. R.; STASIAK, G. R.; SANTOS, C. A. da.; FORTESKI, R. **Imagens da Educação**, v. 5, n. 3, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

As redes sociais como objeto da Análise de Redes Sociais se aproximam das interações reais de determinado agrupamento a ser estudado. No caso mais específico, as relações pessoais ou interpessoais, que surgem a partir do ponto de vista de um indivíduo (ego), apresentam as interações que influenciam seus comportamentos. Como o estresse implica o comportamento dos sujeitos, e pode ser oriundo também das relações humanas, objetivou-se analisar a prevalência do estresse em professores de Educação Infantil e sua relação com as redes sociais interpessoais, traçando-se objetivos específicos que resultaram em três estudos para alcance do objetivo principal.

Ainda são escassos os estudos que relacionam o estresse, os professores de Educação Infantil, e as redes sociais pessoais. Os pesquisadores que investigam a Educação Infantil em associação a outras temáticas com a saúde mental do docente ainda constituem um número pequeno. Os estudos encontrados nas bases de dados em sua maioria estão voltados para outros aspectos desta etapa de ensino como formação, avaliação e prática, assim como a outros temas que começaram a apresentar necessidade de serem discutidos nesta etapa, como violência escolar e ensino de ciências, dentre outros. Sendo assim, os achados indicam ter sido alcançado objetivo proposto ao se obter um panorama do cenário sobre publicações que envolvam professores de Educação Infantil e Saúde docente.

Outro dado importante a ser considerado é o fato das pesquisas nacionais sobre qualidade da Educação Infantil, e na formação do docente, indicarem números que não correspondem à realidade. No caso específico no estado do Pará, ainda são necessários investimentos em escolas que atendam crianças na faixa-etária de 0 a 5 anos, pois as condições são precárias e os profissionais precisam ter a melhor formação de acordo com o solicitado pela legislação, algo que ainda está em um processo moroso. Esta falta de investimento no ambiente de trabalho e na formação adequada do profissional pode gerar tensões que afetam sua saúde mental e seus relacionamentos formais como no caso do trabalho, e informais que correspondem às relações interpessoais. Portanto, o objetivo deste estudo foi contemplado, pois puderam ser visualizadas as reais condições da Educação Infantil nacional.

Na literatura encontram-se pesquisas que já investigaram as redes interpessoais com outros participantes. No caso deste estudo, é inovador no sentido de relacionar as

três temáticas: estresse, redes egocêntricas e especialmente os professores de educação infantil do município de Ananindeua, Pará. As redes deste grupo específico apresentaram peculiaridades quanto a sua topologia e valores das métricas levantadas. São conexões interpessoais com grupos com certo nível de coesão, baixa centralidade de grau e intermediação, características que indicam que as redes das professoras são restritas, com pouca abertura a relacionamentos novos, que podem possibilitar novos conhecimentos e experiências. A literatura indica que essa constituição pode ser dúbia, ou seja, uma rede mais densa pode contar com o número certo de pessoas da confiança do sujeito para lhe servir de rede de apoio nas mais diferentes situações, como as estressoras. Por outro lado, uma rede nesses moldes pode restringir o sujeito quando busca ajuda de outras pessoas, aos descobrir que as relações que estabelece não são um apoio de qualidade para reduzir seu estresse.

As redes possuem maior influência dos familiares, mesmo sendo majoritarimente compostas pelos colegas de trabalho. É importante ressaltar que esses relacionamentos ocorrem em diferentes ambientes, que o estudo verificou ser um dos fatores que influenciam no estresse percebido. Sendo assim, pesquisas que investiguem outros meios onde ocorram as interações das professsoras serão de ótima valia.

Ao procurar compreender a influência das redes pessoais no estresse do professor da Educação Infantil, corrobora-se o campo da pesquisa sobre estresse, saúde e professores da Educação Infantul. Além de despertar a atenção das autoridades responsáveis pela formação e melhorias na infraestrutura da primeira etapa da educação básica, este estudo pode trazer alertas particulares às professoras quanto os níveis de estresse e possibilidades de enfrentamento. Outra contribuição que pode ser percebida, quanto as relações sociais, é a qualidade que devem ter os relacionamentos para que possam ser consolidadas. Sugere-se que este documento seja utilizado para consulta, para que as secretarias de educação possam perceber as importâncias apresentadas, e incorporá-las em seus momentos de formação, compreendendo o professor com um todo.

Recomenda-se que novas pesquisas possam ser realizadas para que aproximem a área da saúde e professores Educação Infantil, pois os profissionais do ensino também estão expostos a inúmeros estressores internos e externos ao trabalho, sendo necessário o levantamento de dados sobre as condições de trabalho e de vida desses docentes. Além disso, o uso de uma abordagem qualitativa, também possível na Análise de Redes Sociais, poderia contribuir para a compreensão das fontes de estresse nos diversos relacionamentos, principalmente nos familiares, além da identificação das formas de

controle do estresse que as professoras possam utilizar.

Diante disso, espera-se que esta dissertação possa ter contribuído para um olhar mais compreensivo e detalhado em relação às professoras de crianças pequenas, sua saúde e condições de trabalho, assim como o conhecimento dos relacionamentos interpessoais a que estão sujeitas. O trabalho buscou destacar os diferentes papéis que estas professoras desempenham, sendo necessário que estas mulheres possam ser compreendidadas em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ANJOS, M. de C. R. dos; BAZZO, W. A.; ANJOS, A. dos; ROVEROTO, G.; WITKOSKI, J. D. A análise de redes sociais como ferramenta para o mapeamento de relações entre atores sociais de um projeto de extensão universitária. **RECIIS**, v. 9, n. 1, jan/mar, 2015.

ARANTES, A. P. P.; GEBRAN, R. A. O curso de pedagogia e o processo de formação do pedagogo no Brasil: percurso histórico e marcos legais. **HOLOS**, ano 30, v. 6, 2014.

ARANTES, M. A. de A. C.; VIEIRA; M. J. F. **Estresse**. 3. ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

ARAÚJO, R. M. B. de. A formação dos professores para a educação infantil: novos olhares. **Revista de Educação do Cogeime**, ano 14, n. 27, dez. 2005.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T.; YAMASHITA, D.; TAKAHASGI, R. M. E os educadores, como estão? **REMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente,** v.3 n. 3, p.151-170, dez., 2010.

BENEVENUTO, F.; ALMEIDA, J. M.; SILVA, A. S. **Explorando redes sociais online**: da coleta e análise de grandes bases de dados às aplicações. In: Mini-cursos do Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores (SBRC). 2011.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. v.1. Brasília: MEC\SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. **Lei Nº 13.415, de 16 de Fevereiro de 2017.** Altera as Leis Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
BUSS-SIMÃO, M.; ROCHA, E. A. C. Docência na educação infantil: uma análise das redes municipais no contexto catarinense. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23. 2018.

CAMPOS, M. M. Educar crianças pequenas. Em busca de um novo perfil de professor. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 121-131, jan. /dez. 2008.

CAMPOS, R.; BARBOSA, M. C. S. BNC e educação infantil: Quais as possibilidades? **Revista Retratos da Escola**, v. 9, n. 17, p. 353-366, jul./dez. 2015.

COSTA, R. On a new community concept: social networks, personal communities, collective intelligence. **Interface - Comunic. Saúde Educ.**, v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005.

DALAGASPERINA, P.; MONTEIRO, J. K. Estresse e docência: um estudo no ensino superior privado. **Revista Subjetividades**, v.16, n. 1, p. 37-51, abril, 2016.

FARO, A.; PEREIRA, M. E. Estresse: Revisão narrativa da evolução conceitual, perspectivas teóricas e metodológicas. **Psicologia, Saúde & Doenças**, n. 14, p. 78-100, mar. 2013.

FAZITO, D.; RIOS-NETO, E. L. G. Emigração internacional de brasileiros para os Estados Unidos: as redes sociais e o papel de intermediação nos deslocamentos exercido pelas agências de turismo. **R. bras. Est. Pop.,** v. 25, n. 2, p. 305-323, jul./dez. 2008.

FIAHO, J. Pressupostos para a construção de uma sociologia das redes sociais. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 24, p. 59-79, 2015.

FILHA, C. do N. M. B. L.; MORAIS, A. N. Prevalência e fatores de risco do burnout nos docentes universitários. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 13, n. 27, maio/ago. 2018.

FLORÊNCIO, C.B.S. **Estresse e expectativa de futuro na adolescência.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém-PA: Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

FOLKMAN, Susan. Stress, coping, and hope. **Psycho-Oncology,** San Franciso, n. 19, p. 901-908, july. 2010.

FRANÇA, I. L. **Estresse e rotina entre cuidadores de crianças com TDAH.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém-PA: Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

FRANÇA, T. L. B. de; OLIVEIRA, A. C. B. de L.; LIMA, L. F.; MELO, J. K. F. de; SILVA, R. A. R. da. Síndrome de burnout: características, diagnóstico, fatores de risco e prevenção. **Rev Enferm UFPE online**., 8(10), p.3539-46, out., 2014.

GALVÃO, A. C. T.; BRASIL, I. Desafios do ensino na Educação Infantil: perspectiva de professores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, 2009.

GOULART JUNIOR, E.; LIPP, M. E. N. Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. **Psicologia em Estudo,** v. 13, n. 4, p. 847-857, out./dez. 2008.

GUIMARÃES, D. de O.; ARENHART, D.; SANTOS, N. de O. Educação infantil pós-LDB/1996: formação inicial de professores e práticas pedagógicas. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 24, mai/ago de 2017.

HANNEMAN, R. A.; RIDDLE, M. **Introduction to social network methods.** Riverside, CA: University of California, Riverside, 2005.

HANSEN, D. L.; SHNEIDERMAN, B.; SMITH, M. A. **Analysing social media networks with NodeXL:** insights from a connected world. Morgan Kaufmann (Elsevier), p. 284, 2011.

HIGGINS, Silvio Salej. O estudo dos efeitos não intencionais da ação intencional na teoria sociológica. **Sociologias, Porto Alegre**, ano 13, n. 28, p. 258-282, set./dez. 2011.

HIGGINS; S. S.; RIBEIRO, A. C. A. **Análise de redes em Ciências Sociais.** – Brasília: Enap, 2018.

REINHOLD, H.H. O Burnout. In: LIPP, M. E. N (Org). **O Stress do Professor.** Campinas, São Paulo, p.63-80, 2002.

KEBBI, M.; AL-HROUB, A. Stress and Coping Strategies used by Special Education and General Classroom Teachers. **International journal of special education**, v. 33, n.1, 2018.

LAZEGA, E.; HIGGINS, S. S. **Redes Sociais e estruturas relacionais.** 1. ed. – Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

LEMIEUX, V.; OUIMET, M. **Análise Estrutural das Redes Sociais**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, Epistemologia e Sociedade. 2012.

LIMONGI-FRANÇA, A.C.; RODRIGUES, A.L. **Stress e trabalho:** uma abordagem psicossomática. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009. 192p.

LINO, C. R. G.; GOMIDE, M. Organização do serviço e análise de redes sociais: estudo de caso na Vigilância em Saúde Ambiental, **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v.25, n. 2, p. 443-465, 2015.

LIPP, M. E. N. **Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress**: teoria e aplicações clínicas. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.

LIPP, M. E. N. **Globalização e mudanças**: O stress do novo milênio. IPCS, 2007. Disponível em: <http://www.estresse.com.br/publicacoes/globalizacao-e-mudancas-o-stress-do-novo-milenio>, acessado em: 17/02/2019.

LIPP, M. E. N. Soluções criativas para o stress. In: LIPP, M. E. N. (Org.). **O stress do professor.** Campinas: Papirus. 2012. p. 109-126.

LIPP, M. E. N.; TRICOLI, V. **Relacionamentos Interpessoais no Século XXI e o Stress Emocional.** Novo Hamburgo: Sinopsys. 2014. 240 p.

LIPP, M. E. N. O Stress do professor frente ao mau comportamento do aluno. In: Débora C. Fava (Org.) **A Prática da Psicologia na Escola**. BH: Ed. p. 351-372, Artesâ., 2016.

LIPP, M. E. N.; COSTA, K. R. da S. N.; e NUNES, V. de O. Estresse, qualidade de vida e estressores ocupacionais de policiais: Sintomas mais frequentes. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho.** v.17, n.1, p. 46-53. 2017.

MAFFIA, L. N.; PEREIRA, L. Z. Estresse no trabalho: estudo com gestores públicos do estado de minas gerais. **REAd**, n. 3, p. 658-680, set/dez, 2014.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.** , v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MCCARTY, C. La estructura en las redes personales. **REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales**. v. 19, n. 11, Diciembre 2010.

MELEIRO, A.M.A. da S. **O stress do professor.** In: LIPP, M. E. N. (Org.) O stress do professor. Campinas, São Paulo: Papirus, 2002.

MEZZALIRA, A. S. da C.; WEBER, M. A. L.; GUZZO, R. S. L. Educadores de Criança: Condições de Trabalho e Vida. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.33, n.3, p. 688-699, 2013.

MESQUITA, R. B. de; LANDIM, F. L. P.; COLLARES, P. M. Análise de redes sociais informais: aplicação na realidade da escola inclusiva. **Comunicação Saúde Educação**, v.12, n.26, p.549-62, jul./set. 2008.

NASCIMENTO, S. M. B.; LIRA, A. C. M. Marcos legais para a formação de professores da educação infantil e desafios à docência. **Revista Zero-a-seis**, v. 19, n. 35 p. 99 – 116, jan-jun 2017.

NUNES SOBRINHO, F. C. **O stress do professor do ensino fundamental:** o enfoque da ergonomia. In: LIPP, M. E. N. (Org.), O stress do professor. Campinas, São Paulo: Papirus, 2002.

PEREIRA, M. C. A formação continuada de professores da educação infantil em Sorocaba/SP. **Laplage em Revista (Sorocaba),** v.3, n.3, p.190-199, set.-dez. 2017.

PESSANHA, Q. P. L.; CORRÊA, C. P. Q. Estresse docente na Educação Infantil: um estudo sobre professores de creches públicas de uma cidade do Estado do Rio de Janeiro. **Revista Zero-a-seis**, v. 17, n. 32 p. 240-263, jul-dez, 2015.

POCINHO, M.; CAPELO, M. R. Vulnerabilidade ao estresse, estratégias de coping e autoeficácia em professores portugueses. **Educação e Pesquisa**, 35(2), 351-367, 2009.

PRADO, C. E. P. do. Estresse ocupacional: causas e consequências. **Rev. Bras. Med. Trab**. v. 14, n. 3, p. 285-289, 2016.

RAMOS, M. F. H. **Modelo Social Cognitivo de Satisfação no Trabalho e Eficácia Coletiva:** Percepções sobre a Docência. **Tese (**Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. UFPA. Belém, 2015.

ROMANEK, L. W.; ROCHA, L. Diagnóstico do estresse entre professores através do teste de Lipp. In: Congresso de Administração da América Latina, 1. **Anais [...]**. Ponta Grossa: Se. p. 1-10. 2015.

SADIR, M. A. e LIPP, M.E. N. As fontes de stress no trabalho. **Revista de Psicologia da IMED**, v.1, n.1, p. 114-126, 2009.

SADIR, M. A.; BIGNOTTO, M. M.; LIPP, M. E, N. Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. **Paideia**, v. 20, n. 45, p. 73-81, jan.-abr. 2010.

SADIR, M. A. e LIPP, M. E. N. Influência do treino de controle do estresse nas relações interpessoais no trabalho. **O Mundo da Saúde.** v. 37, n. 2, p. 131-140, 2013.

SANTOS, M. S. dos. **Entre risco e proteção:** eventos estressores no desenvolvimento de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas de Belém/PA. 2018. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

SCANDOLARA, T. B.; WIETZIKOSKI, E. C.; GERBASI, A. R. V.; SATO, S. W. Avaliação dos níveis de estresse e depressão em professores da rede pública do município de Francisco Beltrão – PR. **Arq. Ciênc. Saúde**, v. 19, n. 1, p. 31-38, jan./abr. 2015.

SILVA, J. P. da; DAMÁSIO, B. F.; MELO, S. L. O sentido de vida e o estresse do professorado: um estudo correlacional. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 1, p. 111- 122, 2009.

SILVA, L. C. da; SALLES, T. L. de A. O estresse ocupacional e as formas alternativas de tratamento. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 6, n. 2, Mai/Jun/Jul/Ago, 2016.

SILVA, J. S. ; SARAIVA, A. M. . Métricas de análise de redes sociais aplicadas no estudo de redes de interação polinizador-planta. In: VIII Congresso Brasileiro de Agroinformática (SBIAgro 2011), 2011, Bento Gonçalves. **Anais [...]**, 2011.

SKAALVIK, E. M.; SKAALVIK, S. Job Satisfaction, Stress and Coping Strategies in the Teaching Profession—What Do Teachers Say? **International Education Studies**, v. 8, n. 3, 2015.

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. Redes sociais de dois modos: aspectos conceituais. **TransInformação**, 25(3), p. 245-253, set./dez., 2013.

VALLE, L. E. R. do; REIMÃO, R.; MALVEZZI, S. Reflexões sobre Psicopedagogia, estresse e distúrbios do sono do Professor. **Rev. Psicopedagogia**, 28(87), p. 237-245, 2011.

VIANA, M. **Sou Educador:** Educação Infantil. 1. ed. – São Paulo: Eureka, 2015.

VIEIRA, L. F.; OLIVEIRA, T. G. As condições do trabalho docente na educação infantil no Brasil: alguns resultados de pesquisa (2002-2012). **Revista Educação em Questão,** v. 46, n. 32, p. 131-154, maio/ago, 2013.

VIEIRA, L. F.; SOUZA, G. de. Trabalho e emprego na educação infantil no Brasil: segmentações e desigualdades. **Educar em Revista**, n. especial 1, p. 119-139, 2010.

WEBER, L. N. D.; LEITE, C. R.; STASIAK, G. R.; SANTOS, C. A. da.; FORTESKI, R. **Imagens da Educação**, v. 5, n. 3, p. 40-52, 2015.

ZIBETTI, M. L. T.; PEREIRA, S. R. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista**, n. especial 2, p. 259-276, 2010.

ZORKOT, L. Estresse ocupacional e a atividade docente. **Conexão ciência (Online)**, v. 6, n. 2, p. 82-96, 2011.

ANEXOS

ANEXO A: Parecer consubstanciado do CEP - Artigo 3

UFPA - INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Estresse, Burnout e Regulação emocional: Implicações para Professores e Alunos.

Pesquisador: MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 97278718.5.0000.0018
Instituição Proponente: Universidade Federal do Pará
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.026.005

Apresentação do Projeto:

A Educação possui um papel potencialmente transformador na vida do indivíduo e da sociedade. Em detrimento da natureza do seu trabalho o educador experimenta diferentes exigências no contexto escolar em função de determinações sociais estabelecidas frente às transformações emergentes na sociedade. As dificuldades e exigências podem ser percebidas de diferentes formas, tais como: a) na falta de reconhecimento e valorização do profissional; b) nos problemas de identidade do educador ; c) nas limitações da formação, tanto inicial quanto continuada; d) na sobrecarga de trabalho, entre outros. O acúmulo desses e outros eventuais fatores pode contribuir para que o professor sinta-se insatisfeito com a profissão, abalando sua motivação.

Nos últimos anos, estudos pautados na Teoria Social Cognitiva (TSC) (BUTT, 2005; CAPRARA et al., 2003, 2006; KLASSEN; USHER et al., 2010; SHEN et al., 2011) têm evidenciado que professores que estão satisfeitos com seus trabalhos, normalmente, apresentam comportamento mais motivado e melhor desempenho da função, bem como menores níveis de estresse, ansiedade e esgotamento. Preconizada por Albert Bandura (1986), a TSC defende que as pessoas, em parte, são produtos de seus ambientes, tendo, no entanto, capacidade

para selecionar, criar e transformar as diversas circunstâncias ambientais as quais são expostas. Essa capacidade lhes permite influenciar cursos de acontecimentos, de motivar, orientar e reorientar suas ações (BANDURA, 1982, 1989; BANDURA; LINDZEI; RUNYAN, 2007). Bandura (1986) explica o funcionamento humano, a partir de processos cognitivos os quais são autorregulados e

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01-SI do ICS 13 - 2º and.
Bairro: Campus Universitário do Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br

ANEXO A: Parecer consubstanciado do CEP - Artigo 3 (Continuação)

auto reflexivos, gerando adaptações e mudanças.

Esses processos cognitivos são atividades cerebrais emergentes que exercem uma influência determinante no comportamento das pessoas. Isto porque a mente humana é geradora, criativa e reflexiva, não é apenas reativa. A TSC adota a perspectiva do indivíduo agêntico, onde o sujeito agente é capaz de influenciar intencionalmente o funcionamento e as circunstâncias da sua vida, intervindo no ambiente, por meio de um movimento

dinâmico, bidirecional entre a pessoa e o meio social (AZZI, 2012).

Nesta perspectiva teórica, considera-se que o funcionamento humano se fundamenta em sistemas sociais. Desta forma, a agência pessoal se desenvolve mediante uma ampla rede de influências socioestruturais, criando sistemas sociais para organizar, guiar e regular as atividades humanas. Estes sistemas, por sua vez, implicam em limitações, mas também em

recursos e estruturas de oportunidades para o funcionamento da agência pessoal (BANDURA, 1997). Concebe-se que a agência humana se desenvolve por meio de sistemas de crenças individuais nas quais o indivíduo precisa acreditar que é competente para exercer sua função, que é capaz de alcançar os objetivos, metas institucionais e pessoais relacionados à sua profissão, e desenvolva uma crença positiva em sua própria

capacidade de realizar com sucesso sua prática docente, desenvolvendo um perfil resiliente que consegue progredir de maneira positiva à situações adversas, visando a superação dos obstáculos (NINA, 2015). Esta crença é fundamental para que o sujeito consiga superar determinadas situações que podem trazer situações estressoras. Devido a diversas situações vivenciadas no cotidiano, o indivíduo tenta adaptar-se as mudanças que podem exigir esforço do organismo, resultando em fadiga crônica ou no mais comumente conhecido estresse. Apesar de ser relacionado a algo prejudicial, passar por desgastes na vida e reagir a eles, ou seja, a situações de estresse, é compreendido por Meleiro (2012,

p.11) como "uma reação perfeitamente normal do organismo e indispensável para a sobrevivência humana", pois ao se defrontar com fortes emoções o indivíduo busca reações psicofisiológicas para reagir e enfrentar as mais variadas adversidades. No entanto, o tempo prolongado vivenciando situações de estresse ou em contato com fatores estressores torna-se a abertura para doenças que influenciam diretamente na qualidade de vida do sujeito (MEIRA, 2012, p. 31).

Meleiro (2012) discute que os primeiros estudos sobre Estresse foram feitos por Hans Selye, que o denominou como Síndrome da Adaptação Geral (SAG), e concluiu que o stress apresenta três estágios: 1) Reação de alarme, compreendida como a fase positiva do estresse na qual o ser humano busca energia para sobreviver às situações e ao alcança-la enfrenta uma sensação de

ANEXO A: Parecer consubstanciado do CEP - Artigo 3 (Continuação)

plenitude; 2) Fase resistência, na qual o indivíduo tenta lidar com os estressores de modo a tentar manter o equilíbrio (homeostase); e 3) Fase de
esgotamento, quando os estressores são mantidos e não há procura para o enfrentamento do estresse, atingindo órgãos vulneráveis geneticamente a doenças graves. Contudo, recentemente Marilda Lipp em suas pesquisas no Laboratório de Estudos Psicofisiológicos do Stress da PUC de Campinas identificou uma quarta fase denominada fase de 4) Quase-exaustão, que ocorre entre as fases de resistência e esgotamento, e nela os fatores estressantes permanecem com frequência e intensidade, quebrando sua resistência e iniciando o processo de deterioração desses órgãos.

Sadir e Lipp (2009) perceberam em seus estudos realizados com adultos, que as fontes de stress são oriundas do stress ocupacional, que está relacionado ao trabalho, constatado nos diversos cargos exercidos. O Trabalho exige crescente necessidade de adaptação às mudanças e ao ritmoda rotina que as pessoas estão sujeitas na atualidade, o que explica aincidência de estresse em variados níveis da população em geral. Em decorrência das diversas alterações e da nova configuração organizacional no mundo do trabalho, surgem novas enfermidades relacionadas ás atividades ocupacionais, sendo, nas últimas décadas, os problemas de saúde mental os de maior expressão, dentre eles, a Síndrome de Burnout (SB), termo de origem inglesa (Burn = queimar; Out = fora) que designa algo que
deixou de funcionar por exaustão de energia (MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL, 2001). No Brasil, o Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde, que descreve as doenças relacionadas ao trabalho, utiliza a expressão Síndrome do Esgotamento Profissional ou Sensação de Estar Acabado com o mesmo significado de Burnout. O Burnout afeta, na maioria das vezes, trabalhadores que lidam diretamente com o cuidado de pessoas, como médicos, enfermeiros, psicólogos, policiais, bombeiros, etc. E atualmente é a doença mais frequente entre os profissionais da educação, tendo o professor maior notoriedade. (CARLOTTO, 2002). Este fato está diretamente relacionado às características do trabalho docente, marcado pelo contato direto e diário com alunos, pais, administração escolar e sociedade em geral, que muitas vezes vê o professor e sua prática pedagógica como aquela que dará conta de solucionar os problemas sociais, econômicos e até pessoais dos indivíduos; uma vez que, há um discurso generalizado a respeito da importância da educação para o desenvolvimento da nação. Dificuldades como estas também são discutidas no momento de formação desses professores que mesmo com essas demandas e com os problemas encontrados no processo de formação – acúmulo de trabalhos, carência de recursos para o desenvolvimento de pesquisas, algumas vezes o deslocamento para de outras
regiões – precisam encontrar uma forma de manter o equilíbrio para progredir em suas atividades.

ANEXO A: Parecer consubstanciado do CEP - Artigo 3 (Continuação)

Isso vem impactar diretamente nas emoções e no bem-estar dos profissionais e também dos professores em formação visto que a falta de equilíbrio emocional pode gerar problemas físicos e psíquicos. A emoção, advinda do termo em latim "ex movere", está ligada à aspectos sentimentais, comportamentais e regulatórios que facilitam as
relações entre os seres em uma determinada sociedade (PEREIRA, 2014). Tais emoções foram pautas de muitas discussões e pesquisas que tiveram origem na Grécia Antiga quando os estudiosos acreditavam que elas eram deveriam ser extremamente controladas para que não afetassem a capacidade de pensar do homem. A partir do séc. XX, filósofos e psicólogos redirecionaram os estudos acerca da emoção e reconheceram que o fato de emocionar-se não implica na falta de consciência, mas pode influenciar na saúde e no bem estar do indivíduo (CASANOVA et al., 2009).

Damásio (1996) destaca que o ser humano está programado a reagir com emoções a cada situação da vida, ou seja, as emoções são inatas ao homem, seja ela alegria, raiva, tristeza, medo, dentre outras. Essas emoções precisam estar em constante equilíbrio para que o indivíduo permaneça em um estado de bem-estar físico e psíquico. Para isso, faz-se necessário desenvolver estratégias que visem a regulação dessas emoções desenvolvendo processos que demonstrem a forma de trabalhar com vários níveis de emoções, tanto negativas quanto positivas (KOPP, 1989).

A Sociedade Brasileira de Inteligência Emocional (SBIE) destaca a importância dessa regulação por meio a inteligência emocional afim de que se conquiste uma qualidade de vida e o indivíduo consiga estar saudável mesmo com as demandas do trabalho, da escola, da família, etc. Sendo assim, este projeto de pesquisa visa responder as seguintes questões: a) quais as percepções docentes sobre o Estresse, Burnout, a autorregulação, às crenças de eficácia e sua satisfação com o trabalho e com a vida? b) Que fatores estão associados aos estados afetivos e à saúde emocional docente? c) Quais as implicações dos estados afetivos e da saúde emocional para a satisfação no trabalho docente e para o
desempenho dos professores? Os estudos que compõem este projeto serão desenvolvidos com professores das redes Municipais de Educação de Belém e Ananindeua, e alunos de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Pará.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a prevalência do Estresse e do Burnout em professores da Educação Básica e sua relação com as redes sociais pessoais, a autoeficácia e a regulação emocional.

ANEXO A: Parecer consubstanciado do CEP - Artigo 3 (Continuação)

Objetivo Secundário:

Ampliar os estudos sobre a prática docente na Educação Básica na perspectiva da Teoria Social Cognitiva;
Levantar a prevalência do estresse e do Burnout;
Identificar os níveis de estresse e de Burnout;
Construir as redes sociais pessoais com auto e baixo nível de estresse;
Associar os índices de estresse na constituição das redes sociais pessoais;
Analisar quais os principais fatores de influência para incidência da Síndrome de Burnout em professores;
Verificar as dimensões da Síndrome de Burnout nos professores de Educação física e relacionar com as variáveis sociodemográficas e suas condições de trabalho;
Analisar a percepção de autoeficácia, satisfação no trabalho e com a vida nos professores e verificar se funcionam como variáveis mediadoras entre as condições sociodemográficas e de trabalho e o desenvolvimento do Burnout;
Investigar o papel da formação inicial para o desenvolvimento de uma autoeficácia elevada e para prevenção da SB nos professores de Educação Física;
Identificar os níveis de regulação emocional referente à alegria, raiva e tristeza utilizadas por alunos de pós-graduação;
Medir o nível de satisfação desses alunos;
Apontar os níveis de afeto positivo apresentados por estes alunos;
Identificar os níveis de humor dos alunos;
Construir Redes sociais pessoais de alunos com maior e menor regulação emocional; Associar os índices da regulação emocional com a composição das Redes sociais pessoais e o desempenho desses alunos

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Todos os cuidados serão tomados a fim de garantir qualquer tipo de dano aos participantes, pois, entende-se que existem riscos, ainda que mínimos, decorrentes de pesquisas que envolvem seres humanos. Nesta pesquisa, os possíveis riscos são constrangimentos aos participantes ou quebra de sigilo dos dados da pesquisa. No caso do risco envolvendo constrangimento, os participantes terão suporte psicológico. Para evitar a quebra de sigilo, os arquivos contendo os dados da pesquisa serão de acesso exclusivo do pesquisador e serão protegidos com senha.

ANEXO A: Parecer consubstanciado do CEP - Artigo 3 (Continuação)

UFPA - INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO

Continuação do Parecer: 3.026.005

Benefícios:

Entende-se que este estudo oferecerá à comunidade educacional, representada nas categorias dos professores, diretores de escolas, alunos e pais, conhecimentos importantes para o melhoramento dos desempenhos de docentes e alunos e para o aprimoramento das relações desenvolvidas no ambiente escolar, potencializando os resultados de ensino. Desta forma, o diferencial desta pesquisa reside na ampliação dos estudos sobre Estresse, Burnout e a Regulação emocional de professores e alunos pós-graduandos, em nível individual e coletivo e clima organizacional escolar, bem como entrega à comunidade científica e educacional de dados que poderão ser utilizados em futuras pesquisas e no aperfeiçoamento das instituições de ensino

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa de relevância científica,educacional e social. Traz contribuições para o Sistema Único de Saúde haja vista que o estudo refere-se ao Estresse, Burnout e a Regulação emocional de professores e alunos pós-graduandos, em nível individual e coletivo os quais estão relacionados com a saúde do trabalhador da Educação .

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios estão de acordo com a Resolução CNS Nº 466/2012

Recomendações:

Não aplica-se

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto somos pela aprovação do protocolo. Este é nosso parecer, SMJ.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1194820.pdf	30/08/2018 19:01:12		Aceito
Outros	CARTADEACEITEORIENTADOR.pdf	30/08/2018 18:59:52	MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS	Aceito
Outros	consentimentoufpa.pdf	30/08/2018 18:56:48	MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS	Aceito
Outros	TERMOISENCAO.pdf	30/08/2018 18:56:11	MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS	Aceito
Outros	encaminhamentoscan.pdf	30/08/2018 18:50:40	MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS	Aceito

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01-SI do ICS 13 - 2º and.
Bairro: Campus Universitário do Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br

ANEXO A: Parecer consubstanciado do CEP - Artigo 3 (Conclusão)

UFPA - INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO

Continuação do Parecer: 3.026.005

Declaração de Pesquisadores	compromissopesquisador.pdf	30/08/2018 18:48:50	MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOCOMITEatualizado.docx	30/08/2018 18:48:06	MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostook.docx	06/08/2018 16:26:22	MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS	Aceito
Outros	ESCALASEQUESTIONARIOSPROJETOCOMITE.docx	06/08/2018 16:02:25	MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEok.docx	06/08/2018 15:55:15	MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	06/08/2018 15:54:07	MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

BELEM, 19 de Novembro de 2018

Assinado por:
Wallace Raimundo Araujo dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01-SI do ICS 13 - 2º and.
Bairro: Campus Universitário do Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br

ANEXO B – Questionário de Caracterização dos participantes -Artigo 3

Questionário de caracterização dos participantes (Guerreiro-Casanova, 2011)

1. Escola:..... (Para uso do pesquisador)

2. Função:( ) diretor(a) ( ) vice-diretor(a) ( )coordenador(a) pedagógico(a) ( ) professor(a)

3. Atua nessa função há quanto tempo? .....anos.

4. Atua nessa escola há quanto tempo? ..... anos .

5. Leciona ou é gestor para quais séries?
.....

6. Formação: ( ) pedagogia ( ) licenciatura em .....

   ( ) especialização ( ) mestrado ( ) doutorado

7. Idade: ..... anos. Sexo: ( ) feminino ( ) masculino

8. Tempo de experiência docente: ..... anos.

9. Duração da jornada de trabalho semanal: ..... horas por semana

10. Essa jornada de trabalho é cumprida:

( ) apenas nessa escola ( ) nessa escola e em outra(s) pública(s)

( ) nessa escola e em outra(a) privada ( ) nessa escola e em outras públicas e/ou privadas

11. Atualmente, qual o seu número médio de alunos por turma?

( ) 30 alunos ( ) 35 alunos ( ) 40 alunos ( ) 45 alunos ( ) 50 alunos ( ) mais de 50 alunos

12. Você considera a infraestrutura (prédio, biblioteca , laboratórios, sala de aula, pátio, quadra, dentre outros) dessa escola como:

( ) muito adequada ( ) adequada ( ) pouco adequada ( ) insuficiente

12.1.Por favor, comente a sua opinião sobre a infraestrutura desta escola:

.....
.....

13. Você concorda com a política de avaliação da secret aria de educação estadual contemplada pelo Índice de

Desenvolvimento de Educação de São Paulo (IDESP) ? ( ) sim ( ) não

13.1 Por quê?.....

.....

14. Tem disponibilidade para dar uma entrevista em outr o dia, com horário agendado?( ) sim ( ) não

14.1 Se sim, por favor, indique um telefone ou um e -mail para entrarmos em contato com você:

.....

Referência para citação:

GUERREIRO-CASANOVA, D. C. Eficácia Individual e Coletiva de Docentes e Gestores no Ensino Médio . 2011. 116f. Projeto de Qualificação (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campin as, 2011.

Informações sobre o Questionário de caracterização dos participantes:

Este questionário pretende obter informações sobre as características pessoais e profissionais dos participantes. Trata-se de um questionário com perguntas objetivas em relação à: idade, gênero, tempo de exercício do magistério, tipo de formação profis sional tipo de vínculo empregatício, tempo dedicado à jornada de trabalho, histórico educacion al, dentre outras características pessoais e profissionais. Também apresenta questões que visam obter a percepção dos participantes sobre a infraestrutura da escola em que atuam e a política de avaliação externa aplicada às escolas.

A pergunta 13 “Você concorda com a política de avaliação da secret aria de educação estadual contemplada pelo Índice de Desenvolvimento de Educação de São Paulo (IDESP)?” é específica sobre a política de avaliação externa realizada pela Secretaria de Educ ação Estadual de São Paulo. Para utilizar esse questionário em outro estado, sugere-se alterar essa pergunta, de modo a se obter a percepção dos participantes sobre a política de avaliação externa à qual a escola em que tais participantes atuem esteja incluída.

ANEXO C: Declaração de autorização de uso do IEP (WEBER *et al.*, 2015) – Artigo 3

DECLARAÇÃO

Declaro aos devidos fins que eu, **Lidia N. D. Weber**, encaminhei e autorizei o uso da versão traduzida do instrumento *Teacher Stress Inventory - TSI* (FIMIAN, 1988), que foi traduzido por mim e minha equipe (Weber; Leite; Stasiak; Santos; Forteski, 2015), à Luciana Amaral Garcia, que usará em sua pesquisa de Mestrado intitulada "Estresse em Professores de Educação Infantil" vinculada à instituição de ensino "Universidade Federal do Pará".

Curitiba, 27 de abril de 2018.

Lidia N. D. Weber

ANEXO D – Inventário de Estresse do Professor - Artigo 3

UFPA – SETOR DE EDUCAÇÃO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

INVENTÁRIO DE ESTRESSE DO PROFESSOR - IEP

A seguir, são apresentadas algumas preocupações do/a professor/a. Quanto mais forte for o seu sentimento diante da situação apresentada nas frases que se seguem, maior deve ser o número que você deverá marcar um "X", sendo que o número 5 representa a maior intensidade. Se, por outro lado, você não passou ou não sentiu o que é colocado na frase, faça um "X" nos números menores conforme a sua percepção; o número 1 representa a menor intensidade.

(1) Não sinto (2) Sinto pouco (3) Sinto moderadamente (4) Sinto muito (5) Sinto extremamente forte

ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO						
1	Eu assumo facilmente compromissos além da conta.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
2	Eu fico impaciente se outras pessoas fazem as coisas devagar.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
3	Eu tento fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
4	Eu tenho pouco tempo para relaxar e aproveitar o dia.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
5	Quando eu converso com alguém penso sobre outros temas não relacionados.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
6	Eu me sinto desconfortável quando desperdiço tempo.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
7	Não há tempo suficiente para terminar as coisas.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
8	Eu falo muito rápido.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

ESTRESSORES RELACIONADOS AO TRABALHO						
9	Há pouco tempo para preparar minhas aulas / responsabilidades.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
10	Há muito trabalho a fazer.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
11	O dia-a-dia da escola é muito rápido.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
12	Minha turma é muito grande.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
13	Minhas prioridades pessoais são deixadas de lado por falta de tempo.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
14	Há tarefas administrativas demais no meu trabalho.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

ANSIEDADE PROFISSIONAL						
15	Me faltam oportunidades de promoções ou progressões.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
16	Eu não estou progredindo em meu emprego tão rápido quanto gostaria.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
17	Eu tenho necessidade de mais *status* e respeito em meu emprego.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
18	Eu recebo um salário inadequado pelo trabalho que faço.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
19	Eu sinto falta de reconhecimento pelo trabalho extra e/ou boas aulas que ministro.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

ANEXO D – Inventário de Estresse do Professor - Artigo 3 (Continuação)

DISCIPLINA E MOTIVAÇÃO: Eu me sinto frustrado(a)...						
20	... pelos problemas de indisciplina na minha classe.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
21	... por ter que monitorar o comportamento dos meus alunos.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
22	... porque alguns alunos poderiam ser melhores se tentassem.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
23	... por tentar ensinar alunos pouco motivados.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
24	...porque os problemas de indisciplina são definidos/tratados de modo inadequado.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
25	...quando minha autoridade é rejeitada pelos alunos ou administração da escola.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

INVESTIMENTO PROFISSIONAL						
26	Minhas opiniões pessoais não são suficientemente consideradas.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
27	Eu sinto falta de ter controle das decisões tomadas sobre minha classe ou a escola.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
28	Eu não me sinto emocionalmente/intelectualmente estimulado(a) no meu emprego.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
29	Eu sinto falta de aperfeiçoamento profissional.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

MANIFESTAÇÕES EMOCIONAIS: Eu reajo ao estresse...						
30	... sentindo-me inseguro(a).	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
31	... sentindo-me vulnerável.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
32	... sentindo-me incapaz de enfrentar a situação.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
33	... sentindo-me deprimido(a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
34	... sentindo-me ansioso(a)	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

MANIFESTAÇÕES DE CANSAÇO: Eu respondo ao estresse...						
35	...dormindo mais que o normal.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
36	... adiando tarefas.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
37	... ficando cansado(a) em pouco tempo.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
38	... com exaustão física.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
39	... com fraqueza física.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

MANIFESTAÇÕES CARDIOVASCULARES: Eu respondo ao estresse...						
40	... sentindo aumento da pressão sanguínea.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

AMEXO D – Inventário de Estresse do Professor - Artigo 3 (Conclusão)

41	...sentindo o coração acelerado ou batendo mais forte.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
42	... com respiração difícil ou acelerada.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

MANIFESTAÇÕES GASTROINTESTINAIS: Eu respondo ao estresse...						
43	... com dor de estômago de longa duração.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
44	... com cólicas estomacais.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
45	... com acidez estomacal /azia.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS: Eu respondo ao estresse...						
46	... uso medicamentos que não precisam de prescrição médica.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
47	... uso medicamentos prescritos por médicos.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
48	... uso bebida alcoólica.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
49	... ligo para o trabalho dizendo que estou doente.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

DADOS PESSOAIS

50. Sexo: ( ) F ( ) M **51.** Idade: _____

52. Há quantos anos você é professor?

53. Quantos alunos você têm por dia? _____

54. Em qual nível você ensina? ( )Educação Infantil ( )Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio

55. Qual é sua maior formação? ( ) Licenciatura ( )Especialização ( )Mestrado ( ) Doutorado

56. Você e seus colegas de trabalho auxiliam-se mutuamente quando há necessidade?
( ) Sim ( ) Não

57. Você e seus chefes auxiliam-se mutuamente quando há necessidade?
( ) Sim ( ) Não

58. Em quantas escolas você atua? ( ) Uma escola ( ) Duas escolas ( ) Três ou mais escolas

59. Você tem alunos de inclusão? ( ) Sim ( ) Não – Se sim, quantos?__

60. Se tem alunos de inclusão, de que tipo? _____

61. Escreva três palavras que você acha que estão associadas a "ser professor/a": (use o verso da folha, por favor)

62. O que é ser um/a bom/boa professor/a? (use o verso da folha, por favor)

63. O que mais gostaria de acrescentar? (use o verso da folha, por favor)

Agradecemos a sua colaboração com a pesquisa! ☺

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de consentimento livre e esclarecido - Artigo 3

TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto: *Estresse em Professores de Educação Infantil*

Caro (a) participante,

Estamos convidando você a participar da pesquisa intitulada "**Estresse em Professores de Educação Infantil"**, realizada pela Universidade Federal do Pará. A pesquisa em questão tem como objetivo perceber os níveis de estresse dos professores de educação infantil, através da construção de suas redes sociais pessoais de professores com altos e baixos níveis de estresse, associando os índices de estresse na constituição das redes sociais pessoais.

Sua **participação é voluntária**, ou seja, você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso decida aceitar o convite, você passará por momentos de preenchimento de questionários, com perguntas a respeito do seu dia-a-dia como professor, e perguntas a respeito dos seus dados sócio-demográficos, com duração, em média de 10 a 20 minutos, para tanto serão utilizados instrumentos como: (a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE; (b) Inventário de Estresse do Professor; (c) Questionário de caracterização. Além disso, informamos que o tempo estimado para realização da pesquisa é de 24 meses, sendo que o tempo de sua participação é restrito ao período de aplicação dos instrumentos.

Esperamos que a pesquisa forneça dados importantes sobre aspectos das dificuldades e demandas da rotina de trabalho de professores e de aspectos psicológicos envolvidos para fundamentar os programas de intervenção e apoio ao docente.

Todas as informações obtidas serão **sigilosas** e seus nomes não serão identificados em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes. Se houver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode contatar os pesquisadores envolvidos neste estudo pelo telefone (91) 992848764 - Profa Dra Maély Ferreira Holanda Ramos.

Convido você a tomar parte da pesquisa apresentada. Ressalto que em qualquer momento da pesquisa, será possível interromper sua participação sem qualquer problema ou retaliação, solicita-se apenas que seja avisada sua desistência.

Coordenador da Pesquisa: Profa. Dra. Maély Ferreira Holanda Ramos
Fone: (91) 992848764

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Ananindeua _____/_____/_____

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente, consentindo que as entrevistas sejam registradas e os dados utilizados para análise e discussões científicas. Declaro, ainda, para os devidos fins, que a pesquisadora Profª. Drª. Maély Ferreira Holanda Ramos me concedeu o prazo de 2 (dois) dias para refletir, inclusive, juntamente com seus familiares, sobre as conveniências ou inconveniências de participar da pesquisa denominada Estresse em Professores de Educação Infantil, para o que me antecipou o(s) questionário(s) a que responderei, se aceitar colaborar com a pesquisa.

_____

Assinatura do (a) Participante

APÊNDICE B: Ofício para solicitar informações e acesso às escolas - Artigo 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Belém, 04 de Abril de 2018.

A Secretária de Educação de Ananindeua/PA.

Senhora Diretora.

Eu, Maely Ferreira Holanda Ramos, SIAPE 2244246, Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará, efetiva no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, cumprimento vossa senhoria e, na oportunidade, apresento a discente [illegible] Amaral Garcia, regularmente matriculada - nº 20180577011 - neste programa (curso de Mestrado), área de Formação de Professores, Trabalho Docente, Teorias e Práticas Educacionais, sob minha orientação.

A aluna está desenvolvendo uma pesquisa relacionada ao Estresse em Professores de Educação Infantil, onde haverá a aplicação de um instrumento que identifica níveis de Estresse em professores de educação infantil deste município. Sendo assim, venho por meio deste solicitar o acesso da aluna aos dados sobre a localização das escolas do município, número de professores e alunos nas escolas, bem como acesso aos professores para realização de coleta de dados através do questionário. Enfatizamos que todos os critérios éticos serão respeitados, tais como o anonimato dos participantes e que não haverá custos financeiros para os envolvidos.

Congratulando vossa senhoria e equipe, colocamo-nos à disposição e agradecemos a receptividade e guarida à nossa solicitação.

Atenciosamente.

MAELY FERREIRA HOLANDA RAMOS
Professora Doutora PPGED e PPGSP/UFPA

Maely Ferreira Holanda Ramos
Vice-Diretora
Faculdade de Educação-UEPA

Deferido
[illegible] 04. 2018

Telefone: 99389-7899
[illegible]2504@gmail.com

Scanned with CamScanner

APÊNDICE C: Questionário Sociométrico – Artigo 3

Questionário Sociométrico

a) Caracterização:

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Religião:
5. Raça/Etnia:
6. Estado Civil:
7. Possui filhos? ( ) Sim ( ) Não Quantos? _____
8. Você possui uma rotina diária intensa? SIM ou NÃO;
9. Qual sua Ocupação? _____
10. Qual a sua carga horária semanal de trabalho? _____
11. Você trabalha em uma empresa pública ou privada? _____
12. A quanto tempo atua nesta profissão?_____ Quanto tempo trabalha no atual emprego?_____
13. Já precisou pedir afastamento do trabalho? SIM ou NAO; 12.1. Por qual motivo?
14. Você costuma se sentir estressado na sua CASA? Em qual intensidade : (0)Nenhum estresse (1)Pouco estresse (2)Moderado estresse (3)Muito estresse (4) Extremo estresse
15. Você costuma se sentir estressado na sua VIZINHANÇA? Em qual intensidade : (0)Nenhum estresse (1)Pouco estresse (2)Moderado estresse (3)Muito estresse (4) Extremo estresse
16. Você costuma se sentir estressado na CASA DE FAMILIARES? Em qual intensidade : (0)Nenhum estresse (1)Pouco estresse (2)Moderado estresse (3)Muito estresse (4) Extremo estresse
17. Você costuma se sentir estressado na CASA DE AMIGOS? Em qual intensidade : (0)Nenhum estresse (1)Pouco estresse (2)Moderado estresse (3)Muito estresse (4) Extremo estresse
18. Você costuma se sentir estressado em PASSEIOS/FESTAS/ENCONTROS? Em qual intensidade : (0)Nenhum estresse (1)Pouco estresse (2)Moderado estresse (3)Muito estresse (4) Extremo estresse
19. Você costuma se sentir estressado no seu TRABALHO? Em qual intensidade : (0)Nenhum estresse (1)Pouco estresse (2)Moderado estresse (3)Muito estresse (4) Extremo estresse
20. Você costuma se sentir estressado na ESCOLA/UNIVERSIDADE? Em qual intensidade : (0)Nenhum estresse (1)Pouco estresse (2)Moderado estresse (3)Muito estresse (4) Extremo estresse

APÊNDICE C: Questionário Sociométrico – Artigo 3 (Conclusão)

21. Você costuma se sentir estressado em AMBIENTES COMERCIAIS (bancos, supermercado, farmácia, padaria, etc.)? Em qual intensidade: (0)Nenhum estresse (1)Pouco estresse (2)Moderado estresse (3)Muito estresse (4) Extremo estresse
22. Você já esteve em alguma situação no trabalho em que sentiu que a atividade que você estava realizando não caracterizava a função docente? Já vivenciou "desvio de função" no trabalho?

b) Gerador de Nomes:

1. Cite 20 pessoas com as quais você mantém/manteve algum tipo de contato (pessoal/virtual, como telefone ou whatsapp, por exemplo) no último mês. Você pode mencioná-las utilizando seus nomes, apelidos, ou como "conhecidos", mas devem ser pessoas com as quais você se sentiria à vontade para iniciar uma conversa informal caso necessário.

c) Atributos Diádicos:

1. Quão próximo(a) você é das pessoas listadas por você: 1= distante; 2=próxima

2. Qual o tipo de vínculo entre você e a pessoa mencionada?
   a. Familiar
   b. Amizade
   c. Vizinho
   d. Colega de Trabalho
   e. Colega da Escola/Universidade
   e. Conhecido

3. Supondo que ao final do dia, depois de sua rotina estressante, você queira desabafar com alguém a respeito do estresse que vem sentindo.
   a. Você procuraria esta pessoa para lhe ajudaria a diminuir o seu estresse?
   b. Qual o nível de estresse esta pessoa lhe causa ?(0)nenhum estresse (1)pouco estresse (2) moderado estressado (3)muito estresse (4)Extremo estresse

d) Dados relacionais alteri-alteri:

1. Essas pessoas que você citou possuem qual vínculo:
   a. Não se conhecem
   b. Familiar
   c. Amizade
   d. Vizinho
   e. Colega de Trabalho
   f. Conhecido
2. Avalie o grau de conhecimento/proximidade entre as pessoas listadas por você: Não se conhecem (0); Se conhecem (1); Se conhecem muito (2);